

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS QUE FORAM PARA VOLTA
REDONDA EM BUSCA DE TRABALHO**

RAFAELA DA SILVA ALVES

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PPGPSI - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS QUE FORAM PARA
VOLTA REDONDA EM BUSCA DE TRABALHO

Sob a orientação do Professor
Ronald Clay dos Santos Ericeira

Dissertação submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau **de Mestre em**
Psicologia do Programa de Pós-graduação em
Psicologia.

Seropédica, RJ

2016

302
A474m
T

Alves, Rafaela da Silva, 1982-
Memórias e histórias de vida de idosos que foram para Volta Redonda em busca de trabalho / Rafaela da Silva Alves. – 2016.
156 f.: il.

Orientador: Ronald Clay dos Santos Ericeira
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, 2016.
Bibliografia: f. 114-118.

1. Psicologia social – Teses. 2. Memória coletiva – Volta Redonda (RJ) – Teses. 3. Idosos – Volta Redonda (RJ) – Teses. 4. Volta Redonda (RJ) - História – Teses. 5. Trabalho - Volta Redonda (RJ) – Teses. I. Ericeira, Ronald Clay dos Santos, 1977- II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PPGPSI - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RAFAELA DA SILVA ALVES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Psicologia**, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/09/2016 (Data da defesa)

Prof.Dr Ronald Clay dos Santos Ericeira (UFRRJ)
Orientador

Prof.^a Dr.^a Carla Cristine Vicente (UFRRJ)

Prof.^a Dr.^a Lidiane de Oliveira Goes (FioCruz).
Banca

*Se as realizações se devem aos sonhos, dedico aos sonhos.
E a habilidade de Sonhar... Sempre!*

Agradeço...

Ao meu Pai, diante desse processo estruturado, estruturante e desestruturante que é o mestrado. Em dias de poucos motivos, e baixas mobilizações... Estava conversando sobre a pesquisa no almoço de domingo, meu pai comenta a mesa: “É, olha o tempo que eu perdi longe de vocês.” E todo o sentido veio à tona! Sei da importância do meu estudo na sua vida.

À minha mãe mulher que aprendi sobre recomeços, obstinação, a dançar e a cantar a vida.

Ao meu avô Elias (*in memoriam*), no meio disso e de uma saudade imensa lembro-me da sua voz dizendo: A Rafaela é inteligente! Ela vai ser doutora. Sei que era só uma fala de avô, mas sou grata à sua história, seus anseios e por esperar de mim o que eu nem imaginava ser... Grata por compartilhar comigo sua vida de antes e o depois da minha chegada ao mundo.

Às vidas e as histórias de Bernardino, Antônio e Nequinha, velhos que contribuíram para este trabalho; e a todas as histórias que só me atravessaram e me arrastaram a pensar/realizar desde o projeto até isso tudo aqui.

Às presenças de não apenas Professores, mas condutores de sonhos, imensamente grata ao Ronald Ericeira por acreditar e estar comigo integralmente e ainda me ensinar a gostar de Maria Bethania. À Tatiana Ramminger, que até em sonhos segue a tatear meus ideais, “tatiando” mesmo de lá. (*in Memoriam*) À Maria Augusta Tavares organizando anseios, clarificando ideias, transformando dúvidas em justificativas e magicamente me ensinando a transformar desde o projeto de Pesquisa/Vida até a esta dissertação.

À vida dos amigos, corações que embalam o meu, cada um à sua maneira me dando à eterna certeza do cuidado de Deus e que se a gente se perder no caminho: Deus vem ao nosso encontro. Agradeço imensamente a TODOS os meus amigos! Em especial Alex e Daniela pela competência não só de amigos, mas também pela competência profissional.

As cachoeiras, aos ventos e aos acarajés para dar conta desses “furdunços” da vida.

Aos céus de Santa Isabel, aos sorrisos das crianças e a muitos outros...

Agradeço a Deus que move tudo isso pra eu estar aqui feliz, realizada e principalmente me sentir tão grata à vida, que é esse troço todo, tão suscetível e fascinante, essa eterna construção. Que me permite ser atravessada por tanta vida...

RESUMO

ALVES, Rafaela da Silva. **Memórias e histórias de vida de idosos que foram para Volta Redonda em busca de trabalho**. RJ. 2016. 156p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGSI). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

Este estudo ao reconstruir as memórias de idosos, tem o trabalho como fio condutor de suas trajetórias de vida, produzindo a possibilidade de compreender o desenvolvimento sócio-histórico do município de Volta Redonda além de desvelar diferentes processos de envelhecimento e de vida que acontecem nesta cidade. Propõe-se ainda a refletir os modos de como vivem os idosos nesta cidade e a relação da cidade com estas memórias. Parte-se do princípio teórico que o idoso tem a função social de lembrar e aconselhar, assim como ligar o que foi e o porvir. Nessa perspectiva, apresentam-se as experiências de vida de três idosos, pautando-se em suas histórias de vida, esses guardiões da memória, vindos para a cidade à procura de trabalho na quarta década do século passado, discute-se temas como: memória social, família, envelhecimento e trabalho. As histórias de vida ilustram toda a realidade da década da construção da Companhia Siderúrgica Nacional, a grande siderúrgica a CSN, os sentimentos, os modos agir e pensar diante desse processo que foi intrínseco a construção da cidade, que foi desenvolvida com vistas a atrair pessoas e acomodar essas pessoas, trabalhadores e famílias. Nesta pesquisa evidenciam-se as repercussões sociais desses interlocutores tanto no tempo do trabalho e no envelhecimento, bem como as suas experiências sendo permeadas por uma instituição.

Palavras-chave: Memória, Envelhecimento, Volta Redonda, Trabalho.

ABSTRACT

ALVES, Rafaela da Silva. **Memories and life stories of seniors who went to VoltaRedonda in search of work.** RJ. 2016. 156p. Dissertation (Master in Psychology). Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

This study, when reconstructing the memories of the elderly, has the work as the guiding thread of their life trajectories, producing the possibility of understanding the socio-historical development of the municipality of Volta Redonda and revealing the different processes of aging and life that take place in this city. It is also proposed to reflect the ways in which the elderly live in this city and the city's relationship with these memories. It is based on the theoretical principle that the elderly have the social function of remembering and advising, as well as connecting what was and what is to come. In this perspective, we present the life experiences of three elderly people, based on their life histories, these guardians of memory, who came to the city looking for work in the fourth decade of the last century, we discuss themes such as memory Social, family, aging and work. The life histories illustrate the whole reality of the decade of the construction of the National Steel Company, the great steel company to CSN, the feelings, the ways to act and think before this process that was intrinsic the construction of the city, which was developed with a view to attracting people And accommodate these people, workers, and families. This research evidences the social repercussions of these interlocutors both in the time of work and in aging, as well as their experiences being permeated by an institution.

Keywords: Memory, Aging, Volta Redonda, Work.

LISTA DE SIGLAS

AAP-VR	Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda;
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional;
CPSI	Centro de Promoção em Saúde do Idoso;
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museu;
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas;
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Centro Odontológico – AAP-VR em 2016. Edifício que trabalhei como recepcionista, e ouvi as primeiras histórias a partir de 2002. Fonte: www.aapvr.com.br;

Figura 2 Hotel das Enfermeiras, 1942, Volta Redonda.

Figura 3 Esta imagem faz referência à cidade. Digitar Volta Redonda e iniciar uma pesquisa virtual esta é primeira imagem que aparece.

Figura 4 Localizada na Praça Brasil em Volta Redonda-RJ, esta estátua é inaugurada em 1957. O trabalhador, homenagem a você trabalhador nossa gratidão.

Figura 5 Trabalhadores

Figura 6 Itabira- MG pertence à Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, mapa com distância entre Itabira- MG e Volta Redonda – RJ

Figura 7 Construção de linha férrea, ainda hoje funciona no transporte dentro da CSN. Uma das primeiras atividades que o nosso primeiro interlocutor realizou; “soca de linha”.

Figura 8 Inhapim – MG possui segundo IBGE aproximadamente 25 000 habitantes, Zona da mata Mineira, mapa com distância entre Inhapim - MG e Volta Redonda – RJ.

Figura 9 Foto proveniente do acervo do museu do trabalhismo, divulgado em redes sociais. Volta Redonda.

Figura 10 Lavras – MG, muitos trabalhadores da época vieram dessa cidade mineira, mapa com distância entre Lavras - MG e Volta Redonda – RJ.

Figura 11 Construção do Escritório Central

Figura 12 Esta imagem foi feita por uma artista da cidadã em 2007, faz alusão a estátua da praça Brasil, os trabalhadores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
METODOLOGIA.....	21
Os Interlocutores	23
As histórias	24
A história metodológica desta pesquisa.....	27
CAPITULO I - O TRABALHO	29
1.1. A concepção do Trabalho na década 1940.....	30
1.2. Volta Redonda uma cidade ou uma Usina?.....	34
1.3. Dos trabalhadores rurais aos primeiros aposentados industriais.....	38
CAPITULO II – OS ARIGÓS.....	45
2.1. Quando eu vim para cá (BERNARDINO).....	48
2.2. Eu nasci na Roça, é uma boa experiência(ANTÔNIO).....	50
2.3. Eu tinha tudo para ser bom aluno (NEQUINHA).....	53
2.4. As histórias que entrelaçam a vida em Minas	55
2.5. As histórias que entrelaçam a vida na CSN	63
CAPITULO III - ENVELHECER	92
3.1. As histórias que entrelaçam a vida na Velhice em Volta Redonda.....	95
3.2. Os amores que nunca encontrei.. ..	102
3.3. Os espaços que ainda procuro	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
ANEXOS:	
Anexo 1 – Pré-Roteiro de Entrevista.....	118
Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e esclarecido	119
Anexo 3 – AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS TRABALHADORES	121

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa séria leva a reunir o que o vulgo separa, e distinguir o que o vulgo confunde. (BOURDIEU, 1999, p. 25).

É desafiador ponderar sobre o momento exato da experiência onde se aguça a curiosidade do pesquisador para estudar as problemáticas extraídas da vida prática. Percebe-se, nesta trajetória, que existem caminhos menos demarcados, mas que a direção se faz no provir, na caminhada. Essa dissertação parece traçar-se paralelamente a minha vida, como um contínuo e junto; ora as inquietações pareciam entrelaçar a linha da vida, mas volta depois em distância saudável. Desloca-se da experiência e almeja um estranhamento, e deste o objetivo de construir novas formas de compreensão da sociedade e de si mesma. Sou antes de Psicóloga, uma Volta Redondense¹, neta de Arigó² e filha de trabalhador da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

Assim, o trabalho formal³ transversa a minha vida, a vida do meu pai, e a do meu avô e de muitos outros. O meu primeiro emprego se dá em um lugar de importância histórica em Volta Redonda: um prédio que por muito tempo abrigou os empregados da CSN; os hotéis. No lugar que inúmeras vezes acompanhei meus pais e avós em consultas: na Associação de Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda (AAP-VR)⁴. É na recepção, nos atendimentos aos idosos, que a pesquisa se inicia, em cada depoimento dos idosos que espontaneamente descreviam sobre a cidade de antigamente, e sobre o que funcionava naquele Edifício⁵. Em 2008, a Psicologia passou a pautar minha vida, e agora meus ouvidos e meus trabalhos já delimitavam melhor o que aqueles senhores diziam naquela época na recepção.

1 Pessoa natural de Volta Redonda, município do Estado do Rio de Janeiro.

2 É o nome popularizado atribuído aos trabalhadores que vieram para Volta Redonda na construção da Usina Presidente Vargas (CSN) em meados de 1940, a primeira Usina de Aço do Brasil. Marco da industrialização do Brasil. É o nome de um passaré de arribação.

3 Consiste em trabalho com registro em carteira assinada com todos os direitos trabalhistas garantidos.

4 Associação de Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda, criada em 1973, é uma entidade de utilidade pública e filantrópica, que tem o objetivo prestar assistência aos seus associados, na sua maioria são aposentados e Pensionistas de trabalhadores da CSN.

5 Essa sede específica está localizada na Rua: Trinta e Três Nº51 na Vila Santa Cecília. Em 2002, quando trabalhei lá, era atendimento médico ambulatorial, mas na década de 1950 era o hotel das enfermeiras (funcionárias do hospital da CSN).



Figura 1 – Centro Odontológico – AAP-VR em 2016. Edifício que trabalhei como recepcionista, e ouvi as primeiras histórias a partir de 2002. Fonte: www.aapvr.com.br



Figura 2 – Hotel das Enfermeiras, 1942, Volta Redonda.

As histórias prosseguiram me encontrando, e em 2010 elas começam a chegar aos grupos onde atuei como Psicóloga. Especialmente em um grupo de estimulação de processos cognitivos em idosos, os relatos do tempo antigo, onde estes idosos trabalhavam se interpelavam as tardes. Nessa atuação, o objetivo era estimular, entre outras funções, a memória, algumas vezes através da terapia de reminiscências. Esta ocorre de modo espontâneo, como um simples ato de recordar uma experiência. No entanto, naquele grupo,

era utilizada como ferramenta de evocação orientada para acontecimentos passados. Nas intervenções com idosos, tal terapia é utilizada de forma preventiva, ou ainda com vistas a reabilitar, em situações patológicas.

Deste modo, tanto a estrutura como as funcionalidades subjacentes à reminiscência são reguladas e moldadas em função das expectativas e limites sociais, bem como da situação histórica, revestindo-se este, que é um processo individual, de significado social e de partilha cultural (SHAVER & TANCREDY, 2001).

A partilha cultural acontecia nas tardes de quintas-feiras. As recordações saíam da sala e passavam pelo tempo do trabalho e chegavam às viagens imaginárias com destino às cidades mineiras, com direito a passeios gastronômicos. Essas lembranças eram intensas, e o ponto final acabava por ser o torresmo. Este era a forma que tínhamos de apagar⁶ dos devaneios e do tempo gostoso de Minas Gerais. Pronto! Voltava-se ao presente. Torresmo não é saudável. E sabe o que vem depois do torresminho? A cachacinha mineira.

Estávamos em uma instituição⁷ que promove saúde. Não podíamos continuar o papo, torresmo tem gordura e a cachaça é bebida alcoólica, só com moderação, para o idoso então, quiçá um golinho! Interessante como o assunto, nessa etapa do encontro, começava a causar incômodo: às vezes aos profissionais e muitas vezes aos próprios idosos. Os incômodos eram quebrados e acompanhados por bons conselhos e dicas de saúde, nos levando a certificar que essa busca pelo envelhecimento saudável é uma concepção internalizada pela sociedade. Paradoxalmente, o idoso que viveu sua vida de trabalho, de cumprir seu dever, de produzir e contribuir como cidadão acabava por não dispor da liberdade de vivenciar suas recordações.

Numa reportagem do Jornal Diário do Vale fica evidente o reconhecimento de Volta Redonda como uma cidade que oferece assistência e qualidade de vida para os idosos. Segundo uma pesquisa de mestrado de CARVALHO (2010), Volta Redonda possuía no ano 2000, cerca de 22.000 idosos, dentre esses: 15.000 estavam inseridos em projetos municipais. (IBGE, 2000). Esses 15.000 idosos, inseridos em programas governamentais, tinham a idade a

6 Termo que significa fazer descer, ou descer de montaria ou veículo; desmontar-se.

7 Neste caso, trata-se do Centro de Prevenção em Saúde do Idoso. (CPSI) O acesso a eles se deu através da experiência Profissional neste Centro de Prevenção em Saúde do Idoso setor de Assistência Social da AAP-VR.

partir de cinquenta anos, e as ações se dividem entre as seguintes atividades: esporte, lazer, socialização e cuidados com a saúde em busca de promover um envelhecimento saudável. (Jornal Diário do Vale, 03/10/2014)⁸.

Há, ainda, outros 7.000 idosos inseridos nas atividades da AAP-VR: uma entidade filantrópica com título de Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal que oferece serviços de saúde e socioassistenciais aos seus associados, seus programas se inserem na parte não governamental; instituição de onde parte minha trajetória profissional.

Em 2013, a população idosa nacional tinha o percentual próximo a 12,6 %. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), Volta Redonda chegava a 12,7 % de pessoas com sessenta anos ou mais. Esses dados reforçam a posição da região sudeste junto ao Sul como as maiores do país em número de idosos (Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2013). Desta maneira, a partir das observações do cotidiano profissional e dos dados quantitativos, percebe-se o quanto os idosos em Volta Redonda se encontram em espaços e lugares subsidiados por instituições. Sinalizando que os idosos têm em seu repertório social, atividades pleiteadas por alguma instituição e em sua maioria voltada a garantias ou promoção de saúde.

Mesmo que todos estes programas citados sejam ofertas de uma qualidade de vida ou melhoria das condições de vida, ou ainda representem mudanças nos hábitos e reinserção social dos idosos na sociedade; considera-se importante que o indivíduo tenha liberdade de vivenciar suas fases de vida de maneira autêntica e verdadeira com suas vontades e desejos, e que ele seja capaz de construir seu próprio envelhecimento.

Cabe destacar que as histórias no grupo, às vezes, se repetiam, mas a excentricidade de cada encontro trazia um conteúdo a mais, um detalhe com sabor de satisfação. As lembranças de seus ofícios ressoavam a realidade da época que foram para Volta Redonda. Notava-se o trabalho como um fio condutor de suas memórias para outras perspectivas de suas vidas. A partir da aproximação com essas histórias muitas inquietações me levaram a refletir sobre as construções de vida dos idosos em Volta Redonda, ou sobre a maneira como a sociedade oferece a sobrevivência à obra de seus idosos, e, posteriormente, como os idosos constroem seu envelhecimento nesta cidade.

⁸ Disponível em: <http://www.diariodovale.com.br/noticias/0,95668,Volta-Redonda-e-referencia-em-assistencia-ao-idoso.html>. Acesso em: 11 de Abril de 2015.

O aumento dos idosos em Volta Redonda trouxe consigo a necessidade de delinear, mapear, conhecer e traçar perfis quantitativos dessa nova realidade. Contudo, existem pesquisas e informações do IBGE que retratam o aumento populacional e dados quantitativos como: a participação social dos idosos, as condições socioeconômicas, localização geográfica, gênero, geração e trabalho entre outros.

É certo que as estimativas demonstram em números o aumento demográfico de idosos e servem para balizar a problemática do envelhecimento, no caso a sobrecarga nos sistemas de saúde e seguridade social. Em contrapartida, esta dissertação traz uma perspectiva social, diante do mundo em que o sistema econômico vive determinado desafio. A discussão da vida do aposentado acaba resumida aos dados socioeconômicos, e as interpretações recaem, em sua maioria, sobre esses dados. Nesse sentido, destaca-se que nesta pesquisa a prioridade de uma visão mais humanizada do envelhecimento, qual seja: as memórias e as narrativas de vida dos nossos idosos-interlocutores.

É oportuno salientar que, em Volta Redonda, há um processo entrelaçado entre a construção da cidade e a vida dos trabalhadores da CSN. Nessa ótica, os depoimentos da experiência e da vivência de idosos formam histórias que constituem uma espécie de patrimônio imaterial da história da cidade, o qual ainda precisa ser investigado, reconstruído valorizado, e também socializado.

Na cidade do aço, durante o processo de privatização⁹, ocorrido no final dos anos de 1980, com as demissões em massa, a CSN passou de vinte e três mil para quinze mil funcionários. Através de trabalhadores e ex-trabalhadores que se aglomeravam em praças, tomamos ciência da história particular de um empregado dentre esses mil, que fora demitido da CSN. Ele, como fizera durante anos, todos os dias a mesma coisa, se arrumava com roupa alinhada, crachá, caneta e carteira no bolso, e saía para trabalhar, caminhava para a porta da empresa, e lá ficava, como se estivesse cumprindo a sua carga horária de trabalho. Assim, ele fez durante três meses, até que teve coragem de contar da sua demissão para a família. Essas histórias, entre outras, nos remetem à vivência desses idosos na cidade do aço.

Foram muitas as reflexões em torno do *status quo* do envelhecimento em Volta Redonda: a liberdade, os espaços de vivenciar a velhice, além das maneiras como estes idosos

⁹ Processo da venda de empresa Pública para investidores privados. Privatizada em 1993. Neste momento o foco da empresa era: produzir aço e manter custos baixos.

vivenciavam seu envelhecimento. Diante dessas inquietações sobre a vida e o modo de viver em Volta Redonda é que se pretende esclarecer os motivos para realização desta investigação.

Nestes termos, esta pesquisa busca responder algumas perguntas que, de modo geral, se resumem nas problemáticas a seguir:

Quais as repercussões/construções na vida dos aposentados, os primeiros trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional, que passaram pela mudança de Minas Gerais para Volta Redonda, neste caso do meio rural para a construção de uma cidade industrial? Quais seus sentimentos, e as suas relações com a cidade de Volta Redonda? Como esses trabalhadores construíram suas vidas em Volta Redonda desde a década de 1940?

Assim, o estudo em questão busca apresentar as histórias de vida e reconhecer a função social do velho de lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. (BOSI, 1994)

Desejo aqui trazer histórias de ex-trabalhadores da CSN, de idosos cheios de passados, cheios de memórias. As histórias de vida trazem um desdobramento histórico, visceral e constitutivo do ser humano que envelhece, neste caso em Volta Redonda, cidade que foi eldorado para muitos deles.

Pretende-se compartilhar aqui a mesma sensação de dever cumprido que eles demonstravam ao contar e que eu experimentava ao ouvi-los.

Na tentativa de dimensionar a importância desse momento de transformação dos modos de trabalho, o historiador e professor Volta Redondense, Waldyr Bedê cita em seu livro um trecho do discurso de Getúlio Vargas publicado pela Revista “EM GUARDA” durante a Segunda Guerra Mundial em que ele expressa:

Volta Redonda será um marco da civilização brasileira, um exemplo tão convincente, que afastará todas as dúvidas e apreensões acerca do seu futuro, instituindo no Brasil um novo padrão de vida e um novo futuro, digno de suas possibilidades. (BEDÊ, 2004, P 31).

Estes aposentados são os primeiros da época de transformação do contexto do trabalho. Para desvelar os questionamentos supracitados esta pesquisa tem os seguintes objetivos:

- Reconstruir histórias de vida de idosos que foram para Volta Redonda para trabalhar na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) na década de 1940 e 1950.

- Discutir as histórias de vidas destes idosos a partir das três fases de vida (a fase de vida em Minas Gerais, fase de mudança para Volta Redonda, e a fase da aposentadoria em Volta Redonda).

- Refletir sobre os modos de vivenciar o trabalho e a velhice em Volta Redonda, suas relações subjetivas e sociais.

Fundamentada em Bosi (2003), ressalta-se a importância da comunicação dessas histórias e a contribuição para o futuro, bem como uma compreensão da complexidade dos acontecimentos que os seres compartilharam uma mesma época. E a autora acrescenta:

A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano... A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. E o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político) é que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim , os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p. 15).

Convém lembrar também uma menção que Bosi (2003) faz quanto ao movimento de recuperação de memórias no âmbito das ciências humanas. A autora evidencia que "do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade". Nesta mesma obra: *O tempo Vivo da Memória*, Simone Weil (*apud* BOSI, 2003, p. 175) "julga este vínculo como um Direito Humano semelhante a outros direitos ligados à sobrevivência". Face ao exposto, a autora faz a seguinte consideração quanto aos testemunhos vivos:

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador porque se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época. O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo. (BOSI, 2003, p. 16).

Estas ponderações apresentadas aqui pretendem ressaltar a importância desta investigação com o intuito de elucidar uma face da experiência do envelhecimento em Volta Redonda. Desta forma, refletir sobre a construção do envelhecimento em Volta Redonda através das histórias de vida, nos permite aclarar uma dimensão humana para todos esses indicadores e referenciais acerca dos idosos desta cidade. Conhecer as histórias e os depoimentos de vida vale considerar que é além de testemunho histórico a evolução da pessoa no tempo. (BOSI, 1993).

Nesta pesquisa, realizou-se uma busca por dados e conteúdos históricos, para servir de aporte para a memória nas entrevistas, e compreender os lugares de memória¹⁰ da cidade. Foram realizadas visitas ao Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, mas não foram encontrados documentos. Segundo os responsáveis, estes documentos se encontram em um arquivo na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)¹¹, e sem informações para acesso. Foi realizada ainda uma visita ao Museu do Trabalho Brasileiro¹², que funciona no Clube Fotofilatélico, entidade que surgiu em 1954. O acervo do museu é o mesmo disponibilizado online, reúne fotografias, das quais algumas delas foram utilizadas para ilustrar esta pesquisa. O Museu é interativo e recebe fotos de pessoas que tenham registros antigos da época. É fato que os locais de memória se resumem aos bustos e imagens distribuídos na cidade, em sua maioria nas praças. Desta forma, contar as histórias é a possibilidade de captar essas experiências e eternizar dados que os conteúdos históricos não contemplam. Uma versão histórica que pode ser esquecida, ou perdida, ou ainda desconhecida.

Nesse sentido, esta dissertação apresenta a seguinte estrutura: no primeiro capítulo problematizou-se o contexto de inserção do trabalhador em seus sistemas de trabalho no Brasil, e mais especificamente em Volta Redonda, na década de 1940. Neste momento pretendem-se situar as condições à que foram submetidos esses trabalhadores no decorrer das

8 A expressão lugares de memória foi criada pelo historiador francês Pierre Nora. Que por sua vez, têm o espaço físico material como suporte para formar uma memória coletiva imaterial.

9 As informações do Sindicato dos Metalúrgicos é que os documentos estariam na UNICAMP. Através de um documentário soube que realmente antes da invasão da CSN em 1988, os documentos do Sindicato foram enviados para a Universidade. Depois em uma pesquisa virtual encontrei informações sobre o acervo. Disponível em: <https://www.sistemas.unicamp.br/servlet/pckSahuAplicacao.ConsultaBuscaAvancada1.DetalheBuscaAvancada?ObjId=99&nocache=1471145138236#null>. Acesso em 14/08/2016.

10 Este museu faz parte do cadastro nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), há uma campanha de captação de imagens para enriquecer ainda mais o acervo. “Através de exposições permanentes e itinerantes, digitalização e catalogação de fotografias e documentos históricos, o museu tem a meta de levar a história para além do museu”. A proposta é disponibilizar um acervo fotográfico dinâmico para a comunidade, com a colaboração de instituições públicas e privadas, ex-operários e da população – construtores da história da cidade e da CSN, primeira grande indústria do país. Disponível em: <http://museudotrabalhismo.com.br>. Acesso em: 17 de Julho de 2016.

construções de suas histórias de vida nesta cidade e os contextos históricos que influenciam o macrocosmo social da cidade.

No segundo capítulo apresentam-se os nossos interlocutores e a súpula de suas histórias de vida. Pretende-se, ainda, neste momento discutir e articular as experiências comuns nas diferentes fases de vida. Apresenta-se as histórias do tempo em que os interlocutores viviam em Minas Gerais e o tempo da mudança para Volta Redonda.

No terceiro capítulo apresentam-se as histórias dos interlocutores no tempo em que se aposentaram, e a fase do envelhecimento em Volta Redonda. E busca-se refletir sobre os modos de vivenciar o trabalho e a velhice, suas relações subjetivas e sociais. Antes, porém, apresentamos os percursos metodológicos e as técnicas de coleta e de análise dos dados desta pesquisa.

METODOLOGIA

Em suma, a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado desse ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto de tradições intelectuais da disciplina. (BOURDIEU, 2002, p. 26).

A pesquisa se orientou pela teoria das memórias coletivas, entendendo a memória como uma construção social. Ademais, as considerações tecidas nesta pesquisa, com base nos depoimentos de três sujeitos, e as memórias coletivas desse grupo, levam-nos a refletir sobre um modo de vivenciar a velhice, e ainda propor uma perspectiva mais ampla para a construção dessas memórias desde o tempo da infância até o tempo atual e assim ilustrar os sentimentos, o modo de agir e pensar diante da construção social da cidade de Volta Redonda. Nesse sentido, espera-se ponderar até que ponto essas memórias influenciam a construção da identidade.

O debate se faz em torno do interesse de compreender o idoso como um ser desejante capaz de romper com os espaços institucionalizados e criar novas formas de enfrentamento e de vida na sociedade que vivem. Acreditamos que as memórias desses idosos, além de apresentar fecundidade por possibilitar um olhar sobre a trajetória e o curso de vida, são também capazes de oferecer bases para atualizar as construções de nossas identidades enquanto cidadãos. Entendemos que a memória de velhos pode ser trabalhada como intermediário informal da cultura, onde existe uma transmissão de valores, de atitudes, enfim os constituintes da cultura. (BOSI, 2003).

Essa perspectiva social ilustra e evidencia os modos de vida, estimula a discussão sobre as diferenças de classes no modo de envelhecer, mas também admite o saber local e os processos históricos coletivos e particulares. Espera-se contribuir com esta temática, pois a Psicologia interessa-se por compreender as mudanças nos desempenhos social, cognitivo e afetivo bem como as motivações, interesses, atitudes e valores. Esta pesquisa enfoca os processos individuais e interindividuais, bem como também se propôs a compreender o processo psicológico e o ambiente de desenvolvimento dos sujeitos. A pesquisa sugere contribuições e dados que propiciam uma compreensão das memórias coletivas dos primeiros trabalhadores industriais.

Do mesmo modo, ressalta-se que esta pesquisa de natureza qualitativa privilegia as histórias de vida dentre as técnicas de coleta de dados. Assim, ao reconstruir as trajetórias

desses idosos busca-se compreender seus sentidos e construções desde a época em que se mudaram para Volta Redonda, com o intuito de trabalhar na CSN. A definição de Minayo caracteriza os tipos de questões que este trabalho se propõe a responder:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2004, p. 21-22).

As histórias de vida é uma técnica de pesquisa, inserida progressivamente nas ciências sociais e humanas, envolve o indivíduo e suas particularidades para depois confrontar com as interpretações teóricas. A sistematização desse método pode servir de instrumento de levantamento de regras sociais de determinadas subculturas ou segmentos da sociedade. Segundo ainda seus antecedentes históricos há um tom de inclusão, pois as histórias de vida estiveram ligadas a grupos marginalizados, a culturas minoritárias ou ainda à vida de pessoas menos célebres. (TINOCO, 2004).

É oportuno enfatizar que entrelaçamos as teorias da memória social com o método de histórias de vida. Quanto ao estudo das memórias cotidianas e seus desdobramentos científicos, Bosi (1993) e Celso Sá (2007) assinalam que o estudo da memória no microcosmo social tenha iniciado nos anos de 1930 na Psicologia Social, mas é a partir dos anos de 1970 que ela retorna nas ciências humanas. Bosi (1994) profere que esta técnica é um campo que sugestiona, mesmo que tenham muitas histórias de vida, elas jamais substituirão um conceito ou teoria da história, estas não tomam um lugar totalizante, nem elucidativo de estruturas ou transformações econômicas.

O campo de estudo da memória social enfrenta um desafio diante da quantidade e da diversidade de perspectivas teóricas e conceituais, o que contribuem para uma complexidade desse domínio. A memória social é classificada num quadro multifenômico e multidisciplinar e o desafio de estudar a memória se insere nesse contexto. (BOSI, 1993; SÁ, 2007).

Para esse enfrentamento, Sá (2007, p. 290) sugere o conceito de Moscovici como um caminho, que diz: “não há que permanecer apenas na psicologia, mas buscar formulações conceituais e teóricas relevantes onde quer que elas se encontrem”.

Assim, destaca-se que esta pesquisa recorre ao amplo campo conceitual da teoria da memória social, em que os pioneiros Halbwachs (2003) e Bartlett (1930) têm uma influência fundamental sobre o campo de estudo da memória social:

Trata-se da proposição comum de que a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas, e sim uma construção que se faz a partir daquelas, por certo, mas em função da realidade presente e como apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura. (SA, 2007, P .291).

Para favorecer uma compreensão das histórias que foram coletadas, por exemplo, considera-se o conceito de Pollak (1992), segundo o qual a memória social é como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a transformações constantes. A memória transmite a cultura local herdada, e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Dessa forma, os acontecimentos vivenciados, as pessoas e os lugares, tornam-se elementos de apoio à memória. Esta última funciona de forma seletiva, as lembranças ocorrem de acordo com a importância dada por cada pessoa, ou ainda por alguma razão subjetiva.

Nesses termos, a memória é uma construção social, produzida pelos homens a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas. Bosi (2003, p. 282) faz uma observação sobre sua pesquisa realizada com idosos de São Paulo: "Notável também é a gama de matizes da lembrança vinculada ao trabalho, próxima ou distante da produção material que opera no interior da matéria recordada".

No caso específico desta pesquisa, podemos reiterar que Volta Redonda é uma cidade onde o seu desenvolvimento se deu após a vinda da CSN, as escolas, as universidades, os cinemas, os alojamentos para os primeiros trabalhadores metalúrgicos. Uma cidade com a história marcada pelo trabalho. E é nesse contexto que se deram as histórias de vida dos nossos idosos interlocutores.

Os Interlocutores

Esta pesquisa expõe as narrativas de idosos que migraram da região de Minas Gerais para Volta Redonda com vistas a conquistarem uma vaga de trabalho na CSN. Os três interlocutores têm respectivamente a idade de 90, 87, e 86 anos. Um deles chegou em 1943, e os outros dois em 1952. A prioridade é que a diferença temporal da época da mudança para a

cidade fosse de no máximo uma década, mas que fosse próximo à época da construção da CSN.

O acesso aos interlocutores se deu, como se mencionou anteriormente, através da experiência profissional. Ao acompanhá-los, observou-se como suas histórias de vida são atravessadas pelo trabalho, traziam com muita ênfase algumas situações do trabalho na CSN. Estes idosos recordavam com muita riqueza as tarefas, além de rememorar os sentidos que este ofício tinha para eles.

Com o desenvolver da pesquisa, considerou-se importante que sujeitos não participantes de atividades profissionais anteriores fossem inclusos. Assim dois dos interlocutores são previamente conhecidos de atuações profissionais anteriores, e um foi através de contato pessoal. Não houve escolha do sexo, porém a maioria dos trabalhadores na época era do sexo masculino.

As histórias

Coleta de dados

Construir histórias de vida é uma mera tentativa de trazer ao mundo “acadêmico” parte dessa dimensão que é viver. Uma versão aproximada desse dinamismo, e da universalidade da vida. E ao reconstruir as histórias de vida de nossos interlocutores, buscou-se elucidar as repercussões/construções de vida destes aposentados, os primeiros trabalhadores da CSN, que passaram pela mudança de Minas Gerais para Volta Redonda, neste caso do meio rural para a construção de uma cidade industrial.

Durante os encontros para a coleta de dados, utilizou-se das perguntas exploratórias, com o intuito de incentivar o relato dos sujeitos, e de facilitar que alguns pontos sejam esclarecidos. O reconstruir das histórias exige um estilo narrativo, desta forma as perguntas exploratórias proporcionam respostas com a maior possibilidade de devir que um questionário fechado.

Em seu texto *Sugestões ao jovem pesquisador*, a autora Ecléa Bosi (2003) escreve considerações sobre a reconstrução das histórias e enfatiza a pré-entrevista e o estudo exploratório como ponto inicial deste método. Segundo a autora, estes dois momentos são essenciais, pois nos ensinam a fazer e a refazer o futuro roteiro da entrevista. Desse encontro

prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores.

Nesse momento, a experiência profissional novamente subsidiou esta pesquisa, pois atuei desde 2002 a 2015 na área de gerontologia. Assim o pré-roteiro é norteado pelos objetivos e baseiam nos contatos anteriores com os idosos na experiência como psicóloga.

Para facilitar a coleta de dados, e seguindo as sugestões de Bosi (2003), foi realizado um pré-roteiro com tais perguntas. Estas questões funcionaram como disparadores para as memórias de nossos interlocutores, o pré-roteiro envolve três momentos da vida: a fase de vida em Minas Gerais, fase de mudança para Volta Redonda, e a fase da aposentadoria em Volta Redonda.

As intervenções como investigadora não seguiram um roteiro fechado, considero o interesse que o idoso traz em si de compartilhar suas experiências e a maneira singular que cada interlocutor tem de narrar, mas exigiu-se atenção para dar ao recordador a liberdade de encadear e compor, à sua vontade, os momentos de seu passado. (BOSI, 1993, p. 283).

No início dos encontros para a coleta de dados foi estabelecido um *rapport*¹³ com os interlocutores. Agradecemos-lhes, por exemplo: a disponibilidade em conceder a entrevista e comunicamos a importância da narrativa oral do entrevistado no contexto da pesquisa. Em seguida, reforçou-se a preservação do sigilo quanto à identidade. Posteriormente informou-se aos idosos sobre os procedimentos e etapas posteriores da pesquisa (transcrição e análise dos dados coletados). Destaca-se quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde assinaram confirmando a captação e utilização de suas histórias.

Os locais para as entrevistas foram sugeridos pelos próprios interlocutores, realizadas na residência dos idosos. O início da entrevista era diante da seguinte solicitação: Conte-me sua história. O fim dos encontros era eliciado quando os interlocutores sentiam que sua história foi relatada. Alguns verbalizaram e outros ficavam muito tempo pensando qual parte da história poderia contar, outros ainda repetiam momentos já relatados.

É importante enfatizar os sentimentos de cumplicidade que permeavam os finais das entrevistas, em que a história oral é sentida como uma técnica capaz também de servir como intervenção para o sujeito que nos diz de sua história e contribui para a sua autopercepção na trajetória de sua vida. Bosi (2003), ao falar sobre uma entrevista ideal, faz referência a uma:

13 O Rapport é um fenômeno que acontece no processo da entrevista. Este fenômeno é quando a relação busca ser harmoniosa, tranquila e serena, determinada e significada pela empatia. Trata-se de uma cordialidade, afectuosa, de confiança, de apreço e respeito mútuo, relação eminentemente humana.

aventura comum onde os dois: narrador e ouvinte irão experimentar um sentimento de gratidão pelo que ocorreu. O ouvinte pelo que aprendeu; e o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto os das pessoas ditas importantes. Os dois sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção. (BOSI, 2003, p.63).

Análise das histórias

Seguindo a ordem dos tratamentos que as informações receberam, a transcrição dos áudios das entrevistas foi realizada pelo próprio pesquisador. Para não expor o nome de nenhum familiar dos interlocutores, o nome foi substituído pelo próprio vínculo com o depoente; como exemplo: Maria por Minha esposa.

Os primeiros tratamentos que as histórias coletadas recebem, é a necessidade de transformá-las em um texto. As informações transformam assim em uma história, tendo um curso cronológico e lógico. Foram priorizadas nesse momento a organização e o sentido das falas, a fidelidade ao modo de contar, o narrar e os momentos de intensa emoção, enfatizando o ar de narrador de cada interlocutor ao contar sobre sua própria vida.

Nesta segunda etapa, as informações colhidas são fundidas em um texto, na qual procede a Análise de conteúdo que será delimitada de acordo com os objetivos. (TINOCO, 2004)

Bosi (1993) ressalta que nesta etapa há uma necessidade de sistematização e de coordenadas interpretativas. Os pontos de análise seguiram o pré-roteiro, que foi dividido em três momentos, o tempo de vida em Minas, a vida em Volta Redonda, e a aposentadoria. As categorias surgiram dentro desse recorte temporal. Nesta fase, durante a leitura e audição das histórias, a prioridade foi identificar os eixos de análise, para posteriormente categorizar, e assim correlacionar e ponderar os conteúdos, articulando os diálogos teóricos às experiências de vida.

O tempo de Minas foi dividido em três categorias: *Estudo, modos de vida, e sentidos de vida*. O tempo de mudança para Volta Redonda pode ser entendido também como o trabalho na CSN, pois a referência desse tempo era ser “fichado na CSN”. Nesse período, identificaram-se as seguintes categorias temáticas: *Cidadania, Inserção no trabalho Industrial (CSN), trabalho na CSN, e vida pessoal*. A fase da aposentadoria é dividida em: *Aposentadoria e os Sentimentos em relação à velhice*.

Reitero que o trabalho e o envelhecimento foram os temas ou núcleos de sentidos que focalizamos nas histórias de vida. Houve descoberta de outras categorias, ou temas que fizeram parte desta comunicação. Estes temas ou núcleos de sentido foram encontrados a partir do entrecruzamento das histórias, onde o pesquisador sugere pontos que aparecem, ou se sobressaem e se repetem em todas as histórias de vida. (TINOCO, 2004).

A história metodológica desta pesquisa

As escolhas nem sempre são evidentes, elas passam por um processo, e aqui acontece o mesmo. Consideravelmente todo o processo de conhecimento na minha formação profissional fez parte da forma como percebi, questionei e como fui buscar a compreensão disso tudo. Mas o recorte dessa articulação se faz desde o projeto de pesquisa.

Resumidamente, os objetivos eram os mesmos. Contudo, para alcançá-los utilizar-se-ia os grupos de discussões e o arcabouço teórico repousaria na Psicologia do Envelhecimento e na discussão entre normal e patológico do indagador Canguilhem. A aproximação com essa perspectiva de abordagem tinha a ver com meu curso de Gerontologia e a experiência profissional na área. O esforço para recordar esse início evidencia também a facilidade com que acolhi as sugestões do Professor Ronald Ericeira de chegar às histórias de vida, e depois a Memória Social.

Ancorei-me as mudanças, sentia a riqueza que era ouvir todas aquelas histórias. Agora aqueles momentos, aquelas histórias seriam integralmente conhecidas, capturadas e eternizadas. Diante dessa dimensão do método e de seus conteúdos: visto que as histórias de vida apresentam uma amplitude, trazem em si uma capacidade de diluição das fronteiras disciplinares a que nos habituamos até a bem pouco tempo. (TINOCO, 2004).

Há uma satisfação aos efeitos de utilizar esse método, visto que estão diretamente ligados à possibilidade de mudanças no indivíduo que se põe a recordar, ao olhar para o passado e compartilhá-lo. O método mobiliza ainda outras repercussões aos interlocutores quando percebem o interesse social por suas memórias e até a oportunidade de rever seu passado, sua história e refletir sobre os aspectos da vida.



Figura 3 – Esta imagem faz referência à cidade. Digitar Volta Redonda e iniciar uma pesquisa virtual esta é primeira imagem que aparece.

I O TRABALHO

Quando eu vim para cá, eu trabalhei aqui... (Bernardino, primeiro interlocutor ao começar a contar sua história de vida).

O trabalho atravessa a história da humanidade e perpassa as suas necessidades. Durante todos os períodos da história, o trabalho governa diretamente o homem. Ao longo da história, o homem e os modos de produção passaram por transformações, assim também se perpetraram nos regimes de trabalho.

As transformações do trabalho são conduzidas por variantes políticas, culturais e econômicas, transformando o mundo do trabalho ao longo da história. O desenvolvimento do homem e sua relação com a natureza, com o trabalho e consigo mesmo. Segundo Codo (1997, p.31): "[...] é uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado". E ainda de forma mais sintética ele diz que o trabalho: "é o ato de transmitir significado à natureza".

Essas transformações entre natureza e o ofício são repassadas de geração para geração através da cultura. Portanto, o trabalho nesta pesquisa é o fio condutor das memórias, pois destaca-se histórias de pessoas que mudaram suas vidas por conta de uma oportunidade de trabalho. A partir das memórias do trabalho também se é capaz de desvelar uma gama de lembranças da vida dos indivíduos. E dessas lembranças do trabalho, segundo Bosi (1993), há duas dimensões de significação, as repercussões no tempo subjetivo do entrevistado e sua realidade objetiva no interior da estrutura social.

O trabalho é um tema amplo e abrangente, portanto, esta pesquisa pretende situar o tempo objetivo que viveram esses interlocutores. Ou seja, situar historicamente as condições que estavam submetidos esses trabalhadores durante a construção de suas vidas. Sem objetivo de esgotar e nem relacionar ou estudar todos os fatos relacionados com o trabalho.

Nesta pesquisa, entende-se que o trabalho, analisado como atividade produtiva, amiúde é disparador da construção dos sentidos na vida dos indivíduos. Através dele o homem é capaz de perceber sua função social, seu desenvolvimento e a sua atuação na comunidade. Assim, compreendemo-lo como meio de buscar a satisfação e realização pessoal.

1.1 A Concepção de Trabalho na década 1940

Ao longo das primeiras décadas da República, a economia brasileira continuava de caráter agrário e exportador, com o café como seu principal produto. Com isso, a força de trabalho e os investimentos governamentais, daquele período, concentravam-se no campo acompanhando os interesses das principais oligarquias do país.

Ainda que essencialmente agrário, o Brasil apresentou um significativo desenvolvimento urbano e industrial no início do século XX, concentrado, sobretudo, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, centros da economia e da política do país. O capital investido era oriundo dos lucros dos cafeicultores que buscavam diversificar suas atividades abrindo indústrias têxteis, alimentícias e químicas, entre outras. O café brasileiro correspondia, nos anos finais do século XIX, a 70% do café consumido no mundo, entretanto, quando o consumo do café se estabilizou em nível mundial, os cafeicultores continuaram expandindo suas plantações e com a produção maior que o consumo, os preços despencaram causando grandes prejuízos. A partir dessa crise, assim como no início da Revolução Industrial, muitos trabalhadores do campo migraram para as cidades em busca de trabalho nas indústrias.

Não obstante, a vida dos trabalhadores nesse período era muito difícil, pois não havia sequer leis que garantissem seus direitos sociais. Em média, a jornada diária de um homem adulto era de 12 horas. Algumas categorias profissionais trabalhavam sete dias por semana. Os salários eram miseráveis, sendo que as mulheres operárias recebiam bem menos que os homens. Não havia regulamentação do trabalho infantil e a criança, além de realizar trabalhos insalubres, ganhava ainda menos que a mulher. Pensões, aposentadorias, indenizações por acidentes de trabalho, não eram garantidos por nenhuma lei. A luta dos operários era por direitos que dessem, ao trabalhador, o mínimo de garantias na fábrica e fora dela. (FAUSTO, 1995).

Os trabalhadores brasileiros passaram a se organizar em sindicatos, partidos políticos, associações mutualistas e ligas, buscando, além da conquista dos seus direitos, bem como aconteceu em outros países do mundo, superar suas diferenças e se reconhecerem como classe social. A classe trabalhadora era bem heterogênea, contrastando culturas, idiomas e religiões diversas. Como não existia uma política pública de previdência social eram essas associações que, através de uma contribuição mensal dos trabalhadores, em momentos de necessidade, os

filiados podiam contar com ajuda como atendimento hospitalar, remédios, auxílio funeral, pensões para viúvas, auxílios para inválidos e idosos etc. (FAUSTO, 1995).

Foram, principalmente, os trabalhadores imigrantes que introduziram essa consciência de classe trabalhadora como classe social, bem como os ideais socialistas que foram divulgados através da criação de jornais e partidos socialistas, com o objetivo de elegerem operários para cargos legislativos e assim, aprovar leis trabalhistas. Porém, uma significativa parcela dos operários era composta por estrangeiros e, portanto sem direito ao voto. (FAUSTO, 1995).

Além das ideias socialistas, também o anarquismo foi apresentado aos trabalhadores brasileiros pelos imigrantes europeus. Os anarquistas negavam qualquer forma de poder e afirmavam que nada era mais nocivo ao ser humano quanto o governo. Defendiam o fim do capitalismo e acreditavam que só através de uma revolução social seria criada uma sociedade igualitária e fraternal e isenta de qualquer poder. Muitos acreditavam que a transformação da sociedade ocorreria pela educação e por isso fundaram escolas e publicaram jornais.

A grande greve de 1917, liderada por anarquistas, iniciou-se em São Paulo e logo conquistou adesão dos trabalhadores cariocas e gaúchos. O motivo da greve foi a brusca queda do poder aquisitivo dos trabalhadores devido à Grande Guerra. O custo de vida aumentou, mas os salários, não. Estima-se que, apenas em São Paulo, cerca de 700 mil trabalhadores aderiram à greve. Nos confrontos com a polícia, o operário espanhol, José Martinez foi morto, causando grande indignação. Por fim, os patrões concederam ajustes salariais e o Congresso Nacional, na década seguinte aprovou algumas leis trabalhistas como a limitação da jornada de trabalho infantil, férias e um sistema de aposentadorias, contudo, nenhuma dessas leis foi posta em prática. (FAUSTO, 1995).

Durante quase toda a década de 1920, a chamada política do café-com-leite, onde as principais oligarquias estaduais de São Paulo e Minas Gerais se revezavam no governo do país, dava sinais de esgotamento. E, foi em 1929 que esse esgotamento se concretizou. As oligarquias mineiras esperavam ter seu representante indicado como sucessor de Washington Luís para as próximas eleições. No entanto, Washington Luís indicou como sucessor o paulista Júlio Prestes. Inconformados, os oligarcas mineiros se aliaram aos gaúchos e aos paraibanos, apoiando a candidatura de Getúlio Vargas e João Pessoa para a presidente e vice. (FAUSTO, 1995).

A Aliança Liberal formada pelos mineiros, gaúchos e paraibanos, defendia o voto secreto, a criação da justiça eleitoral, o estabelecimento de leis trabalhistas, como férias e regulamentação do trabalho feminino e infantil, e a anistia aos militares revoltosos do Tenentismo dos anos 1920.

A quebra da bolsa de Nova York em outubro de 1929 e a crise econômica mundial deflagrada por ela, atingiram gravemente o Brasil, acirrando ainda mais a disputa eleitoral. Centenas de fábricas foram à falência deixando milhares de desempregados. A violenta queda nos preços do café no mercado internacional enfraqueceu o governo de Washington Luís. Contudo, nas eleições de março de 1930, seu candidato, Júlio Prestes venceu. Alegando fraude, os integrantes da Aliança Liberal não aceitaram a derrota e a crise eclodiu com o assassinato de João Pessoa por razões políticas regionais e passionais. A Aliança Liberal transformou o episódio numa questão nacional e iniciaram uma revolução que depôs o presidente Washington Luís e levou Getúlio Vargas ao poder. (FAUSTO, 1995).

As decisões tomadas por Vargas para consolidar seu poder, como por exemplo, a revogação da constituição de 1891, o fechamento do Congresso Nacional e a nomeação de interventores de sua confiança para os estados, a fim de enfraquecer o poder das oligarquias, levaram à insatisfação dos paulistas que pegam em armas contra o governo provisório em 1932, exigindo uma nova constituição e eleições para presidente. O governo venceu as forças de São Paulo, mas convocou eleições para uma assembleia constituinte. A Nova Constituição ficou pronta em 1934, garantindo o voto secreto, voto das mulheres, algumas leis trabalhistas e eleições diretas para a presidência. Contudo, ficou estabelecido que, o primeiro presidente seria eleito pelos parlamentares. Vargas foi eleito pelo congresso se tornando presidente constitucional.

O período do governo constitucional foi conturbado devido a duas forças antagônicas. A Ação Integralista Brasileira (AIB), grupo ultranacionalista de extrema direita e caráter fascista, criado por Plínio Salgado em 1932, que nos moldes do fascismo europeu era contra a liberdade de expressão, o liberalismo, o comunismo e o capitalismo financeiro e defendiam um partido único, o culto ao líder, o nacionalismo radical. E, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma frente antifascista com tendências comunistas, liderada por Luís Carlos Prestes e que planejava um grande levante contra o governo Vargas em 1935. A Intentona Comunista, como ficou conhecido o levante, foi derrotado por forças leais ao governo. Prestes foi preso e

sua esposa, Olga Benário, mesmo grávida, foi extraditada para a Alemanha morrendo em um campo de concentração. (FAUSTO, 1995).

Após a insurreição comunista, foi aprovada uma série de medidas que aumentou o poder de Vargas. Com a aproximação das eleições presidenciais, muitos duvidavam que Vargas deixaria o governo. Em 1937, com poderes autoritários e alegando a descoberta de um plano comunista para tomar o poder, o Plano Cohen, Getúlio Vargas deu um golpe de estado e instaurou uma ditadura no país, o Estado Novo.

Uma das primeiras e principais medidas de Vargas à frente do governo provisório foi a criação de um meio de intervir nas relações entre patrões e trabalhadores, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. A partir daí foi promulgada grande parte da legislação trabalhista em vigor até hoje, tais como: limitação da jornada de trabalho, regulamentação do trabalho feminino e infantil, pagamento de horas extras, férias remuneradas pensões e aposentadorias, entre outras, como a criação do salário mínimo em 1940. Nota-se que a concessão desses direitos trabalhistas era uma reivindicação antiga da classe trabalhadora e que a promulgação dessa legislação trabalhista seguia uma tendência internacional devida às crescentes pressões operárias em diversos países.

Para garantir que os empresários cumprissem as leis trabalhistas, as Juntas de Conciliação e Julgamento, que se tornaria a Justiça do Trabalho (1939), um tribunal para assegurar que os patrões acatassem a legislação. O governo Vargas, em 1943, reuniu essa legislação trabalhista na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em vigor até hoje.

Em contrapartida, o movimento sindical foi enfraquecido com o decreto da Lei de Sindicalização que permitia apenas um sindicato por categoria em cada município e que, para funcionar, precisava obter o registro no Ministério do Trabalho, o que o reconhecia oficialmente, mas, tirava sua liberdade de atuação. O ministério passava a ter poder de fiscalizar as assembleias, a contabilidade, as eleições da diretoria e mesmo, nomear um interventor.

A partir de 1942, o governo formulou o projeto conhecido como trabalhismo. O ministro do trabalho, Marcondes Filho, passou a falar em um programa radiofônico semanalmente, onde comentava temas como os direitos trabalhistas, a valorização do trabalho e do trabalhador, o reconhecimento da cultura nacional e o desenvolvimento econômico. Essa reafirmação da importância dos direitos trabalhistas, bem como a valorização do próprio

trabalho, já desassociado da degradante imagem da escravidão servia, para legitimar o governo junto à classe trabalhadora.

As leis sociais eram apresentadas pelo ministro Marcondes Filho como um “presente” de Getúlio aos trabalhadores - sem que fosse mencionado as lutas dos trabalhadores para consegui-las. Assim o ministro exaltava as iniciativas de Vargas e fundamentava o prestígio do presidente entre os trabalhadores. Prestígio que se faz presente, ainda hoje, no imaginário coletivo dos trabalhadores que viveram aquele período da história do Brasil.

1.2. Volta Redonda ou uma usina?

O empenho estatal para o desenvolvimento siderúrgico teve início em meados de 1910, as primeiras iniciativas para remontar o país de uma usina, frente à grande importação de aço manufaturado e de ferro, o congresso aprovou uma lei que concedia a redução de fretes e isenção de impostos às empresas que dispusessem a investir neste setor. De fato as medidas tomadas estimulam, há aumento de produção de 3.000 toneladas, chega-se a 10.000 em 1919. Contudo a produção do aço continuou intensa após a primeira Guerra Mundial, porém quase todo o laminado ainda era importado. Nesse período as pequenas fundições se concentravam em Minas Gerais e o setor se encontrava na iniciativa privada. Em 1920 mesmo com uma queda na indústria brasileira devido ao processo de normalização do mercado mundial, as empresas de aço continuaram se desenvolvendo. Com a vitória da Revolução de 1930 é que o governo ingressa em uma nova fase e toma uma preocupação a criação de uma grande indústria siderúrgica. (BEDÊ, 2004).

Havia um interesse do governo em afrouxar os laços da dependência econômica nacional com o capitalismo mundial, com base em um padrão de acumulação formulado para a economia brasileira no período de 1930 a 1945. Este interesse se ocasiona decorrente à grande depressão de 1929, além disso, é notável o aumento das taxas de crescimento da indústria brasileira. A conjuntura favorável se reafirma em 1939 com a eclosão da segunda guerra, fica inviável abastecer dos bens de capital e da produção exterior, assim a economia brasileira procura satisfazer internamente suas necessidades de expansão.

Com o Estado Novo o poder decisório se concentra mais nas mãos do Estado, onde se intensifica o empenho do governo em resolver este problema siderúrgico. Em 1939 o tenente coronel Edmundo de Macedo Soares viajou para Europa com vistas a atrair capitais para o

financiamento de uma Siderurgia. Na mesma época Oswaldo Aranha iniciou os contatos nos Estados Unidos, na qual demonstra interesse em viabilizar a construção de uma siderúrgica.

A *United States Steel* interessa-se para a construção da siderúrgica, porém queria deter a maior parte das ações da companhia. Os setores nacionalistas não aceitaram a ideia de uma indústria vital para a economia do país ficar sob controle de um grupo estrangeiro. Em 1940 esses setores conseguiram aprovar um código de Minas que proibia a participação de capitais estrangeiros na mineração e na metalurgia, afastando os norte-americanos. O governo brasileiro considera a ideia da criação de uma empresa nacional com ajuda de capitais estrangeiros sob a forma de empréstimos. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

O então presidente Vargas cria uma Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, para planejar, negociar e estruturar a construção da Indústria Siderúrgica. A usina é um marco no país, foi a primeira produtora de aço no processo brasileiro de industrialização. Para o surgimento da CSN foi fundamental uma forte interferência do Estado, cujo programa revelou-se socialmente avançado, mormente no campo trabalhista e previdenciário.

A comissão chamada por “conjunta” trabalhou em 1939, tendo percorrido os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Santa Catarina, estudaram alguns pontos entre eles: o suprimento de matérias primas, o mercado nacional, as condições de obtenção de matérias primas e ainda localizações possíveis de uma usina com coque metalúrgico. Na época, as terras de Volta Redonda pertenciam ao 8º distrito do Município de Barra Mansa, e graças a uma escolha política o genro de Getulio Vargas contrariando os critérios técnicos de não possuir proximidade com as matérias primas e ainda não ter um porto fluvial ou marítimo, mas possuindo águas e eletricidade em abundância Volta Redonda foi escolhida para implantar o grande industrial do país. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

Com a aprovação do Plano de construção, em Washington a embaixada brasileira entrou em contato com o *Export Importe Bank (Eximbank)*, evidente que o projeto era fundamental para o desenvolvimento do Brasil. O governo tentou criar uma concorrência entre os alemães e os americanos, contudo os americanos em 1940 concederam um empréstimo de US\$ 20 milhões para financiar a Siderurgia.

A companhia foi efetivamente fundada em 9 de abril de 1941, criada como uma empresa privada pertencendo à categoria de sociedade de economia mista, na prática se construiu uma empresa de propriedade e direção governamentais. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

Um plano econômico dessa dimensão é um sistema importante e influencia a estrutura social além da esfera da produção, assim também atua na organização do espaço. Essa organização se estende na cidade, essa expressão concreta de cada momento histórico. No caso de Volta Redonda essa influência fica clara devido à especificidade de se ter sido constituída num núcleo urbano criado e desenvolvido em função de uma unidade de produção, a CSN, implantada por iniciativa do Estado. Esta influencia se dá em toda a sua constituição história, a evolução política-industrial e urbana do município, mas três períodos ficam claramente demarcados. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

Na construção da Usina no período de 1941 a 1954 a CSN centraliza e dirige o desenvolvimento de Volta Redonda, implanta e administra a usina e o centro urbano. Em seguida entre os anos de 1954 e 1967 devida à emancipação política-administrativa do distrito e assim o município de Volta Redonda, onde outros interesses se fazem, há uma expansão natural da cidade, ao mesmo tempo a CSN controla seu patrimônio urbano. E por fim em 1967 a CSN redefine as responsabilidades na evolução urbana de Volta Redonda, repassa espaços urbanos e encargos urbanos à Prefeitura Municipal. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

As áreas de construção da Usina e dos bairros para os operários eram fazendas que foram desapropriadas pelo Governo Federal em 1941, e outras duas fazendas doadas pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, possuíam dois núcleos urbanos. Em 1980, seus equipamentos urbanos consistiam em uma estação ferroviária, uma agência dos correios, duas escolas, uma linha de bondes de tração animal e algumas casas comerciais.

Logo após a criação da CSN em 1941, no ano seguinte iniciam-se obras das vilas residenciais e comerciais, faziam plano de um projeto residencial, segundo padrões técnicos norte-americanos. (BEDÊ, 2004; FONTES; LAMARÃO, 2006).

A estrutura da cidade é hierarquizada, os equipamentos urbanos centralizados, foram estabelecidos critérios quanto aos tamanhos dos lotes, aos tipos de residência, às taxas, criando espaços estratificados por categoria profissionais e por faixas salariais.

Em 1946, a usina estava pronta, assim parte da força de trabalho empregada foi mantida, receberam um treinamento, esse foi o primeiro momento de dispersão de mão de obra, que permaneceu na cidade fora do mercado de trabalho e com dificuldades para sobreviver, essas pessoas foram para o Morro São Carlos, à primeira favela surgida no final dos anos de 1940. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

O progresso veio não só para a construção da empresa, mas também o entorno, mesmo não sendo parte dos interesses imediatos da CSN. A divisão estrutural se dava entre o lado esquerdo do rio, área que se espalhou, se opunha ao lado planejado. Esse modelo somado ao desenvolvimento econômico reforçou as características da população de Volta Redonda, de um lado a classe operária com razoável poder aquisitiva e beneficiada por moradia e outros equipamentos urbanos, e de outro lado os bairros não planejados, comerciantes e a massa dispensada pela CSN. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

Nesta época os tributos e impostos eram arrecadados pagos pela CSN e destinados a Prefeitura de Barra Mansa, e aplicados em sua maioria no distrito-sede. Com a população dispensada, configura-se uma expansão da cidade com certa autonomia e são esses comerciantes e proprietários de Volta Redonda que começam a reivindicar emancipação do distrito, porém este interesse soma aos interesses da CSN. Os interesses da CSN se dá com vistas a diminuir os recursos diretos para investimentos na infraestrutura para a circulação da produção, e ainda diminuir as suas responsabilidades à manutenção da força de trabalho por ela empregada. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

Destarte, o Município de Volta Redonda é criado em 17 de julho de 1954. Nessa época a economia brasileira passa por uma alteração no seu padrão de acumulação. O programa econômico do governo de Juscelino Kubitschek, conhecido como: “50 anos em 5” teve repercussão na vida de Volta Redonda. O Estado investiu maçadamente nas indústrias de base e na rede de transportes rodoviários. Para atender demandas do setor automobilísticos entre outros, teve início um plano de expansão da Usina em 1960. (FONTES; LAMARÃO, 2006).

Esta ampliação afeta diretamente o meio urbano ente os anos de 1958 à 1963, a população aumenta, assim o aumento da demanda de terrenos para moradia, e comércio. Nesse momento surge loteamentos clandestinos em terrenos particulares ou da própria prefeitura. Com o término do estágio de expansão, novamente trabalhadores são dispensados, acarretando problemas sociais, inchamento das favelas, fechamento de estabelecimentos comerciais etc...

Neste momento observa-se: “uma vinculação entre o poder municipal e os interesses da CSN, fazendo o primeiro “vista grossa” à ocupação de áreas indevidas”. (FONTES; LAMARÃO, 2006, p. 248).

Os autores Fontes & Lamarão (2006) salientam as características urbanas, pois a ocupação de Volta Redonda se dá de forma descontínua, com grandes vazios e áreas urbanas

concentradas, subindo os morros. Porém estas características se dão pelo fato da CSN ter as melhores terras e de alguns poucos fazendeiros. A configuração da cidade é linear, tendo como foco a siderurgia. A praça, com a sede da prefeitura e a igreja que são tradicionais nas cidades do interior do Brasil, em Volta Redonda foi substituída pela usina.

Talvez a perspectiva que será apresentada não seja tão atual, mas Paiva (*apud* FONTES; LAMARÃO, 2006, p. 249) salienta: “(...) em Volta Redonda quem merece viver é a Usina, à cidade cumpre acomodar-se ou retirar-se de sua proximidade”.

E agora o movimento é inverso: vejamos em 1967 a CSN promoveu mudanças em seu patrimônio e claro com consequências para a cidade. A CSN em dois movimentos desfaz de seu patrimônio, de uma maneira passa seu patrimônio público: praças, ruas, serviços para a Prefeitura Municipal, e de outro modo às casas e terrenos são vendidos para os trabalhadores por uma imobiliária criada por ela.

Atualmente ainda há discussão sobre áreas e patrimônios da CSN. Volta Redonda surge no meio do trabalho, sua história se constitui na oportunidade de trabalho e na migração de várias pessoas de muitos estados, e nesse processo íntimo entre a construção da CSN e a construção da cidade. Apresentamos as bases estruturais da constituição tanto da CSN como da cidade, no próximo tópico pretende-se falar das transformações socioculturais vivenciadas por estes trabalhadores.

1.3 Dos trabalhadores rurais aos primeiros aposentados industriais.

Para apresentar um pouco do contexto de vida dos primeiros operários, volta-se para o tempo da vida rural, é sobre os modos de vida em que eles estiveram inseridos que se pretende discorrer neste tópico. E começando lá em Minas Gerais aproximadamente década de 1930, nesse tempo o modelo econômico era com base no monocultivo e ainda trazia resquícios de trabalho escavo mesmo tendo passado algum tempo do período colonial. Esses homens que saíam de suas cidades com ou sem família. Eram agregados das fazendas, pessoas muito pobres e analfabetas, com forte influência da igreja católica, mas que preservaram também vários traços da sua cultura negra. Veiga e Fonseca. (1990)

Eram homens simples, a plantação fazia parte das atividades diárias. Esse modo de vida Essa classificação apesar de muitos debates em torno da concepção teórica, nesta pesquisa entende-se pelo modo de organização na vida rural. Entendendo que o campesinato

refere-se à trilogia família-terra-trabalho, essas categorias são centrais “basicamente porque um não tem sentido sem o outro, e, mais, delas é que valores como a moral, a liberdade, a comida, a autonomia extraem seu sentido e dão ao campesinato uma sociabilidade completa” (ALMEIDA, 2006. p. 102).

O surgimento desse modo de vida no Brasil está relacionado ao modelo de produção implementado pelos portugueses no período colonial. De modo que as bases da agricultura são caracterizadas pela monocultura, mão-de-obra elevada (escrava) e concentração fundiária. O campesinato surge de forma contraditória à política econômica mercantilista composta pelos homens brancos livres, pelos pequenos grupos de escravos em que seu patrão reservava uma pequena área destinada ao cultivo e subsistência, e também pelos escravos que fugiam e se aglomeravam em quilombos, assim como pelos povos indígenas que tinham passado pelo processo de aculturação. (WANDERLEY, 1996; ALMEIDA, 2006).

Os trabalhadores que chegaram a Volta Redonda sua maioria saíram da Zona da Mata Mineira, homens que viviam da agricultura brasileira, que se manteve longamente mesmo após o fim do período colonial a estrutura com base no monocultivo e no trabalho escravo. Esses homens que migraram aos milhares precediam das lavouras e da pecuária, acostumados à enxada e ao trabalho de “sol a sol”. Analfabetos sem qualquer qualificação profissional que os habilitassem para o serviço da indústria. Ao chegar a Volta Redonda para o trabalho na construção da CSN muitos deles são encaminhados ao trabalho braçal da construção civil, no formigueiro humano dos canteiros de obras. No dia-a-dia de trabalho pesado. Vão conhecendo novas ferramentas, além da pá, da enxada e da picareta, e aprende como manipulá-las, com uma rapidez que surpreende seus mestres de obra. Seu aprendizado, muitas vezes no “fazer fazendo”. (BEDÊ, 2004).

Em homenagem a esses operários, o brasão da cidade, tem o desenho de dois *ciclopes*, que se refere aos operários das forjas de vulcano. Sobre esses *ciclopes*, Bedê (2004) relata: “pés descalços, carcomidos, tresnoitados e abatidos, junto um sonho e a esperança de um bom e novo lugar pra se viver e trabalhar”. Nada traziam consigo, além do analfabetismo, da ignorância, da miséria, da subnutrição e das mãos calosas do cabo da enxada. E conclui: E dessa estirpe de gigantes sem estirpe é que faz surgir uma imensa fábrica, como jamais fora vista no Brasil. (BEDÊ, 2004).

Eram brasileiros de todos os cantos do país, mesclam-se traços culturais de diferentes regiões. E as trocas culturais acontecem na culinária, na convivência e nos linguajares. O

intercambio da rede, que era usada pelos gaúchos, passando para os mineiros, devido as péssimas condições dos alojamentos. (BEDÊ, 2004).

No começo, os operários ficavam em barracões, os “acampamentos” com mínimas condições de higiene e limpeza, muitas vezes fazem suas refeições no canteiro de obra, servidas através de furgão apelidados de Amélia, em alusão ao samba, “ai que saudade da Amélia”. Nas horas de folga, centenas de trabalhadores iam para as oficinas da Escola técnica. (BEDÊ, 2004).

Em 1943 já começam a existir os bairros ao redor da Usina. E nasce socialmente estratificava, com bairros destinados à elite no caso engenheiros e técnicos especializados, outros para os intermediários (os arigós de penachos) e os trabalhadores gerais (arigós de usina). (BEDÊ, 2004).

A CSN estruturava não só o novo trabalho, mas o novo modo de viver desses trabalhadores. Sem que notassem era ela que determinava os lugares de desenvolvimento, quem desenvolvia ali ou não, e a esfera social. Dentro da Usina vigorava um sistema paternalista e autoritário.

Sobre alguns costumes da época, no tempo ainda da construção da CSN os operários se reuniam no acampamento central num espaço chamado Cassino, e depois veio à se construir o Clube Náutico. De acordo com Veiga & Fonseca (1990) Os operários tinham culturas próprias, calcada sobre tudo na cultura negra. Os operários jogavam futebol, e começam a surgir alguns clubes. Depois o engenheiro e político Macedo Soares promove uma organização desses clubes, e dos torneios dentro do Recreio do trabalhador (Clube da CSN).

Sobre os conflitos da época, Veiga & Fonseca (1990) descrevem que essa violência e o autoritarismo fizeram parte da massa que construiu a Usina, “a empresa mantinha uma policia especial nos canteiros de obra que agia espancando os trabalhadores que se revoltavam e contestavam esta política. Desde os primeiros momentos de resistência dos operários aparece nos documentos da empresa e nos processos judiciais”. Os conflitos eram muitos. E afirma: Arigó matavam chefias, mas em grande número mesmo; revoltava-se e faltava ao trabalho. Nos boletins de serviço podemos perceber um número enorme de punições.

Em dois grandes momentos a CSN que funcionava como atrativo para o trabalho demite uma quantidade significativa de operários. No primeiro momento após a construção da Usina, e o segundo momento após uma expansão de acordo com os investimentos federais. Mesmo que o mercado nas capitais parecesse atrativo, os salários eram maiores, e os

benefícios como moradia, escolas, clubes. A quem dizia na época que a CSN era uma mãe. A CSN não precisava mais garantir a fixação de mão de obra, ela tinha uma reserva de força de trabalho. (VEIGA; FONSECA, 1990).

A partir daqui a história com os trabalhadores começa a mudar a Usina se movimenta a se responsabilizar mais pelos trabalhadores, sua qualidade e produção. Passando para a prefeitura as responsabilidades o desenvolvimento social e para aos empregados a possibilidade de construir suas moradias.

O golpe Militar de 1964 configura outra relação entre o capital e o trabalho. A CSN promove a mudança da diocese de Barra do Pirai para Volta Redonda. Em 1967 começa a se inscrever uma história dos movimentos sindicais. No estado começa com as greves os professores, depois dos construtores civis e depois dos trabalhadores das empreiteiras que operavam para a Usina na expansão. (VEIGA; FONSECA, 1990).

Cabe citar um trecho que Jessie¹⁴ (apud VEIGA & FONSECA, 1990) utiliza para explicar sobre a articulação que se dá nesse momento de “sindicalismo combativo”.

Será a partir da vivência coletiva de ser “arigó” que os trabalhadores sistematizarão a experiência vivida, construindo sua resistência. Esse trabalhador, tido como idiotizado e programável para ser “educado e higienizado” (segundo as palavras de Macedo Soares) na construção da dominação, se mostra agente histórico e se articula enquanto classe, assumindo o sindicato como instrumento de resistência.

Essa mudança entre os trabalhadores da roça em tornar-se operários culmina agora um novo movimento histórico de lutas somado aos mais jovens trabalhadores. Em 7 de novembro de 1988 começa uma greve histórica com repercussão internacional. Uma greve com fim trágico diante a intervenção do Exército e assim a morte de três operários.

Na época da greve os interlocutores dessa pesquisa já estavam aposentados, fora do trabalho, nas suas histórias essas recordações não surgem. Valdir Bedê faz considerações relevantes sobre o contexto sociocultural em livro, de forma resumida a cidade mantinha um caráter conservador, ainda com muitos tabus.

Bedê (2004) considera que a cidade ao fim dos anos cinquenta já estava enferma, e faz isso com base no elevado consumo de bebidas alcoólicas e associa ao consumo de tranquilizantes e de outras drogas.

¹⁴ Jessie Jane Vieira de Souza

Ele considera que o novo modo de vida, essa nova sociedade de caráter urbano-industrial, novos valores, típicos de uma sociedade de consumo, de necessidades artificialmente criadas. Nesse tempo os novos trabalhadores que entrava para o trabalho já era uma nova geração, que não sentia tão fortemente esse vínculo com a empresa, já chegavam mais qualificados.

Quanto ao contexto, nesse tempo já era alto o índices de farmácias, de clínicas e consultórios, médicos de todas as especialidades, além de psicólogos e terapeutas. Segundo a pesquisa do autor, os entrevistados concluem que isso se deve ao um desajuste psicossocial, que se teria acumulado durante anos, e afetou a vida das famílias, chegando a desagregar muitas delas. (BEDÊ, 2004).

Volta Redonda é a cidade que há mais casais separados, e a cidade que oferece um repertório de atenção aos idosos. Segundo Debert (1997) o idoso, especialmente a partir da década de 1980, tornou-se um ator político cada vez mais claro na sociedade brasileira, ocupando espaço na mídia e ganhando a atenção da indústria do consumo, do lazer e do turismo. É recente o interesse também das políticas públicas, a velhice, desde a Revolução Industrial, vem sendo associada à inutilidade ou à improdutividade. No entanto, há hoje um movimento, que busca reverter esta imagem e tenta demonstrar o quanto à pessoa amadurecida pode ser útil e tem energia para realizar diversas atividades, dentre as medidas adotadas encontramos mudanças nas terminologias para designar quem envelheceu: terceira idade, feliz idade, entre outras (NÉRI, 2004).

Novas terminologias, novas técnicas, novos cuidados e nova imagem, o velho atual acaba sendo alvo de muitas novas estratégias, e Volta Redonda também reproduz toda essa atenção. Carvalho. (2010, p 52 e 53) faz um mapeamento:

Temos o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa – CMDDPI, que é vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social, como órgão de caráter deliberativo, fiscalizador e responsável pelo planejamento, estabelecimento, acompanhamento, controle e avaliação da política e das ações pela melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas do Município de Volta Redonda, em consonância com a Política Nacional do Idoso. (Lei Municipal nº.4.015). No Município de Volta Redonda, a Secretaria Municipal de Ação Comunitária (SMAC) é o órgão que tem a competência da coordenação da Política Nacional de Assistência Social, conforme estabelecido pela Constituição Federal, e de acordo com a Política Nacional do Idoso e mediante a Lei Orgânica Federal nº. 8.742/93 para as ações destinadas a atender às necessidades desta população, através de projetos e ações.

Outro projeto desenvolvido é a atenção as ILPs (Instituição de Longa permanência para Idosos), atualmente contamos com 5 entidades no município de Volta Redonda:

A ILP Legião da Boa Vontade (LBV), em Santa Rita do Zarur, o Lar dos Velhinhos, no bairro Monte Castelo, o São Vicente de Paula, no bairro Dom Bosco, o Sagrado Coração de Maria no Roma I, e o Nova Vida no bairro Morada da Granja, sendo que nenhum deles é municipalizado.

Na parte municipal, ainda visa promover assistência através:

A ginástica da SMEL através do projeto Viva a Melhor Idade, atende a 12.000 idosos em 28 pólos em bairros distintos, promovendo atividades físicas, culturais e de lazer para a população idosa.

Já a Academia da Vida Oscar Cardoso, realizado pela Fundação Educacional de Volta Redonda (FEVRE) que funciona no Estádio Municipal Raulino de Oliveira, atende a 515 idosos oferecendo-lhes ações nas áreas de educação, saúde arte e cultura. Trabalham com o objetivo de “edificar um novo cidadão de terceira idade, mas feliz, mais consciente e criativo, que integre, de forma saudável, as esferas do seu ser físico, cognitivo, emocional e espiritual, atuando na melhoria da qualidade de vida pessoal, da família e da comunidade”.

Concluindo Volta Redonda é uma cidade que a população idosa é significativa e assim também o repertório de equipamentos para o cuidado, instituições governamentais e não governamentais. Atuando em vários níveis de atenção, buscando servir de apoio social para os idosos.



Figura 4- Localizada na Praça Brasil em Volta Redonda-RJ, esta estátua é inaugurada em 1957.

O trabalhador, homenagem a você trabalhador nossa gratidão.

2 OS ARIGÓS

Foi uma beleza!! (Nequinha, terceiro interlocutor ao lembrar a vinda para Volta Redonda)



Figura 5 - Trabalhadores

Olhar essa foto nos estimula a imaginar a vida e a história de alguns desses moços no caminhão. A maioria era de trabalhadores recém-chegados de Minas Gerais para a construção da Siderúrgica em 1940. A esses operários atribuíram o apelido de “arigó”, nome de uma ave de arribação.

Os arigós, além da edificação da Siderurgia, participaram em paralelo do surgimento da cidade de Volta Redonda, que recebe este nome em razão da curva do Rio Paraíba do Sul. Esses migrantes, homens e mulheres, fizeram por tecer uma nova identidade neste lugar.

A Companhia Siderúrgica Nacional, conhecida como CSN, surgiu no ano de 1941. No início da década de 1930, Getúlio Vargas assume a presidência da República e a discussão sobre a industrialização toma visibilidade. Em 1937, Vargas implanta um regime ditatorial, o Estado Novo. Este governo teve uma orientação centrada na ideia de implantar indústrias de base como forma de desenvolvimento econômico e social do Brasil. O sudeste era a região promissora para a construção dessas indústrias, os minérios e as energias foram elementos fundamentais. Portanto a região que hoje é a cidade de Volta Redonda foi privilegiada dentre

algumas razões pela proximidade de água doce, e a possibilidade de mercado entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

A Siderurgia se transformou no marco da industrialização no Brasil, e surge sob o signo de emancipação econômica e social do Brasil. Repleta de possibilidades, vista como um divisor de águas, e marca um compromisso do país com um projeto de desenvolvimento e de sociedade. Carrega em sua premissa o compromisso de algo maior, amplo e coletivo, essa é a perspectiva original que embalou a sua construção. (TIEZZI, 2005, p. 8).

A região de Volta Redonda foi escolhida por motivos estratégicos e econômicos, e entre elas estavam também os baixos salários vigentes no decadente Vale do Paraíba. Anteriormente entre as décadas de 1820 e 1890 no Brasil no mesmo momento em que se dava a independência do Brasil em relação a Portugal, criava-se uma economia exploradora nacional, a agricultura cafeeira se consolidou incluindo o Vale do Paraíba (região da cidade de Volta Redonda). Em 1888 com a abolição da escravatura, as lavouras foram abandonadas. E nas décadas de 1900 a 1940 as fazendas de café estavam decadentes. A Zona da Mata de Minas Gerais havia sido no século XVII um celeiro de escravos. A mão de obra para a construção veio principalmente desta região de Minas Gerais. (TIEZZI, 2005; VEIGA, 1990).

Os arigós e os historiadores relatam que caminhões saíam de Volta Redonda em direção à Zona da Mata Mineira em busca de homens com ou sem famílias. Nenhum dos interlocutores desta pesquisa veio nesses caminhões, todavia, muitos idosos em Volta Redonda contam essa parte em suas histórias.

Antes de apresentar nossos interlocutores e suas histórias, apresento primeiramente a metodologia empregada que norteou o trabalho:

Apesar da história de vida ser um método amplo, há os contornos tendenciais que ocorrem tanto na entrevista como nos seus conteúdos coletados. Na entrevista, a liberdade é desafiada no próprio modo de condução do investigador, que de algum modo na atitude de perguntar, traz em seu bojo a gênese da interpretação final, mesmo que o interlocutor tenha a liberdade de compor à sua vontade os momentos do seu passado. (BOSI, 1993).

Quanto aos contornos dos conteúdos das histórias, vale ressaltar que o contato do investigador com o contexto histórico pode influenciar nos desdobramentos dos conteúdos. Bosi ressalta que uma intenção configura a narrativa. Assim nesta experiência as lembranças foram mais ligadas a aventuras pessoais, que memórias dos contextos históricos ou sociais. As lembranças das histórias contadas aqui trazem uma ressonância mais subjetiva que coletiva.

Retoma-se as reflexões de Tinoco (2004) que comenta sobre a necessidade de conhecer a trajetória profissional do próprio investigador. Dessa forma, é importante ressaltar que durante a realização da pesquisa a interação e vivência do pesquisador com esta realidade contribuíram para desenvolvê-la: a história familiar, as observações do contexto social da cidade de Volta Redonda, as longas horas de escuta nos grupos, a formação em Gestão de saúde pública, de Neurociências aplicadas à longevidade, o curso de Gerontologia Social. Para concluir, o próprio método traz o desafio em não se manter em amarras teóricas para buscar compreensão das histórias.

No desenvolver das entrevistas os conteúdos das histórias se desdobravam para as histórias pessoais de trabalhadores. Ecléa Bosi faz isso em 1993, sua experiência norteará também esta pesquisa. Aqui o indivíduo é testemunha de um tempo, de uma experiência, ou de um lugar.

Reafirmamos que a fonte de dados deste trabalho repousa na reconstrução das histórias de vida de três idosos de Volta Redonda. Partilhamos aqui a concepção de Santos (2013), na qual ressalta que a memória social

não se adéqua a um só conceito, mas sendo melhor compreendida esse em que se insere em um processo de revelação e desvelamento, cujos conteúdos passam pela simbolização (individual e coletiva), pelo imaginário, pela cultura e seus traços, pelas sensibilidade e seus rastros. (SANTOS, 2013, p. xx).

A memória dos “velhos” pode ser trabalhada como mediadores entre a atual geração e as testemunhas do passado. Nesses termos, Bosi (2003, p. xx) adverte que: “memória é o intermediário informal da cultura, existe uma transmissão de valores, de atitudes, enfim os constituintes da cultura”.

A memória do Ofício se estende desde a sua prática cotidiana que se desdobra e penetra na vida psicológica e a face objetiva da realidade, como a inserção no campo econômico e social. Dada à dimensão subjetiva, esses idosos, cada um deles se dedicava com prazer em descrever suas experiências. “A recordação era tão viva, tão presente, que se transformava em desejo de repetir o gesto, ou ensinar a arte a quem o escutava.” (BOSI, 2003, p. 479).

Entende-se as recordações a partir do conceito de Halbwachs (2003), a pesquisa irá recorrer à testemunhos vivos, falamos dos idosos, porém segundo este autor o primeiro testemunho que recorreremos é o nosso. Nós carregamos conosco não só a capacidade de perceber, mas as imagens que criamos e pode pensar sobre o que se percebe. E segundo

Halbwachs “é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, mas que talvez tenha visto outrora e talvez formado opinião sobre o que viu no testemunho de outros.” Não estamos sozinhos.

A partir disso, nesta pesquisa vamos conhecer a história de três idosos que vão nos apresentar a dimensão humana, retratar a vida de alguns desses trabalhadores, nos relatar como essas pessoas de vários lugares que elegeram uma cidade para construir seus sonhos, suas famílias, fizeram de Volta Redonda seu Eldorado¹⁵.

Vejam as histórias de sonhos e realizações de homens construtores de uma Usina, os Arigós. São eles: Bernardino, Antônio e Nequinha.

2.1 Quando eu vim para cá...

Bernardino nasceu em 1926, tem 90 anos de idade, ele acha que exageram na sua idade. Ao se apresentar sempre diz o seu nome e sobrenome. Nasceu em Itabira-MG, e chegou a Volta Redonda em 1947. Na entrevista ele convida a esposa a participar considerando que ela saiba mais da vida dele que ele mesmo, e é assim que sua história também se faz; toda dedicada à sua família, desde que se casou em 1952. Saiu de casa aos 17 anos, veio para Volta Redonda e foi bem dizer “adotado” por um senhor que o auxiliou na busca do seu primeiro trabalho, neste caso na CSN.

¹⁵ Ver Sergio Buarque de Holanda (1958). No século XV, os europeus acreditavam que o Novo Mundo era o Paraíso, Eldorado. Posteriormente, em certa medida, esta noção de Eldorado se popularizou para qualquer região que possa trazer dinheiro e felicidade aos habitantes e imigrantes que se dirigem até ela.

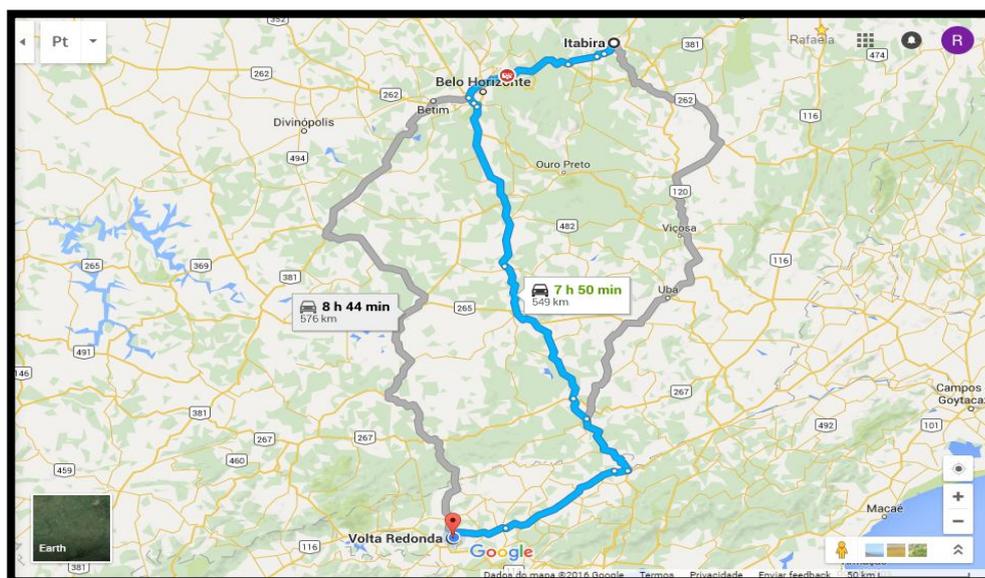


Figura 6 - Itabira- MG pertence à Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, mapa com distância entre Itabira- MG e Volta Redonda – RJ.

Aos 10 anos perdeu sua mãe e foi cuidado por sua irmã, na qual se lembra com muito carinho durante todo o relato de sua história, ela cuidou dele e dos outros irmãos. Dá muito valor a sua honestidade; relata o conselho de seu pai ao sair de casa; para ter paciência se o seu salário fosse diferente dos colegas de trabalho, e ainda sobre reconhecer os limites quando não conseguir realizar um serviço. Com seu pai aprendeu também a trabalhar, capinar na lavoura de café, lavoura de milho, plantar arroz, apanhar café, fritar o arroz, mas passou por cima dessa história todinha, e em Volta Redonda construiu sua família. Casou-se com uma moça que era vizinha e amiga da família, os filhos foram chegando. A filha aos 3 anos já dizia que queria ser médica, e ele com orgulho conta como formou sua filha, e seu outro filho em engenheiro. Bernardino, que trabalhou na soca de linha quando começou sua carreira na CSN, relata com satisfação e como se a lembrança fosse viva, o momento em que Pai e filho se encontram dentro da CSN, em um dia de trabalho. Aposentou-se. Para ele é uma honra concluir seu tempo de trabalho, além da felicidade de estar vivo e não ter vivenciado nenhum acidente durante seu ofício. Reafirma: “Graças a Deus, eu, modéstia à parte, não tive acidente nenhum na Companhia”.



Figura 7 - Construção de linha férrea, ainda hoje funciona no transporte dentro da CSN. Uma das primeiras atividades que o nosso primeiro interlocutor realizou; “soca de linha”.

2.2 Eu nasci na Roça, é uma boa experiência...

Antônio, é o segundo interlocutor, tem 88 anos de idade. Nasceu na roça e considera isso uma boa experiência. Sempre pensou em vencer na vida. Aos 14 anos propõe ao pai cuidar da lavoura de café, mas o pai prefere que ele faça isso junto com o irmão. Após essa tentativa de vencer ainda em Minas, através da lavoura e por discordar das imposições do pai, prefere sair de Inhapim aos 17 anos.

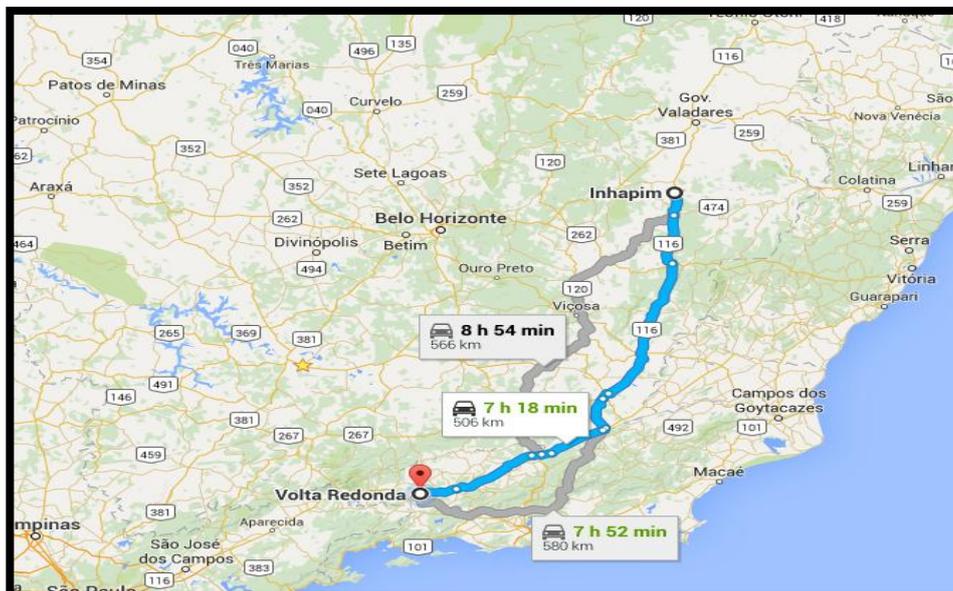


Figura 8 - Inhapim – MG possui segundo IBGE aproximadamente 25 000 habitantes, Zona da mata Mineira, mapa com distância entre Inhapim - MG e Volta Redonda – RJ.

Conta que via nos trens o nome da Siderúrgica, CSN. Antes de chegar a Volta Redonda ele já sabia que existia a CSN. No dia de sua saída o pai ainda mudou de ideia, mas já estava decidido a vir para o Rio de Janeiro. Parou na cidade de Barra do Piraí – RJ conseguiu o restante de seus documentos, e trabalhou por um tempo até chegar a Volta Redonda em 1952. Antônio se lembra com detalhes das conquistas na sua trajetória de trabalho, desde o começo como ajudante até se tornar um mecânico, cada etapa, cada momento fica claro seu esforço e o desejo de ser capaz de realizar as tarefas, e assim atender as demandas do trabalho.

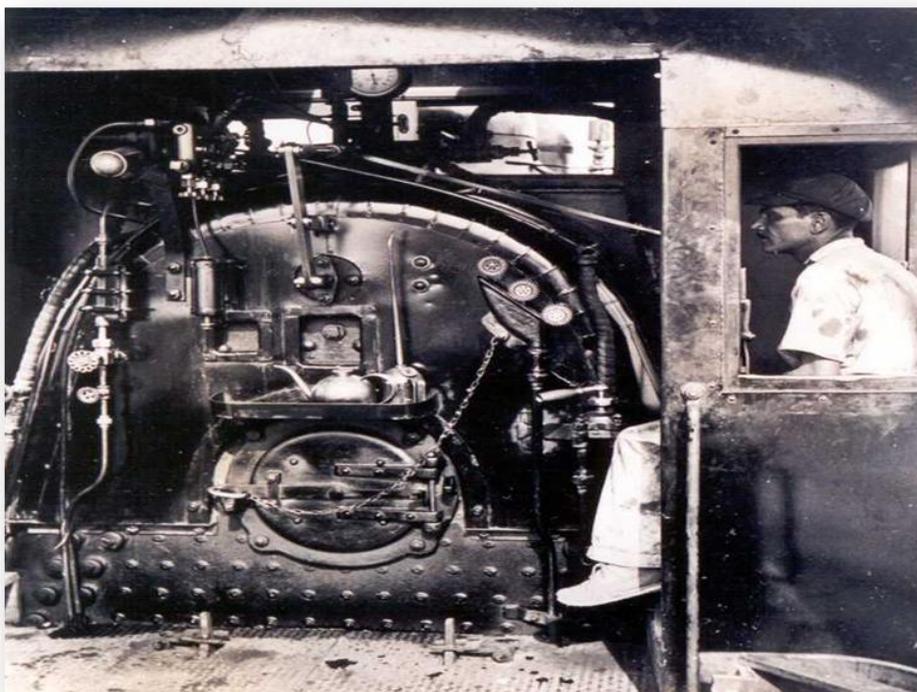


Figura 9 - Foto que veio no acervo do museu do trabalhismo, divulgado em redes sociais. Volta Redonda.

Antônio relata também que sempre teve outros trabalhos paralelos à CSN: se descobre corretor, vendedor de carro, e motorista dentre outras. Esta última atividade descreve com prazer, e fala dos lugares que conheceu, e com muita saudade relembra suas longas viagens. No meio de uma vida de muito trabalho, ele ainda amparou sua família, primeiro lá em Minas e depois trazendo todos para Volta Redonda; primeiro alguns irmãos e depois os pais. Entre os serões ele terminou os estudos, casou-se e foi construindo sua carreira e conquistando seus objetivos na CSN, e os pessoais, queria ser mecânico de máquinas. Trabalhou durante 30 anos. Aposentou e continuou com as viagens. Hoje está com 87 anos. Um trecho que ele remonta com muita sabedoria é a sua mudança para Volta Redonda como uma oportunidade. “E quando eu vim pra cá, mudei de ideia de muitas coisas, né? Sempre aproveitando as oportunidades. Não perdi a oportunidade, se perder uma oportunidade, pode esquecer, mas, se aproveitou, é lembrança para toda a sua vida”.

2.3. Eu tinha tudo para ser bom aluno...

Na história do terceiro e último interlocutor, tem trabalho, música e um pouco da boêmia de Volta Redonda, o Nequinho de Lavras.

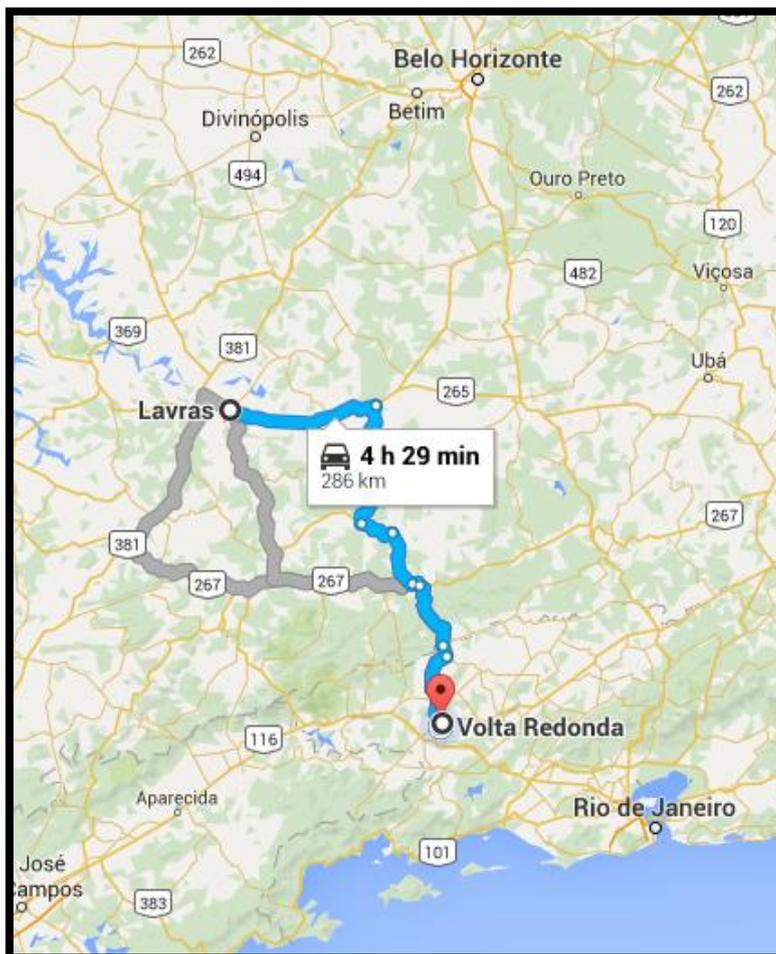


Figura 10 - Lavras – MG, muitos trabalhadores da época vieram dessa cidade mineira, mapa com distância entre Lavras - MG e Volta Redonda – RJ.

Nequinho nasceu em Lavras. “É, eu não posso falar muito, senão eu esqueço, e me perco”. Essa é a estratégia dele para não perder o fio da meada. Chegou em Volta Redonda, no ano de 1943. Segundo ele: “Foi uma beleza!” Muito simpático ele continua... “Logo chegamos e ganhamos uma casa. Bem dizer, ficamos ricos”.

Aos 13 anos de idade veio para Volta Redonda, após seu pai ter vindo e ser empregado na CSN como mestre de obra. Relembra do tempo que o pai chegou e mandava alimentos para a família em Minas pelo trem. Em Volta Redonda foi um dos primeiros alunos da Escola Técnica, matava aula, mas era aluno. Serviu o exército e se achava bonito com seu quepe,

sentia-se atraente para as meninas. Começou a trabalhar na CSN na estrutura metálica, no meio de muito trabalho lembra das viagens, não viajou para fora do país, mas pelo Brasil. Rememora o frio do Sul, a grandiosidade da obra em Arcos-MG. Lembra da implantação dos computadores do Escritório Central, que mudou o tempo de confecção dos contracheques. “Antes eram dias, agora é um dia só”.



Figura 11 – Construção do Escritório Central

Em Belo Horizonte, Nequinha trabalhou numa rádio. Quase se formou em Barítono Cantante e foi trabalhar numa rádio em BH, e ficou lá por um bom tempo. Em Volta Redonda, casou-se, mas como ele mesmo diz, “não prestava”, casou-se mais uma vez. Viveu um relacionamento que como diz ele não sabia se estava casado ou solteiro. E naquele tempo viveu com duas mulheres numa mesma casa. Mas sem muitos detalhes ele passa por essa parte com um pouco de vergonha. Não se recorda o ano de sua aposentadoria, mas como reside com sua filha e neto, a filha dá uma ajuda nas datas, aposentou-se em 1978. Voltou a trabalhar algumas vezes, conta que assim não bebia durante o dia. Ao descrever, fala dos clubes e bailes de Volta Redonda, com muito prazer. Fala que cantou no Rio de Janeiro e em São Paulo. Inclusive no Programa de televisão, Cassino do Chacrinha. Atualmente ele

continua cantando, não como antes, mas canta no Centro Dia, uma instituição que ele frequenta durante a semana e fica o dia inteiro.

As histórias desses três arigós serão articuladas neste capítulo, inclui os momentos de Minas Gerais e do tempo do Trabalho e mudança para Volta Redonda. Cada história traz uma marca permanente de como construíram suas identidades, como a vida de cada um se constituiu na interação com o contexto que estavam inseridos, no caso uma cidade, um trabalho e as suas próprias vidas em construção. De certa forma, as histórias evidenciam o formato como construíram suas sobrevivências e vivências de modo interativo com a sociedade. Estas histórias exploram o que há entre a relação memória e história. Nesse caso, a vida desses primeiros trabalhadores industriais do Brasil.

Entendendo as histórias de vida como um método que possibilita contextualizar a vida em todo o seu dinamismo. Estas histórias não são histórias isoladas, elas comungam de um contexto único. Elas trazem para nós a oportunidade de desvelar a experiência humana, seus aspectos vividos, bem como a relação subjetiva dos interlocutores com eles, entre eles, ou ainda com a sociedade que vivem.

2.4. As histórias que entrelaçam a vida em Minas

Bernardino, Antônio e Nequinha têm em comum a idade, a mudança para VR e os modos de como viveram em Minas Gerais. As cidades são de regiões diferentes. Mas todos eles ao narrarem suas histórias dedicam a contar um pouco sobre os *Modos de vida* em Minas Gerais na década de 1940.

Por *Modos de Vida*, concebemos neste estudo, as condições de vida, aquelas necessárias à reprodução social como: nutrição, convivência, saneamento, condições ambientais, que são estruturadas através dos padrões de consumo ou ainda a capacidade de consumir. O termo nesta pesquisa engloba o que chamamos de estilo de vida, o que se refere no caso aos conjuntos de valores, atitudes e oportunidades na vida das pessoas. O conceito de modo de vida esta inserido na construção teórica em saúde coletiva que resulta em uma nova vertente da epidemiologia crítica.

Dos *Modos de vida em Minas Gerais* na década de 1940.

O relato a seguir reproduz os modos de vida de Bernardino. Em suas palavras:

O meu pai, ele trabalhava na roça, ele era roceiro, antes d'eu ir para lá, eu tava com 16 anos, ficei na CSN com 17 anos. Mas o papai ensinava a gente a trabalhar, a capinar na lavoura de café, lavoura de milho, lavoura de arroz, apanhar café, plantar feijão, fritar arroz, depois passei por cima dessa história todinha, graças a Deus.

E ainda sobre os valores familiares, lembra o conselho do pai: “Mas eu tinha bem a instrução do meu pai, ouça seu superior, ele saberá classificar você, ajudar você, enfim. Aí o talento do papai caía de cheio dentro da cabeça”.

No relato de Antônio:

Nasci na roça, é uma boa experiência da roça, e sempre pensava em vencer na vida. Nossa eu gostava disso, eu gostava de porco e vou te falar, se a pessoa souber encarar e valorizar os produtos da roça, os compradores, tudo o que você produz, eu considero uma riqueza, fruta, tudo que você quiser inclusive o que no nosso sítio tinha de fruta que eu nunca vi em lugar nenhum, jabuticaba branca, mas tu precisas ver docinha, ela é verdinha, quando ela está madura, ela fica brilhosa e dava até na raiz. Criava galinha, criava porco, tudo isso a gente tinha lá.

Sobre sua família:

Trabalhando ali, quando não tinha condições de entender as coisas como deveria ser, ficava pro meu pai resolver, quando ele mandava, minha mãe mandava, quando eles resolviam os problemas, e eu vivia ali sobre aqueles problemas, eu dependendo deles em todos os sentidos. Terreno nosso, nós não trabalhávamos para ninguém, mas havia coisas que a gente queria adquirir na roça e não adquiria, e a gente ali seguindo aquilo.

Antônio relata ainda sobre as atividades econômicas, e continua:

E aí eu pedi a meu pai a lavoura de café pra eu cuidar, dividir o café, aí a coisa ia mudar, ele falou: eu dou a lavoura do café para você trabalhar, mas tem que ser pra você e o seu irmão, só que o meu irmão nunca quis nada com o serviço. De tudo aquilo, eu, quando completei meus 16 anos, eu propus para meu pai trabalhar por minha conta e dividir o que eu fazia com ele, aí foi indo, eu não estava satisfeito com aquilo, eu trabalhava o ano todo, no final do ano que eu ia vender aquilo, na época todo mundo tinha, os compradores queriam pagar muito barato e eu não queria, todo mundo vendendo barato aquilo, quase dando de graça aquele trabalho que eu tinha do ano todo, não dá pra ficar na roça não. A vida em Minas era muito mais difícil e não tinha valor.

Destacamos trechos de Nequinha, falando um pouco dos Modos de Vida em Minas Gerais: “Tinha um chiqueiro de porco, negócio para animais lá, quando tinha, chamaram meu pai e meu tio também que era pedreiro e foram levando assim. A vida apertada. Oh vida apertada”.

Em outro momento: “*Mas ele mandava as compras pra lá, a gente ia lá na estação pra retirar a compra e tinha que levar uma carroça mesmo pra carregar os mantimentos, que era muita coisa, era saco mesmo, aquela coisa toda e aquilo que o pessoal via*”.

Sobre a casa:

A gente tinha muita terra, mas morava todo mundo naquele sítio, era muito grande, as famílias todas ali, e até quem não tinha nada praticamente, quem dormia embaixo da marquise, o vovô levava lá pra casa, era uma beleza.

A gente ia pra lá e aquelas pessoas que não tinham recurso nenhum, e o nosso terreno era grande mesmo, e tudo era nosso né, e aquelas pessoas que vinham da roça, que estavam passando até fome, vinham buscar.

Eu sei que o vovô botou um bocado de gente lá na nossa terra e dava comida pra eles, o vovô era mestre de obra, tinha escola agrícola, ali ele praticamente era quem tomava conta da parte de pedreiro e ele ajudava um bocado de gente. E era desse jeito, era uma beleza, quando a Siderúrgica surgiu aqui, foi bom pra gente e para os outros que não tinham recursos.

E a cidade de Nequinha, Lavras-MG:

Tinha uma praça bacana, coisa e tal, eu acho que sexta, iam as moças. Sexta, sábado e domingo. Mas ficava assim, oh, gente pra danar, ficavam por ali, andavam todas de braço dado, vinham de Vargem, Cantasol, Lavrinhas, de todo lugar, Lavras- MG estava crescendo ainda.

É significativa a forma como todos os interlocutores se dedicam a relatar suas atividades no tempo em que moravam em Minas Gerais. Os três se remetem às atividades diárias, como os cuidados com os animais, agricultura, e cozinhar, e as têm como uma experiência importante. De modo objetivo estavam ligadas à alimentação, observa-se uma valorização desses momentos. Buscam enfatizar as dificuldades superadas ao longo de suas trajetórias de vida. Nota-se uma convivência mais ampla com pessoas de outras famílias ou ainda de tios, avôs, avós como pertencentes às famílias conviventes¹⁶.

A descrição dos modos de vidas desses idosos em Minas Gerais associado a valores tais como família, trabalho e terra, nos remete ao conceito de campesinato, entendido como:

(...) um conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral que tem como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra. Trata-se de um modo de vida tradicional, constituído a partir de relações pessoais e imediatas, estruturadas em torno da família e de vínculos de solidariedade, informados pela linguagem de

¹⁶ Nessa perspectiva de estudo, uma família engloba pessoas com diferentes graus de parentesco, definidos a partir da descendência/ascendência sanguínea, ou através do casamento e da adoção. Entretanto, operacionalizar o conceito de família, os institutos de pesquisa restringem o escopo da família ao grupo domiciliar. Assim, nos censos demográficos e outras pesquisas domiciliares (tipo PNAD), o alcance máximo de uma família vai até os limites físicos da moradia.

parentesco, tendo como unidade social básica a comunidade. (MARQUES, 2004 *apud* CUNHA, 2012, p. XX).

Embora seu surgimento seja de uma reivindicação política, este conceito traz consigo características sociológicas. Trata-se de um modo de vida que se formou no Brasil e que atualmente recebe novas atualizações e ressignificações, mas permanece existindo.

Cunha (2012) sintetiza a origem do campesinato no Brasil, e aponta que pode ser proveniente de antigas zonas agroexportadoras, como antigos engenhos de cana-de-açúcar, algodozeiras e cafeeiras, no momento em que os arranjos entre proprietários e foreiros, colonos ou arrendatários, trabalhadores camponeses que moram no interior da propriedade – dando origem a núcleos camponeses nos arredores destas propriedades. E ainda: o denominado campesinato de fronteira, que consistiu na implantação de núcleos camponeses que garantiram o povoamento de áreas distantes, muitas vezes ligados à expulsão de povos indígenas que ocorreu principalmente na região Norte de Minas Gerais (GODÓI, 1999 *apud* CUNHA, 2012).

A relação do homem e da natureza nas sociedades camponesas ocorre de forma inversa, dado que a natureza é considerada sagrada. A retribuição de uma dádiva – como a chuva que favorece a colheita – ocorre nas orações, nos ritos e nas festas realizadas em agradecimento a uma divindade. (CUNHA, 2012).

Os modos de vidas são narrados de modo expressivo pelos interlocutores. As lembranças de Antônio revelam um afeto pelo espaço que vivia. As de Bernardino parecem apontar para um momento de partilha, de comunhão familiar e superação. É uma valorização dos princípios com a clareza das lembranças dos conselhos do pai. Nequinho se lembra da convivência familiar ampla, da fartura de alimentos que o pai enviava da cidade através do trem. Mesmo que ele tenha saído muito cedo, as lembranças são bem ávidas. Esse tempo parece tomar certa preponderância em suas histórias de vida.

Para Halbwachs (2003), “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. Mesmo que essas experiências sejam individuais, elas trazem características comuns entre o que esses trabalhadores consideram essenciais, do tempo que viveram em Minas Gerais.

Ainda sobre o tempo de Minas Gerais, dois de nossos interlocutores tocam especialmente no assunto *Estudos*:

Nas palavras de Bernardino: “Quando vim, só tinha estudado até a 3ª série primária, eu cheguei para trabalhar na Companhia, já entrei para a Escola Técnica e fiz curso, um curso aqui, eu agora desaprendi quase tudo”.

E Antônio:

Era à noite que a gente estudava, e não era qualquer um que estudava também não. A gente tinha que levar lamparina, e não era muita gente. Era muito longe, a gente ia a pé. A gente nunca foi em colégio quando a gente era criança. Era companheiro nosso lá da roça. Aí eu aprendi tudo que aquele professor já sabia. E aí eu ia pra outro, que sabia um pouco mais. Aí quando eu cheguei aqui em Volta Redonda, eu fui pra escola profissional. Só que eu comecei o serão, atrapalhou muito, muito trabalho, eu comecei a falhar lá, na Escola Técnica.

O terceiro interlocutor não menciona sobre os estudos em Minas Gerais, mas os dois outros que mencionam relatam as dificuldades: um por não ter estudado em séries mais avançadas, e outro pelo acesso e ainda a falta de professores qualificados.

Sobre a formação escolar, fica evidente que naquele período a educação não era garantida nas áreas rurais, a escola não trabalhava como via de formação, de qualificação, ou ainda capacitação desejável para o mundo do trabalho; bem como uma limitada oportunidade de desenvolvimento social, intelectual, ou dos fatores de personalidade desses interlocutores no tempo de seus desenvolvimentos. A vida fica aqui entregue aos interesses, aos desejos e aos projetos de vida de cada um deles, ou ainda as necessidades.

O trecho abaixo contextualiza a educação no campo, aproximadamente no tempo em que os interlocutores descrevem suas vivências.

A educação escolar foi tratada com descaso pelos dirigentes brasileiros desde o tempo colonial. Inspirada na contra-reforma era alheia à vida da sociedade e excluía os escravos, as mulheres e os agregados. Nas primeiras constituições, a educação rural nem sequer foi mencionada nos textos constitucionais. Só nas primeiras décadas do século XX é que ela aparece, com o objetivo de conter o movimento migratório e elevar a produtividade do campo. As escolas implantadas no campo só contribuíram para reforçar essa imagem. Escolas com pedagogias bancárias, importadas da cidade: currículo, calendário, cartilha e professor. (COELHO, 2011, p. 136).

Waldir Bedê (2004) escreve sobre as mudanças socioculturais e salienta:

Ao final dos anos cinquenta, entrava em atividade a segunda geração de trabalhadores da Usina [...] Esse novo trabalhador receberia uma longa e bem cuidada formação profissional, seria mais letrado e disporia de muito mais informação do que a geração que o precedera (BEDÊ, 2004, p. 78).

Nequinha parece ser um desses novos trabalhadores, ele não passou pela dificuldade de estudo do campo e chegou em Volta Redonda em um contexto mais preparado.

Muitas vezes sentimos angústia diante da vida que nos impõe ritmos e afastamentos na qual nos vemos sem buscar, ou almejar algum sentido, alguma construção em nossas vidas. Sempre estamos a procurar algo, coisas para fazer, um trabalho, um amor, felicidade, enfim, sempre estamos atrás de algo que nos torne mais plenos, mais completos ou ainda que torne nossas vidas mais significativas: os sentidos de vida. Nessa categoria *Sentidos de vida*, pretende-se trazer momentos que os interlocutores contam sobre o que os mobilizaram a algo que demandou certa procura, com o intuito de trazer significado à vida deles. Dois deles deixam explícito que saíram em busca de algum propósito, seguiram suas vidas destinando-se a realizar um objetivo.

Vejamos Antônio:

Quando eu apanhei a idade de 14 anos, eu fiz uma proposta pro meu pai, aí já estava entendendo as coisas. Eu falei pra ele, ele tinha uma lavoura de café e tudo, plantava lá arroz, feijão, essas coisas todas, criações, e eu gostava muito de criações, era gado, era cavalo, burro, e eu entendi até de criação de burro, como se cria burro, você já teve essa experiência?

Porque toda a vida eu tive vontade de vencer, trabalhar mesmo, meu irmão nunca gostou de trabalhar, até hoje, nunca gostou, aí falei: meu negócio é sair da roça, eu preciso sair, porque aqui não dá resultado não.

[...]e fiquei preparado para sair da roça, o dia que eu sai, que ele viu que eu vinha, que ia sair mesmo, e foi muita coragem viu, a cidade maior que eu conhecia era Caratinga-MG, que era mais próxima da nossa cidade, eu vim de Inhapim, viajei, chegou no dia d'eu vir embora, ele me acompanhou e disse: resolvi te dar a lavoura de café. Eu falei: agora mudei de ideia, agora estou com outras ideias e não quero lavoura de café mais não. Ah puxa vida!

E Nequinha:

Eu tinha pessoas que gostavam de música na família. Meu tio, minha tia lá em Lavras tinha duas bandas, uma da prefeitura e uma outra particular. Meu tio arrumou uma encrenca lá, eu só sei que ele dormiu, meu tio era bravo da vida, gostava de uma briguinha, e ele tocava lá, arrumou uma briga na cidade e coisa e tal, no coreto da cidade arrumou briga com as duas bandas naquela noite. Ele sumiu e o boca tava lá em até hoje é aquele bocal. Ele sumiu durante o dia, passou muito tempo ele, e morreu não foi mais em Lavras, Há muitos anos, naquele tempo era criança, eu sei que ele morreu e não voltou mais em Lavras. Mas e aí foi morrendo o tio, depois morreu a outra tia.

Ficou mais de 30 anos, tanto é que deu aquele rolo lá, eles tiraram o bocal que ele me deu. Ele falou Nequinha, para quando você crescer, você tocar igual seu tio. Não deu pra tocar, eu tocava violão, mas agora, música mesmo eu entrei no conservatório, né, e aprendi bastante.

Dois dos interlocutores expressam claramente seus objetivos, *Antônio* o de vencer na vida, e *Nequinha* ao relatar a vivência musical da família, o seu envolvimento com a música. *Bernardino* não menciona um desejo, mas a família é o sentido de vida. Não fica claro se era o que ele buscava, mas todas as construções significativas à família estavam envolvidas.

Os recortes que aqui mencionamos são momentos dos interlocutores em Minas Gerais. Ecléa Bosi, no livro *O tempo vivo da Memória*, cita alguns ensaios de Psicologia Social. A autora ao discorrer sobre os estudos de história oral questiona se o movimento de recuperação das memórias pelas ciências humanas seria uma moda ou teria uma origem mais profunda como a necessidade de enraizamento? (BOSI, 2004, p 16).

Esta pesquisa desperta uma considerável importância quando se observa que os resultados podem contribuir para preservar a memória do trabalho, ou ainda, a história do trabalho na cidade de Volta Redonda. A meu ver, os escritos trazem consigo uma oportunidade de pertencimento. Sobre essa questão, Bosi (2004) fez um estudo dos escritos de Simone Weil¹⁷. O enraizamento é visto como uma necessidade mais importante e desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Conhecer estas histórias nos oportuniza vincular um Direito Humano semelhante a outros ligados à sobrevivência.

Ainda quando se trata de uma história recente, o pesquisador tem o privilégio de amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidade de uma época. O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo. (BOSI, 2004).

A casa, ou lugar de nascimento foram lembranças leais nessas histórias. Os relatos descrevem com sentimentos a convivência familiar, as lembranças dos lugares de nascimento, que tornam o centro do mundo, e o mundo cresce a partir dele. A dimensão retratada é do tamanho que ela tem para eles. Antônio é um interlocutor que relata um valor de importância que ele dá a vida em Minas Gerais, e o desejo que tinha de vencer lá mesmo. Essa perspectiva é diferente dos outros, mesmo tendo construído toda sua vida fora da cidade natal, lá ainda parece ater um valor maior.

¹⁷ Ecléa Bosi baseou no livro de 1996, *A condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

Volta Redonda passou por mudanças socioculturais ao receber a construção da CSN. Como apresenta Waldir Bedê (2004), historiador e professor de Volta Redonda, estas mudanças também se devem:

Pela dimensão humana que avulta da história social de Volta Redonda: Mesclam-se, num mesmo lugar, milhares de pessoas, que deverão viver juntas, fazendo o mesmo trabalho, ainda que em atividades distintas, sofrendo as mesmas privações, dividindo os mesmos anseios, somando as mesmas esperanças. Essas pessoas com todas as suas peculiaridades elegem um mesmo objetivo: fazer de Volta Redonda o seu Eldorado. (BEDÊ, 2004, p. 20).

Foram várias pessoas vindas de outras regiões do país em busca de trabalho. Até o início da década 1940, Volta Redonda se apresentava como um pequeno povoado, distrito de Barra Mansa, com uma população que não alcançava três mil pessoas, concentradas na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Com o início das obras da Companhia Siderúrgica Nacional sua população saltou para mais de nove mil pessoas. Em 1950, já apresentava uma população fixa de trinta e cinco mil novecentos e sessenta e cinco pessoas.

É notório o maior número de migrantes mineiros, mesmo que de regiões diferentes, de algum modo significativo influenciaram a cultura da cidade. Os interlocutores deste estudo tiveram experiências prévias muito parecidas. Notamos algumas variáveis comuns em seus relatos, e vale lembrar que socialmente o Volta Redondense carrega o estigma de ter o sotaque “mineiro”.

Os idosos, sujeitos desta investigação trazem em suas histórias familiares ou eles mesmos foram trabalhadores rurais e agora são os primeiros aposentados da industrialização e do movimento do trabalhismo brasileiro. (GOMES, 2005).

Com base nas narrativas é possível observar traços de uma existência coletiva a partir dos motivos de cada escolha individual, e momento de vida, configurando inúmeras experiências que irão se configurar no mesmo tempo e nesse espaço.

Observa-se que na vida desses que compartilham suas experiências, o sonho e o desejo fizeram mais diferença que os estudos e o conhecimento. Os sujeitos desta pesquisa foram pessoas que mudaram suas vidas em busca de um sentido, ou encontraram sentidos através de suas mudanças. Dessa forma os sentidos de vida apresentam-se como uma construção notável na vida destes.

Essa busca e a descoberta de sentido são vistas como as principais forças motivadoras do ser humano. (FRANKL,1973) Assim pretendemos agora acompanhar a chegada destes que movimentaram suas vidas, e vieram buscar em Volta Redonda o trabalho, que nesta

experiência tornam a vida deles com rumos totalmente novos e diferentes. E agora as experiências partilhadas serão desta fase da chegada.

2.5. As histórias que entrelaçam a vida na CSN

E assim como a vida, as histórias tecem uma trama. Dois de nossos interlocutores começam suas histórias no exato momento em que chegam a Volta Redonda. Para aguçar ainda mais os laços, a mudança não é tomada pelo entorno da cidade, mas pela CSN. Esta parece simbolizar toda a mudança para essas pessoas. O que parece parte, é o todo. O entrelaçar aqui se estende a própria vida de trabalho se encruza diretamente com a vida em Volta Redonda.

Importante salientar que uma pesquisa em história oral pode-se diversificar quanto ao alcance dos objetivos que norteiam sua utilização, como por exemplo, eternizarão as memórias ou ainda a maneira como os sujeitos entrevistados “lembram” de suas histórias.

[...] quando falamos em memória, não falamos de um espelho do passado, mas de um fato do presente, porque o conteúdo da memória pode ser o passado, mas a atividade de recordar, a atividade de contar a história do passado é uma atividade do presente, e a relação que se coloca é uma relação entre presente e passado (PORTELLI, 2010, p. 11).

Segundo Bosi (2004), a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mais para que se relacione através de índices comuns. São configurações mais intensas e podem expressar o brilho de um significado coletivo. E salienta que a tarefa do cientista social seja procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo.

Sob essa ótica é que vamos expor trechos das histórias de vida no tempo de trabalho na CSN. Foram organizadas as seguintes categorias de Análise: a *Cidadania*, a *Inserção no trabalho Industrial (CSN)*, o *trabalho na CSN*, e a *vida pessoal*.

A cidadania está ligada a nossa capacidade de gozar dos direitos civis, políticos e sociais. O termo é bem apropriado para o contexto que iremos elucidar nas histórias.

Quanto a **Cidadania**, observam-se os relatos de Bernardino: “*Mas ele falou: Poxa vida, rapaz, e a carteira de saúde? Essa eu não tenho. Mas o senhor que estava me ajudando, disse: Eu te levo. Tirou retrato, mas aí [...] foi meu pai, graças a Deus*”.

Observa-se que ter documentos naquele tempo era realmente difícil, Antônio relata como fez para conseguir sua certidão de reservista.

E sabe como foi que eu consegui o registro? Eu saí da roça e quando eu vim para a roça, eu conversei com uns políticos lá, eu tinha 17 anos, eu não era registrado, meu pai não tinha registrado filho nenhum, eles falaram: nós arrumamos seu registro, mas você tem que votar no nosso candidato, eu falei: pode arrumar que eu voto. Aí vim com o registro só, cheguei a Barra do Pirai precisava da Carteira profissional do certificado de reservista e vaga tinha, eu pensei: o que eu vou fazer? E perguntou para mim de onde eu vinha, eu falei: da Zona da mata. Fui dispensado. E você veio para quê? Eu falei: eu quero servir, quero meus documentos. Ele falou: vou arrumar tudo para você ir para Resende, você não vai pagar passagem, você não vai pagar nada, peguei os documentos e fui para Resende, é muita coragem a pessoa sair da roça.

Bernardino e Antônio trazem em seus relatos esta experiência comum. Por sua vez, Nequinha não relata nada parecido. Entre os três, este último é o que veio mais novo para Volta Redonda, ainda com idade escolar (13 anos), e foi inserido na educação. Passou por uma escola profissional e, posteriormente, se apresentou ao exército na cidade, antes de entrar para o trabalho formal. Isso parece justificar o fato de não ter vivenciado dificuldades para garantir sua cidadania.

Aproveitando os espaços distintos, os dois interlocutores que relatam a vivência para garantir seus documentos, viviam na roça. O único a não mencionar já vivia na cidade antes de ser inserido no trabalho. Só para lembrar, o termo cidadania está ligado aos direitos da cidade. Assim o direito à cidade, a Cidadania envolve os direitos civis, políticos e sociais. Sucintamente o conceito de cidadania traz consigo várias perspectivas quanto à abrangência de direitos e o momento histórico de desenvolvimento dos direitos no Brasil.

No livro *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, Murilo de Carvalho desdobra a cidadania em três dimensões: direitos civis são os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à igualdade perante a lei, são a garantia de ir e vir, de escolher o trabalho, de manifestar o pensamento, de organizar-se, de ter respeitada a inviolabilidade do lar e da correspondência, de não ser preso a não ser pela autoridade competente e de acordo com as leis, de não ser condenado sem processo legal regular; os direitos políticos à participação do cidadão no governo da sociedade: seu exercício é limitado à parcela da população e consiste na capacidade de fazer demonstrações políticas, de organizar partidos, de votar, de ser votado e os direitos sociais, são estes que permitem às sociedades politicamente organizadas reduzir os excessos de desigualdade e garantir um mínimo de bem-estar para todos (direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde e à aposentadoria). (CARVALHO, 2002, p. 10).

O desenvolvimento dos direitos não é concomitante, se processou de acordo com o contexto histórico e o desenvolvimento do país. As experiências dos interlocutores deste trabalho se deram entre 1930 a 1945. Murilo Carvalho (2002) relata que até 1930, o Brasil ainda era um país predominantemente agrícola. A participação na política nacional, inclusive nos grandes acontecimentos, era limitada a pequenos grupos. O ano de 1930 foi um divisor de águas na história do país, houve um desenvolvimento mais rápido nas mudanças sociais e políticas. Os maiores avanços se deram nos direitos sociais.

O que acontece entre as três histórias faz ilustrar o que o autor menciona: se os obstáculos à cidadania eram a escravidão e a grande população rural, o surgimento de uma classe operária urbana deveria significar a possibilidade da formação de cidadãos mais ativos. (CARVALHO, 2002, p. 90).

A categoria *Inserção no trabalho Industrial (CSN)* surgiu de acordo com os depoimentos, reunimos aqui às fases em que os interlocutores foram inseridos no trabalho industrial, aonde a maioria deles com muitos detalhes fizeram por honra relatar.

Bernardino começa seu relato de história de vida pela chegada e em seguida o trabalho na CSN:

Quando eu vim para cá, eu trabalhei aqui, um pouco. A vida é um problema, né? Quando eu vim para cá, cheguei aqui, arrumei um serviço aqui. Na primeira empresa que eu trabalhei, eu fui nela, um colega que foi bem dizer meu pai em Volta Redonda, adotou eu, adotou que só vendo, fazia de tudo para ajudar a gente, né? Rapaz, a primeira empresa que ele falou, faleceu também. Ele falou: Bernardino você está procurando emprego? Você pega qualquer coisa?

Vejamos Antônio, que não veio direto para Volta Redonda:

Quando eu saí de lá da Companhia de Barra do Piraí, eu fiz colega lá e falei que estava indo pra Volta Redonda, e vim mesmo. Quando eu penso que não, um colega meu também tirou conta lá e veio pra cá, e muito amigo: mas o negócio aqui não tá muito bom não, o dinheiro está acabando, já fiz os exames lá, tudo certo, mas não chamaram ainda.

Antônio comenta sobre o recrutamento na CSN: “Tinha vaga para tudo, mas eu estava só com o registro de nascimento, e eles falando que precisava ter tudo, ter título de eleitor, carteira profissional, tudo isso você precisa ter para fichar, sem isso você não ficha mesmo”.

Novamente o único interlocutor que não comenta diretamente é Nequinho. Acredito que isso se deve porque ele chegou à cidade muito jovem, e sua inserção foi primeiro na Escola Técnica para completar os estudos e de lá foi recrutado para o trabalho na Usina.

A mão de obra para a construção da fábrica veio principalmente da Zona da Mata Mineira, caminhões saíam vazios de Volta Redonda e recrutavam homens. Eram os agregados das fazendas, pessoas pobres e analfabetas, com forte influência da igreja católica, mas que preservavam os traços da cultura negra. Eram milhares de pessoas, os “pioneiros” da industrialização. O agenciador desta mão de obra pagava por cabeça. Os caminhões paravam em frente ao escritório central da CSN. Como um rito de passagem, tiravam suas roupas, tomavam banho, cortava-se o cabelo. A CSN foi construída como um esforço de guerra, no qual a dispensa do serviço militar era o trabalho compulsório determinado pelo Estado. (VEIGA & FONSECA, 1990).

Havia na época uma necessidade de mão de obra, o Brasil estava envolvido em realizar tal empreendimento. Waldir Bedê relata que, mensalmente Getúlio Vargas visitava Volta Redonda para acompanhar o processo de industrialização da cidade. (BEDÊ, 2004, p 38).

Identificamos que estes trabalhadores rurais tinham características comuns em seus modos de vida. Para Cunha (2012), no Brasil não ocorreu o desenvolvimento desta classe no país. Caio Prado Junior é um dos teóricos que defendem que o país não passou pelos processos históricos de formação camponesa, passando da escravidão para o trabalho assalariado. Os agricultores pobres seriam interpretados como uma classe excluída do processo de desenvolvimento econômico do país. Contrariando a tese de Prado Jr. (1960), José de Souza Martins (1975) define a “existência de uma classe camponesa que corresponde aos agricultores excluídos do pacto político, os sem-vozes” (*apud* SABOURIN, 2009, p. 8).

A categoria apresentada a seguir é capaz de oferecer uma completude sobre o evento que norteia a história de Volta Redonda. O campo da memória nos possibilita à compreensão das histórias. Notável é também a gama de matizes da lembrança vinculada ao trabalho, próxima ou distante da produção material que opera no interior da matéria recordada. (BOSI, 1993, p 282) Assim o trabalho nesta pesquisa mostra-se como um fio condutor das lembranças. Conforme salienta Halbwachs (*apud* BOSI, 1993): a memória não é sonho, é trabalho. O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. E conclui que o passado não existe tal como foi. Isso se daria no inconsciente de cada sujeito. Pois a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual.

Esta categoria ***O trabalho na CSN*** é abrangente e extensa, pois envolvem trechos das histórias em que as lembranças se fazem em torno da atuação do interlocutor no trabalho na CSN, sobre o estudo para o trabalho, o trabalho como sobrevivência, o trabalho e as condições objetivas e subjetivas dessa relação.

Neste momento o trabalho assume-se como dispositivo de desenvolvimento, trazendo oportunidade de conhecimento para os interlocutores. E para falar dessa relação, de trabalho e estudo extraímos algumas falas:

Quanto a essa experiência de trabalho e estudo *Bernardino* nos conta:

Quando vim, só tinha estudado até a 3ª série primária, eu cheguei para trabalhar na Companhia, já entrei para a Escola Técnica e fiz curso, um curso aqui, eu agora desaprendi quase tudo. Graças a Deus. É a vida, está valendo, não posso me queixar da vida não. Compreendeu?

Antônio é o que mais detalha os estudos:

Aí quando eu cheguei aqui em Volta Redonda, eu fui pra escola profissional. Só que eu comecei o serão, atrapalhou muito, muito trabalho, eu comecei a falhar lá, na Escola Técnica. Atrapalhava o estudo da gente, quando a gente devia estar estudando, a gente era escalado pra trabalhar. Era escalado pra serviço à noite, para dobrar. E a gente sempre depara com pessoas incapacitadas com medo de a gente passar na frente deles. Uma ignorância tremenda.

Ele reafirma seu desejo de ter estudado mais. Antônio relata que quis ter estudado mais, mas era difícil, fazia horas extras quando estudava na Escola Técnica Pandiá Calógeras. “Quando eu fiz o teste, eu falei que queria estudar na escola. E estudei mesmo. Tudo que eu queria lá dentro eu adquirir”.

Nequinha chegou no tempo que a cidade já estava mais estruturada:

Quando eu vim, eu tava com 13 anos e comecei a estudar no Barão de Mauá, perto do Jardim Paraíba, aí do lado fizeram um galpão, um lugar muito grande, não sei falar, e construíram a Escola Técnica. Fui estudando e aí subindo, ia passando primeiro, segundo e no terceiro, ia subindo de graus, e no terceiro ano e a gente já sai: Tinha máquina, tinha torno, eu estudei.

Eu estudava à noite, daí depois tava meio pesado e aí pensei: não da não. Nunca tinha trabalhado, saí fora. Só trabalhei fora. Mas foi bom que a gente aprendeu alguma coisa e também viajei muito. Fui para a Siderúrgica, fui conhecendo desenho, eu queria trabalhar em Estrutura Metálica, vinha tudo de navio dos Estados Unidos, naquele tempo não tinha fábrica aqui não, vinha dos Estados Unidos, e aí depois montavam toda a estrutura aqui na CSN, vinha de lá gente montava na Siderúrgica.

Os relatos evidenciam a dificuldade de cumprir as duas atividades, mesmo existindo uma ambição e desejo de crescimento. Outra observação que se faz é quanto à variedade de oportunidades, ou diversidade de opções. Naquele momento as duas instituições que assumem esse papel disciplinador/formador: são a Escola e o Exército. Em Volta Redonda, a Universidade Federal Fluminense (UFF) foi implantada em 1969 com cursos de Engenharia Industrial Metalúrgica, a expansão para novos cursos se deu somente no ano de 2010.

Waldir Bedê (2004) relata que em 1942 o projeto de industrialização sistemática do Brasil na Era Vargas incluía instituições como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Paralelamente à construção da usina de aço, a empresa implanta uma “escola profissional” destinada à mão de obra qualificada – a Escola Técnica Pandiá Calógeras (1946) que cumpriria um papel histórico na formação no aperfeiçoamento e na especialização de mão de obra para a Usina. Volta Redonda ascendeu com vistas ao desenvolvimento para a CSN, os cursos, as escolas e a formação eram interesses para a indústria.

Nas poucas horas de folga, à noite, centenas de trabalhadores vão às oficinas da Escola Técnica Pandiá Calógeras [...] ali, aprendem os fundamentos de diversos ofícios demandados pela indústria pesada tornearia, eletricidade, mecânica, caldeiraria, serralheria, solda elétrica e oxigênio, fundição, carpintaria. Outros simplesmente se dirigem às escolas de alfabetização, em busca de um tempo perdido. (BEDÊ, 2004, p. 46).

Na década de 1940, o trabalho assume para eles também a faceta de ser a saída para a superação da escassez e da falta de recursos. Nesse sentido, o trabalho configura-se como sobrevivência.

Bernardino com ar de superação, relata:

Rapaz, o que eu estou precisando é pegar qualquer coisa mesmo. Como é que eu vou fazer numa cidade dessas, não tenho lugar fixo pra ficar. Sofri muito, né? Mas depois, fui levando, ele arrumou a primeira empresa em que eu fui. Que eu passei, estava escrito assim.

Em outro trecho continua: “Eu preciso ir, não é querer não. E o rapaz que estava de guarda falou comigo”.

Na próxima fala nota-se a disposição de Bernardino para o trabalho: “Eu posso trabalhar de servente de pedreiro. Já trabalhei muito e eu precisava muito, mas muito mesmo”.

Bernardino ainda conclui:

Me dei muito bem, cheguei em Volta Redonda. Volta Redonda foi a mesma coisa do que sair de um lugar assim, vamos dizer, do inferno, com licença da palavra, e ir pro céu, porque não conheci ninguém mesmo, ninguém, eu trabalhava nessa empresa, dormia no albergue. O albergue tinha um alojamento grande. Me deu 47 e três meses depois eu estava ganhando 65. Falei: Graças a Deus, louvado seja Deus! Estava ganhando 45, foi indo, estudando os meninos, foi subindo, e aí tudo que eu fazia era para a família.

Antônio não deixa explícito muitas vezes essa necessidade de trabalho, mas nessa fala curta isso se evidencia: “Naquela época fizemos o que tinha que ser feito, senão ia ficar na rua”.

Nequinha, mesmo chegando a uma época diferente, demonstra:

Quando nós chegamos aqui, foi uma beleza! Desde quando surgiu a Siderúrgica, papai veio pra cá em 1942, ele veio de pau de arara e iam caminhões lá em minas buscar, e aqueles caminhões todos arrumadinhos, direitinho, pra pegar pessoas pra trabalhar na Siderúrgica, né, então, era bom. A gente nasceu de novo, pode-se dizer que nasceu de novo, porque a situação era difícil, né, a gente não tinha serviço, emprego não tinha. Meu pai era pedreiro, mas era difícil serviço. Quando meu pai veio pra ficar aqui em Volta Redonda eu tava com 13 anos, o papai veio e coisa e tal, daí passou um ano e já começou a fazer casa, aquele pessoal mais humilde, começou a ficar bem de vida, era uma beleza... Esqueci, foram construindo ali no Jardim Paraíba, no Rústico, naqueles bairros todos ele construiu. Eles iam construindo e distribuindo, acabaram de construir no Jardim Paraíba e deram pro papai. Casa bonita. Deram aquela casa pra nós, nossa, bacana e coisa e tal, não sabia o que fazia, como eu queria né, comia o que queria, ficamos ricos, a situação era difícil.

A reconstrução das histórias mostra a aproximação de uma realidade individual e ao mesmo tempo coletiva. Em cada aventura pessoal, os acontecimentos tecem a trama que ocorrem em nossas relações e se perpetuam em grupos. Aqui os três compartilham o sentimento de oportunidade de sobrevivência. É um sentimento muito comum observado na cidade e nas histórias dos operários e trabalhadores.

Esses sentimentos também foram discutidos no texto de Veiga & Fonseca (1990). Um sentimento de orgulho de ser funcionário da CSN, mais que isso, clarificar uma certa gratidão por nunca mais terem voltado para a enxada.

Para falar da próxima categoria, importa destacar alguns conceitos ligados à memória e ao espaço. O espaço configura os objetos, os conteúdos físicos por ser estáveis nos dão uma segurança. Se essas informações variassem, teríamos necessidade de nos reorganizar o tempo todo. Segundo Halbwachs (2003), o lugar que recebe um grupo não é como um quadro-negro

no qual se escreve e depois se apaga, o local recebe a marca do grupo e vice-versa. Ao mesmo tempo em que o grupo recebe imagens, ele se molda e se adapta. Bosi (2003) resume que a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, imagem e objeto.

Nessa mesma categoria *trabalho na CSN*, observam-se em algumas colocações referente aos fatores físicos, administrativos ou sociais relacionados ao meio que os trabalhadores estiveram inseridos, situações concretas, no caso as condições de trabalho.

Vejamos quanto ao tipo de atividade realizadas por esses trabalhadores, *Bernardino* relata sobre uma conversa com seu superior:

*E não deu outra, cheguei para ele, ia lá, ele mandava fazer, eu ia, fazia se o serviço era pesado, eu falava: o senhor pode arrumar alguém pra me ajudar? Eu dava sorte. Ele arrumava. Sofri muito. Não era brincadeira não. Eu dava sorte, mas sofri muito, depois a coisa foi melhorando, melhorando.
Não me deram colher de chá não: socar linha de estrada de ferro.
Eu falei: Oh, Mister, eu vou dizer para o senhor a verdade, mas, primeiro eu trabalhei na soca de linha, eu não vim aqui para fazer socar linha, maltratar os outros não, em absoluto, mas o senhor quer que eu vá.*

O outro interlocutor *Nequinha* também verbaliza sobre o trabalho pesado:

Depois que veio a CSN, melhorou muito, a gente trabalhava muito, mas ninguém via que trabalhava muito porque ganhava dinheiro. Eu fazia a montagem e a cravação. Tinha a solda elétrica, mas era só pra qualquer coisa, pra fazer montagem era parafuso mesmo, bicho de sete oitavos que pesava os 20 quilos e ar comprimido, o rebite era fabricado com [...] colocava seis parafusos, colocava três e tirava três, depois ia tirando e colocando rebite, era barra pesada, era pesado e muito barulhento, tinha que botar um troço no ouvido aqui, pra não prejudicar muito. A gente trabalhava muito, mas era bom, aquele negócio quente, vinha derretendo mesmo na estrutura. Por exemplo, no Escritório Central agora tá parado, e começamos de baixo e conforme íamos montando, eu ia subindo, e a gente tinha que trabalhar nas alturas mesmo. Mas eu trabalhei na montagem dos computadores.

O sofrimento e a ideia de recompensa estão explícitos nas falas. É importante ressaltar que historicamente o lugar do sofrimento em nossa história esteve marcado pela noção de haver sentido no sofrimento. Onde sofrer era necessário, assim como Cristo. Como se sofrer fosse à forma de alcançar a santificação. São esses sentimentos que permeiam essas falas. O serviço pesado faz parte do repertório de reclamações dos trabalhadores, porém evidencia-se esse sentimento de gratidão mesmo em condições de trabalho insalubres.

Em sua maioria, esses milhares de homens procediam das lavouras e da pecuária, acostumados à enxada e ao trabalho “de sol a sol” como se dizia. Trabalhadores que tiveram experiências de um trabalho quase escravo como, por exemplo, no trabalho de construção da

Estrada de Ferro Central do Brasil, o trabalho era pago somente por alimentação. (VEIGA; FONSECA 1990; BEDÊ, 2004).

Outras observações nas histórias são quanto aos equipamentos de segurança e o risco de morte no trabalho.

Segundo Bernardino:

Trabalhei 32 anos na CSN e não tive um acidente e nem um dia de licença. A esposa reforça [...]. Graças a Deus, eu, modéstia à parte, não tive acidente nenhum na companhia. Além da caloria. O material desse tinha uma barra redonda, aqui eles faziam uma espécie de peça, para mudar de lugar, muita coisa boa que ficou pra trás.

Nas palavras de Antônio:

Mas aí a gente calçando a máquina ali devagarzinho, pra não deslizar, pra calçar uma máquina, é um perigo, escorrega. E aí, chefe de departamento, né? Perguntou: o que esta acontecendo aí? E eu falei: você sabe o andamento? Ele falou: suspender, calçar, mas você tá muito devagar. Oh, cabra safado, né? Eu falei: tem que ser devagar, a gente tem reunião de segurança do trabalho quase todos os dias aqui, tem que ser devagar mesmo pra calçar uma máquina dessa. Quanto você acha que pesa uma máquina dessas? É quase 30 toneladas, se isso aí cair, quebrar uma perna, pode matar e quem vai ser o responsável sou eu.

E Nequinha:

Quantos riscos... Era uma altura, só nesse negócio pra chegar lá, lá em cima na altura de mais de 150 metros, o guindaste lá em cima da montanha de calcário. Era tudo fumaça. Está doido, a gente tinha medo sim. Apesar de ter certa liberdade, o lugar que nós montamos a máquina de calcário era numa altura terrível. Graças a Deus não deu acidente nenhum. Nós trabalhamos, montamos mais alguns galpões, sei que o negócio foi bom, não teve nada. Agora, aqui na CSN, eu já vi gente morrer e ficar aleijada mesmo. Aquele monte de ferro, camarada caía lá de cima, caía arrebentava no chão, virava praticamente o bagaço. A família recebia.

Ao mesmo tempo em que havia uma preocupação com segurança, havia paralelamente um sistema que exigia tempo e rapidez com as tarefas. Contraditoriamente, o medo e o risco atravessam essas histórias e tantas outras. Acidentes quando conhecidos tomam uma comoção notória na cidade, que compartilha um sentimento de cumplicidade pelo medo ou empatia de que sempre poderia ter sido em sua família. Ao mesmo tempo em que havia uma preocupação com segurança, havia paralelamente um sistema que exigia tempo e rapidez com as tarefas.

Aqui o medo vem de evidências, de relações, de situações, de fatos vividos por estes trabalhadores. Veiga & Fonseca (1990, p. 28) mencionam essas questões no trecho a seguir:

Ari Souto, que foi diretor por um tempo, representou o período mais repressor dentro da empresa. Ari fazia rondas, e se pegasse alguém cochilando ou dormindo no turno, punia com um gancho (linguajar operário que se referia a uma suspensão) ou ainda uma demissão sumária. Esse regime implantado ganhou o nome de mão de ferro, arrojando cada vez mais e exigindo produção. Na época de 1988, foram quinze mortes por acidente.

É desse contexto que os operários desdobram esses sentimentos de insegurança e de risco de morte, não é um modo subjetivo, mas de práticas. O tempo para esses interlocutores parece agir como uma libertação, de poder compartilhar os sentimentos que naquele tempo presente não poderiam ser ao menos expressos diante do regime “mão de ferro”, da violência e do autoritarismo dessas práticas.

Todos os três interlocutores nos contam sobre os momentos em que estiveram nos alojamentos. Eram espaços destinados a receber os operários, são acampamentos em barracões de madeira, com mínimas condições de higiene.

Segundo Bernardino:

Que coisa, né, meu Deus do céu! Se você vê as malas da gente, a gente tirava a roupa para poder vestir para trabalhar e tudo, tinha que entregar a mala pro vigia e de manhã pegar de novo. Se hoje estava dormindo uma pessoa aqui perto de você, amanhã era outra, depois outra, perto de você, amanhã no outro dia, já era outro e depois outro. E eles jogavam água mesmo, depois eles roubavam mesmo. Passei por essas coisas todas, mas essas coisas não me desanimaram não, de jeito nenhum, consegui uma melhora de serviço, um lugar para morar melhor... Compreendeu?

Antônio nos conta uma história bem marcante sobre como conseguiu ser incluído nos alojamentos:

Eu tinha até morado no hotel em Barra Mansa, mas diminuiu o dinheiro. E eu vim para uma pensão na rua: Sessenta, mais baratinha, e eu falei com ele: enquanto a gente tiver dinheiro, a gente vai almoçar e, jantando lá, esse amigo que sempre fez bobagem, não pensava pra fazer, aí o dinheiro acabando, acabando... Eu falei: eu vou sair do hotel, não posso pagar o hotel. E ele tava no hotel, também eu paguei pra ele e pra mim, falei: vamos sair que tá feio, vai acabar! Você já pensou que situação? Mas chegamos lá, lá em Barra eu não pensava pra fazer não, ele gastava dinheiro à toa. O que nós vamos fazer? Dormir na rua nós não vamos não, de jeito nenhum que nós vamos dormir na rua. Fomos lá pra perto do alojamento, o alojamento ali e o pessoal entrando e saindo do alojamento pra trabalhar e coisa e tal, aí eu falei: vamos dar uma olhada pra ver se tem vaga. Olhei lá, tinha duas vagas, sem ninguém, só tinha cama e a gente com aquela roupa de cama da onde a gente tava, vamos olhar os vigias tomando conta, vamos olhar, na hora em que o vigia sair do horário de troca, nós vamos pegar esse negócio aí. Quando o vigia bobeou lá e foi lá na cantina, virou as costas pra tomar um café na mesma hora. Entramos, ele nem viu, sentamos na cama, ficamos batendo papo, é muita coragem, não é? Ficamos lá batendo papo, nessa altura trocaram de vigia, acabou que o primeiro não chegou a ver a gente e o segundo já tá vendo, e a gente já está morando aqui. Você acredita? Ficamos lá tranquilos, saímos durante o dia pra

passar, eu voltava à tardinha. Ia ao cinema, mas, tranquilo, sem medo de tirar a gente de lá, até chegar um dia que eu fui chamado pra ficar. E aí, pronto... já ia ficar aqui mesmo e ele fez exame também, passou, aí a gente foi trabalhar no mesmo departamento, trabalhando juntos lá dentro. Naquela época fizemos o que tinha que ser feito, senão ia ficar na rua.

Nequinha não precisou ficar no alojamento, mas relata sobre a construção da casa.

Um ano mais ou menos que levamos para ganhar a casa, antes era só barraco, o material para construir o barraco, não pagávamos nada, e levantando a coluna e botando cada coisa ali, no acampamento central. No Jardim Paraíba eu sei que virou o paraíso, tirou o atraso.

A CSN construiu rapidamente alojamentos para as famílias. Milhares delas vêm juntar-se aos seus pais. E essas primeiras famílias pagam pesado tributo aos sonhos de seus chefes: os alojamentos são instalações precárias, sem água corrente, as privadas eram distribuídas por módulos familiares, chuveiros de água fria, e tanques públicos para lavagem das roupas.

As instituições família e empresa caminharam juntas, uma reforçando a outra, no que se refere aos ideais maiores da sociedade e direcionaram cada uma delas para o exercício do papel de provedor, através do trabalho “produtivo” e assalariado.

A CSN no tempo de construção por muitos motivos tanto de obras pelo país ou ainda por conta da exploração do minério em outra cidade, deslocava muitos de seus trabalhadores. Diante desses incômodos pessoais, a empresa ofertava as diárias de viagens para arcar com gastos dos trabalhadores fora de Volta Redonda. Assim as diárias de viagem configuram ainda as condições de trabalho, e de um modo recorrente configuram as falas de dois dos três idosos, vejamos Antônio:

Fazia, mas não sabia o que era. Viajar a trabalho. Quando deu um certo tempo, me escolheram para atender em São Paulo. Fui eu e o outro cara. Se fosse hoje, eu ia saber que isso era valorizar. Mas naquele tempo eu nem sabia o que era isso. Eles pagavam a viagem e a gente gastava o dinheiro todo. Tinha um estrangeiro que ia com a gente, gastava, jogava, e eu ia junto. Gastava à toa. A gente gastava o dinheiro todo. Ia ao escritório pegava mais dinheiro, mas depois descontavam no pagamento da gente, ué. Aí eu ficava sem pagamento aqui. Eu não queria mais ir pra São Paulo. Ficava sem pagamento. Mas lá eu ia para o jogo, corrida de cavalo. E o chefe ia com a gente e fazia a mesma coisa que a gente tava fazendo. O chefe, o chefe mesmo. Na época a gente não valorizava isso não, eles escolhiam porque tinham confiança no serviço, mas a gente achava que só estava dando serviço. E nem era muita coisa, era só olhar as máquinas.

Nequinha, mais despojado comenta:

Toda a vida eu trabalhei durante o dia até às 17h, trabalhava desde as 8h, tinha serão, quando o serviço estava muito apertado ou qualquer coisa, tinha sempre serão. Mas era melhor, recebia só a diária, aquele notão bonito, só a diária dava pra pagar, dobrava o pagamento praticamente, era muito dinheiro e fora o serão, as pessoas que souberam fazer as coisas, pode-se dizer que ficaram ricas, pegavam aquele dinheiro todo, iam juntando, juntando aposentaram bem de vida.

Eu, quando comecei a viajar, eu conheci um bocado de lugar, Santos, Campos, viajava para vários lugares, morei em Belo Horizonte quase um ano, muito tempo, eu ficava no hotel era tudo por conta da CSN, pagamento do salário, tudo. Mas não precisava nem pensar naquilo (salário): vou deixar juntando lá. A gente recebia diária, que era uma grana alta mesmo, que eu dava pra tratar da família, pagar o hotel 5 estrelas

Toda a vida eu trabalhei durante o dia até às 17h, trabalhava desde as 8h, tinha serão, quando o serviço estava muito apertado ou qualquer coisa, tinha sempre serão. Mas era melhor, recebia só a diária, aquele notão bonito, só a diária dava pra pagar, dobrava o pagamento praticamente, era muito dinheiro e fora o serão, as pessoas que souberam fazer as coisas, pode-se dizer que ficaram ricas, pegavam aquele dinheiro todo, iam juntando, juntando aposentaram bem de vida.

Ah, era bom, bom demais, o salário era bom, passaram a ganhar, papai chegou aqui e já foi logo fichando, já foi trabalhando de mestre de obra, aquela coisa toda, e ganhava um dinheirão mesmo, ele mandava compras pra nós lá em Minas. Quando ele veio pra cá, tinha um trenzinho, já mandava as compras pra nós lá na roça. (se emociona e ri).

Dentre os três, dois interlocutores citam as diárias de viagem, os dois falam dessa experiência como oportunidade. Um deles gostava das viagens, passando a trabalhar com viagens. E o outro gostava dos momentos de lazer que as viagens proporcionavam. Nequinho compartilha com muito prazer suas aventuras, as cantorias, inclusive o trabalho toma pouco espaço em seus relatos das viagens.

Essas práticas, e as condições ambientais configuraram a relação dessas pessoas, o contexto influencia o grupo. Quando um grupo vive muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos regulam pela sucessão de imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele. (HALBWACHS, 2003).

Em 1946, o padrão governamental de relações trabalhistas da Ditadura Vargas prosseguia intacto na empresa estatal. Durante a Segunda Guerra Mundial, com o racionamento de gêneros essenciais dela decorrentes, a CSN gerirá a distribuição de carne, pão e açúcar. Agora aquele padrão criado pelo Estado Novo, que incluía uma política de assistência social fortemente paternalista, começava na distribuição gratuita de brinquedos aos filhos dos empregados na época do Natal, e na de leite no Centro de Puericultura. (BEDÊ, 2004).

Assim essas relações não ficaram mais adstritas ao mundo pessoal, mas se relacionam as pessoas no grupo. Desse modo é nosso objetivo compreender as repercussões desses modos

de agir, pensar, e de sentir do grupo diante desse contexto. Nessa linha, Halbwachs (2004) nos oferece recursos para compreender essa dinâmica entre o social e os quadros mentais. Resumidamente ele diz: a maioria dos grupos não apenas aqueles que resultam da justaposição permanente de seus membros, nos limites de uma cidade, uma casa ou um apartamento, mas também muitos outros esboçam de algum modo sua forma sobre o solo e encontram suas lembranças coletivas no contexto espacial assim definido. (HALLBAWCHS. 2004, p 188)

É sobre essa relação que a Psicologia Social vem se debruçar, buscando compreender exatamente o movimento resultante desse processo entre a experiência individual e o contexto social. É sobre essa perspectiva considerando os contextos e que são as pessoas que se lembram, apresenta-se a próxima categoria de análise desta pesquisa.

Nessa mesma categoria *trabalho na CSN*, observam-se colocações referentes aos fatores subjetivos, emocionais ou sociais relacionados aos trabalhadores que estiveram inseridos na CSN. Os relatos a seguir expressam os sentimentos quanto às relações interpessoais, sejam entre os trabalhadores, os superiores, ou ainda os afetos que desdobram no social.

Bernardino no trecho a seguir fala do que sentia em relação aos amigos de trabalho:

Eu falei: Que bom, né? Ele falou com o chefe: Vou fazer um pedido para o senhor, vamos precisar desse teste aí, esse pessoal que tá trabalhando aqui, tá de pé atrás com a gente, achando que nós estamos querendo pegar os lugares deles. Mas não é por aí não, nós queremos fazer a nossa parte e que a Companhia seja feliz com o que nós fazemos.

Bernardino sentia que os amigos tinham uma relação de competição, relata desconfiança. Neste trecho, relata com satisfação a classificação do filho na CSN, o sentimento que ele tinha pela empresa se desdobra pra sua família nesse e em outros momentos:

Deram sorte, menina (chorando). Graças a Deus. Em um instante meu filho foi classificado. O meu filho nessa fase, e eu estávamos na ativa. Trabalhávamos em setores diferentes. Eu estava ativo, aposentei em 1980, meu setor era diferente do dele, eu trabalhava aqui e ele foi lá: Oh, pai, onde você trabalha? Resolvemos dar um passeio. Onde o senhor trabalha? Chegou lá à máquina que tinha usado, tava enfiado também, ele chegou e falou: Mas, oh, pai... É aqui que o Senhor trabalha? Neste lugar quente? Desse jeito? É, meu filho, é aqui que eu ganho dinheiro para estudar você e os outros, e tudo graças a Deus.

Bernardino relata parte da sua história em que ele traz alguns familiares para a CSN:

Eu tava na CSN, eu falei: Oh, minha irmã vou levar o seu menino para Volta Redonda. E eu trouxe ele para ficar aqui com a gente. Ele trabalhou, depois eu pensei na mãe dele sozinha com aquela meninada lá,

Aí fui crescendo, fui crescendo, e ele trabalhava no armazém da Vale do Rio Doce e veio para cá. Eu falei: Vou conversar com o presidente da companhia, Mister fulano de tal, para arrumar um serviço para o meu sobrinho, o filho mais velho, e os amigos: Rapaz, você vai conversar com esse rapaz? Esse pessoal lá da roça tem medo, sabe como é. Eu falei: Ué, mas ele não é homem igual a mim não? Bom, ele pode até não me arrumar nada, mas eu vou falar com ele.

Antônio revela seus sentimentos em suas relações interpessoais. Nota-se em sua fala um sentimento de inveja que sentia dos outros trabalhadores em relação a ele por ser amigo do chefe:

O chefe gostava demais de mim, quando ele ia almoçar: eu ia junto com ele e a turma ficava com uma inveja, aos domingos ele me levava lá pra casa dele. Poxa, tudo isso eu tenho que dar graças a Deus. Almoçava com ele aos domingos e durante a semana íamos no restaurante da Companhia, a gente ia junto: eu era colega dele, não tinha esse negócio de um pensar que era mais que o outro não, e aí a gente terminava de almoçar no restaurante, ficava no meio daquela turma, até nos Jardins, lá em Piraí, aquelas bombas fomos nós que montamos, Light, fontes, a gente sentava ali ficava batendo papo, ele me dava dinheiro pra comprar refrigerante, e a gente tomando ali, tinha gente com uma inveja danada.

No trecho a seguir, Antônio fala superficialmente das suas relações com os amigos:

Vou te falar, ficar em alojamento... Arrumei meus amigos, infelizmente nunca mais os vi depois que eu saí de Barra do Piraí. Agora, aqui em Volta Redonda, eu tenho amigo assim, né, não é de confiança não, alguns até que é de confiança, tem um que de vez em quando vem aqui, foi meu ajudante na Siderúrgica, arrumei vaga pra ele estudar, ele fez o curso técnico, mas assim, sem experiência, ficou enrolado, mas ele é um cara legal. De vez em quando ele vem aqui. Na época em que cheguei aqui era mais difícil. A coisa mudou depois de aposentado.

Antônio e Bernardino restringem suas relações sociais veiculadas pelo trabalho. Considera-se ainda que eles apresentam postura sociais semelhantes como a desconfiança com os amigos do trabalho.

Nequinha, o camarada. Esse interlocutor explicita em sua história relações com amigos, superiores e dentro e fora do trabalho. Um *bom vivant*. Seus vínculos sociais ultrapassam a relação com a CSN; ele tem amigo advogado, tem amigo com quem cantava, tinha a “colegada” dos Clubes e da noitada.

Casei outra vez... Nós estamos conversando mesmo (comenta, parece referir a nossa entrevista), falei assim com ela (esposa): vamos divorciar? Ela ficava em casa, sabe, aí, meu Deus do céu, eu era da farra mesmo, tinha uma turma de advogado que eu era colado assim, a turma nossa era bem de gente rica, e eu no meio deles, aí o meu amigo advogado depois passou a ser juiz, parece que ele está em Andrelândia (Minas Gerais).

Quando nós formamos o Clube Palmares foi ali no Aterrado (bairro de Volta Redonda), começamos ali, era bom, bacana, aí vendeu ali e depois foi lá no Jardim Europa. Engenheiro Nazário, grande engenheiro, aquela turma toda bebia, nossa mãe: Engenheiro Elias, escuro também, gente boa, a gente não era bom pra gente, mas para os outros a gente era gente boa, não era bom porque, essa colegada, tudo do trabalho e aquela coisa toda, fazer muita bobagem, era ruim para a gente fazia aquelas besteiradas todas.

Tinha um amigo que cantava comigo, morreu, eu e ele fomos para o Rio fazer prova. Passamos lá no conservatório, fizemos lá no Rio, tiramos em primeiro lugar. Tinha um vozeirão, morreu, e eu continuei cantando, aí cantei no Chacrinha, cantava no sábado aqui no Rio, e no domingo na Urca, na Globo.

Cada um deles tem sentimentos diferentes. Cada interlocutor por mais próximo que sejam suas experiências, traz uma singularidade. E para explorar ainda mais essa concepção, Celso Sá considera um princípio norteador dentro de uma abordagem psicossocial da memória Social. Sobre a individualidade da memória, Bosi (1994, p. 411) argumenta que por muito que se deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado a que tem acesso e pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum. E cita que Halbwachs considera a memória individual um ponto de vista da memória coletiva. Aqui cada interlocutor que se lembrar, cada um tem seus interesses, motivações e sentimentos para nortear os conteúdos dessa memória.

Nos próximos recortes ainda no tempo do **Trabalho na CSN** observam-se os sentimentos relacionados à própria empresa:

Por uma questão de organização retomo a fala de Bernardino:

Eu falei: Que bom, né? Ele falou com o chefe: Vou fazer um pedido para o senhor, vamos precisar desse teste aí, esse pessoal que tá trabalhando aqui, tá de pé atrás com a gente, achando que nós estamos querendo pegar os lugares deles. Mas não é por aí não, nós queremos fazer a nossa parte e que a Companhia seja feliz com o que nós fazemos.

Quase toda empresa tem disso sabe, quando vê que você está crescendo, se puder atrapalhar você, eles atrapalham, mas graças a Deus ninguém me atrapalhou não, eles eram meus subordinados.

E às vezes a relação é dual, de amor e de ressentimentos:

A CSN era uma mãe. Eu trabalhava num setor que tinha que ter alguém para me substituir, e se o cara não chegasse eu tinha que dobrar, era serão. Isso me ajudou muito quando meu filho estava lá em Santa Rita do Sapucaí (estudando). Ajudou muito, mas trabalhei muito.

Nesse momento eu pergunto: O dia que o Senhor trabalhou mais tempo?

Ele para, pensa e relata que, mesmo preso, a Usina nunca deixou a gente sem refeição. Nós tínhamos refeitório. Macedo Soares era muito bom. Às vezes a gente estava lá trabalhando, a máquina aqui, a gente lá na frente, na hora da ...

Ela (CSN) obrigava a gente a ficar quando o substituto não ia, mesmo quando era desculpa, até de doença. Mas a CSN sempre pagou, nunca deixou de pagar a gente com acréscimo ainda, e foi isso que me ajudou.

A gente comia aqui e a manete aqui, não tínhamos refeitório ainda.

Muitas vezes a gente trabalhou com raiva, ou qualquer coisa assim porque não conduziu do jeito que era necessário conduzir.

Bernardino mesmo verbalizando o poder que a empresa tem, ao sentir que ela pode atrapalhar sua vida, consegue reafirmar o compromisso que tem de atender à “felicidade” para a empresa. Percebe-se uma relação dual e talvez inconsciente, porém o sentimento de devoção, de gratidão ainda sobressai para ele. A outra observação que se faz é sobre a gratidão que tem por não faltar comida. Mesmo vivendo situações degradáveis, nunca faltou comida.

Antônio em relação à CSN demonstra um sentimento de desvalorização:

A princípio eu vi que eles não valorizavam muito os mecânicos, eu to ali, chegou ao ponto que eu não queria mais, queria pedir minhas contas, mas sabe por que eu queria? Eu já tinha preparado, já estava pra comprar três caminhões pra colocar na empreiteira. Eu estava novo, nessa época não tinha casado, morava no alojamento.

Eu trabalhei na Companhia Americana, ela valoriza, eles querem que o cara aprenda, lá (CSN) eles seguram o cara pra não aprender, aquele cara capacitado que estão lá tem medo dos que entram cedo. Senti essa diferença. Era o mesmo trabalho. Metalurgia. Depois que eu mudei para mecânico de máquinas. Eu achava melhor.

Quando eu aprendia uma coisa, eu fazia melhor do que o cara me ensinou, eu procurava fazer tudo direitinho, regulagem... Tem coisas que eu criei na Companhia que ninguém fazia, e eu fazia, nem Engenheiro não sabia fazer aquilo.

Aí eu não tava mais satisfeito na montagem mais não, foi quando eu pedi transferência para as máquinas pesadas, oficina, eu tava onde eu queria e eu fazendo tudo aquilo que eu achava que tinha que fazer, e a chefia ...

Antônio sente-se discriminado pela chefia:

Eu comecei de ajudante, mecânico, depois passei para supervisor e fui trabalhar junto com a chefia, e antes, esses que gostavam de discriminar a gente. Diziam que a gente não era o que eles pensavam. A gente fazia mais que eles. E eu nunca dei colher de chá, mesmo antes de passar pra supervisor, eu tava montando uma máquina, eu fazia pergunta, ele não sabia, eu explicava e eu não aceitava, e falava o porquê, eu não aceitava aquela ideia. E aí me seguravam não me classificavam. Eu fui pra supervisão à força. Eu fui lá ao escritório e falei: ou as minhas contas ou o senhor me classifica? Era discriminação.

.E os amigos falaram: Você chamar atenção do engenheiro. E eu penso que ele não é mais do que eu não. Onde eu vejo sombra de discriminação, eu não me sinto bem, a sombra. O que ele faz eu não faço, mas agora o que eu faço, ele já faz.

E a insatisfação aparece pontualmente na fala de Antônio: “E aí eu pensei que não estava ganhando bem não, queria trabalhar com outras coisas”.

Ter outras experiências possibilitou ao Antônio uma comparação: “O americano dá importância ao trabalhador, valoriza o trabalhador, o brasileiro não quer nem saber disso não”.

Nesse contexto, Antônio apresenta-se com vontade de sair da CSN, uma insatisfação diante de sentir-se desvalorizado. Este trabalhador teve uma experiência prévia ao trabalho na CSN, na qual ele compara os valores e atitudes da empresa frente aos trabalhadores, e conclui que a CSN não era uma empresa que valorizava o trabalhador. Ele sentia desejo de trabalhar com outras coisas. Outro sentimento que parece mesmo ilustrar os fatos históricos é o sentimento de discriminação. O preconceito e a hierarquização que faziam parte do sistema ou da cultura organizacional da CSN, pelo menos naquele tempo.

O trecho a seguir mostra os sentimentos de Nequinha em relação à CSN. É importante notar que ele chegou um tempo após os dois primeiros interlocutores:

Antes tinha uma equipe só pra montar o nosso contracheque, nosso pagamento, não tinha computador ainda, era na base da máquina mesmo, não era brincadeira não. Depois que nós montamos os computadores, em um dia tava tudo pronto. (sorrindo) Em um dia. Colocava tudo lá e pronto. Levava um dia pra sair o pagamento e antes não, levava dias.

Nequinha relata os avanços da empresa como “nós”, no caso ele se inclui nas conquistas da empresa:

Nós estávamos vendendo para outros países já. (sorrindo) Então tava uma beleza, começando a trabalhar e aquela coisa, eu viajei para um bocado de lugar, só não saí país, mas viajei bastante. O pessoal comprava, fazia a compra de material, se era prédio, o que queria. Qualquer coisa vinha e a gente montava. Eu viajava muito, Rio Grande do Sul, aquela ponte do Brasil-Paraguai, fomos nós que montamos. Um frio, faz frio pra danar, né?

E a gente dava sinal para uma, vinham três, quatro moças. Namorava pra chuchu, mas era muito bom. Depois virou um paraíso, antes do Getúlio Vargas começar a inventar de fazer a Siderúrgica. Quando inventou, começou a rodar o Brasil todo, vinha baiano, pernambucano, de todas as raças. E era muito bom. Era um vidão. Eu, quando comecei a viajar, eu conheci um bocado de lugar, Santos, Campos, viajava para vários lugares, morei em Belo Horizonte quase um ano, muito tempo, eu ficava no hotel era tudo por conta da CSN, pagamento do salário, tudo.

E Nequinha também deixa claro os sentimentos duais que permeiam sua relação com a CSN:

A gente trabalhava muito, mas era bom, aquele negócio quente, vinha derretendo mesmo na estrutura. Por exemplo, no Escritório Central agora tá parado, e começamos de baixo e conforme íamos montando, eu ia subindo, e a gente tinha que trabalhar nas alturas mesmo. Mas eu trabalhei na montagem dos computadores.

Hoje a gente vê esse mundaréu, mas tudo começou assim, do nada, e aí acontece que a Siderúrgica montou a FEM (Fábrica de Estrutura Metálica) passou a fabricar a nossa própria construção, já ia fabricando aqui e montando o alto-forno, coqueria. Começamos a montar, começou a vender e a vender pra outros países. Nós estávamos vendendo para outros países já. (sorrindo)

Nequinha se sente parte do progresso quando descreve que otimizou os serviços no Escritório Central, participou da implantação do sistema novo. A satisfação também aparece por conta das viagens. E notavelmente nem fala tanto do trabalho, ou ainda sobressai a sensação de superação, de que apesar de tudo: “mas era bom”.

Segundo Bosi (1994 p. 68):

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada para ele. O material indiferente é descartado, o desagradável alterado. O pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.

Este passado é modificado, reconfigurado, de um modo único cada indivíduo reorganiza em seu universo pessoal. Uma reorganização parece configurar nas narrativas dessa categoria. Observa-se um sentimento dual entre os interlocutores, todos eles de forma proeminente demonstram a contradição de vivenciar o serviço de maneira degradante e ainda sim, concluir estas experiências de modo positivo. Essa memória parece configurar-se do mesmo lugar que Veiga & Fonseca (1990) descreve: Acho que nossa identidade bipartida é fruto da política paternalista e autoritária que gera uma ambiguidade dentro da gente - uma mão que afaga e uma outra que surra.

Considera-se que estas narrativas sejam capazes de ilustrar este tempo, e ressalta que essa relação perpassa ainda por duas gerações de operários da CSN

Há socialmente um reforço de que os trabalhadores de alguma forma reconheçam a grandiosidade do empreendimento que foi a CSN e com isso sintam parte desse processo, desse progresso. A industrialização era sinônimo de progresso. (VEIGA ; FONSECA, 1990).

Sobre o trabalho na época da construção da CSN, os autores Wadir Bedê (2004) e Veiga & Fonseca (1990) corroboram e descrevem com detalhes o cotidiano de trabalho. No final de 1945, fase final da construção, funcionários trabalhavam de 12 a 15 horas, à medida

que a usina adquiria seus contornos, os trabalhadores se envolviam. Bedê (2004) comenta sobre um entusiasmo contagiante cheio de ardor cívico.

A rotina de serviço degradante contrasta com um reconhecimento nacional. Nesta mesma época 2000 funcionários vão ao Rio de Janeiro para um desfile no dia 1º de Maio. Os trabalhadores sentiam importância, tinham conhecimento que estavam construindo algo de positivo. Considera-se que esse sentimento de relação bipartida ainda perdura toda a história da CSN.

Halbwachs (2004) explicita com muita simplicidade sobre o mecanismo da memória coletiva agindo na nossa individualidade. O primeiro testemunho à que podemos recorrer será sempre o nosso. Quando diz: “não acredito no que vejo”, a pessoa sente que nela coexistem dois seres – um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o eu que realmente viu, mas que talvez tenha visto outra e talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros. Compreende-se que cada um tem em si uma impressão que pode basear em outros, o um conjunto de lembranças, podem também ter sido formadas não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros.

Nesta categoria pretende-se buscar a compreensão do trabalho como dispositivo de desenvolvimento, que origina em cada um de nós, um processo de maturação, através das experiências é que vamos conquistando e descobrindo nossos atributos pessoais. Assim para completar a categoria **Trabalho na CSN**, menciona-se aqui o recorte dos sentimentos individuais, pessoais que transpareceram na fala dos interlocutores.

Bernardino deixa claro sua glória de ter sobrevivido e da sensação de medo que vivenciava durante o trabalho:

Trabalhei 32 anos na CSN e não tive um acidente e nem um dia de licença. A esposa reforça...O que antes não tinha condições de ficar perto da família. Eu, por exemplo, fiquei muito tempo lá dentro da usina, fazendo serão. Eram dias que eu poderia ter ficado perto das crianças. Mas não compensou? Senão iria trabalhar para eles até hoje. Graças a Deus, eu, modéstia à parte, não tive acidente nenhum na Companhia. Além da caloria. O material desse tinha uma barra redonda, aqui eles faziam uma espécie de peça, para mudar de lugar, muitas coisas boas que ficaram pra trás.

Eu trabalhava na máquina, não tinha como sair, mas a gente se conforma, às vezes, a gente pedia pra sair, ele deixava e a gente compensava. Teve uma época, que eu trabalhando lá dentro, a minha esposa passando mal e as crianças doentes também, tinham um amigo lá dentro, o falecido, ele tinha carro de praça, eu não tinha como sair, eu falei para ele: faz um favor, pega seu táxi, passa lá em casa, leve-a ao hospital, espera medicar, compra os medicamentos e depois me deixa o preço, e leve-a lá em casa. Foi essa e outras tantas vezes.

Bernardino relata das suas dificuldades em adaptar tanto a nova vida, quanto ao trabalho, parece tratar de um despreparo para a vida, e para o trabalho:

Foi indo assim, fui levando a vida, mas que a gente sofre quando a gente sai assim, não tem uma pessoa para ajudar a gente, e esse senhor que era como se fosse até meu pai, e depois para minha esposa também, fomos levando essa vida.

Eles achavam que eu era puxa-saco, eu chamava a atenção no serviço, animava o cara. Cheguei ao ponto de comandar um setor com mais de 200 homens, DSDT ou DDT, pesado. Serviço pesado. Mas era legal, graças a Deus, tolerei muito as pessoas que eu podia ter pedido punição, mas eu olhava pra frente, assim, não tá fazendo, mas quem sabe mais para frente vai fazer dar um troço na cabeça dele e quem sabe vai melhorar? Muitos deles melhoraram.

Dentro da Usina era assim: trabalhava num setor, nem era classificado, ou nem era um feitor nem nada, às vezes precisava dele pra poder sair daquele setor que estava pra ajudar um outro lá, e isso para ele era... ruim demais.

Bernardino comenta com muita emoção a glória de ter sobrevivido aos anos de trabalho, no momento da coleta de dados, esse momento fica evidente, lembrança que certamente ilustrará o medo subjacente que esses trabalhadores vivenciam na CSN. Um outro sentimento que parece trazer lembranças é o despreparo, ou desamparo que vivenciou na chegada em Volta Redonda. Uma certa submissão permeia as atitudes na vida de Bernardino, ele fala de tolerar muitas coisas, demonstra uma compensação pelos momentos difíceis. A palavra “feitor” aparece no repertório de Bernardino para falar de superiores, chefes ou alguém que podia de alguma forma ter uma postura autoritária.

Antônio desvela sentimentos de desigualdade:

Eles não querem que a gente fale o que tá certo não, poxa, e aí ele saiu e eu falei pro meu amigo que ele é um homem igual a mim, igual a você, faça a sua parte, mas não fica com medo desses homens não. Ele saiu que saiu danado.

Ao ter seu trabalho fiscalizado:

Mas depois eu fiquei com dó desse engenheiro, eu olhava nele uma pessoa triste, triste mesmo. Não sei o que será dele não, quando fez três meses ele morreu de AVC, eu falei pra você amigo, você não me faz raiva não, hein... (em tom de piada) Aquele engenheiro, o povo tinha um medo danado daquele homem, fiz um serviço uma vez na maquina, tinha que frenar. Você acredita que ele deitou debaixo da máquina para ver se eu tinha frenado mesmo? Meu amigo ficava doido.

Antônio apresenta em si fatores em sua personalidade que possibilita que ele desencadeie uma busca, uma obstinação e a partir disso ele anseia outras experiência e nos conta sobre um trabalho próprio:

A princípio eu vi que eles não valorizavam muito os mecânicos, eu to ali, chegou ao ponto que eu não queria mais, queria pedir minhas contas, mas só por que eu queria? Eu já tinha preparado, já estava pra comprar três caminhões pra colocar na empreiteira. Eu estava novo, nessa época não tinha casado, morava no alojamento.

Antônio acaba desenvolvendo outras atividades paralelas ao trabalho na CSN:

Eu trabalhava lá dentro e trabalhava aqui fora, comprei uma Kombi, deu certo, comprei mais uma e a freguesia começou a aumentar demais, comprei mais uma, eu trabalhando com uma e os outros dois amigos trabalhando com as outras duas. Companheiro de trabalho, conhecidos meus. O que eu ganhava aqui fora dava até três salários meus lá dentro, levava professores para Valença, alunos, todo dia eu saía de lá da Companhia e ia direto pra trabalhar, a princípio eu pegava motor pra poder fazer aqui fora, desmontava, montava

Demonstra que tem maiores noções e consciência de seus direitos:

Quando eu saí da Siderúrgica, eu tinha meus direitos que a firma sempre enrola até o fundo de garantia, ganhei de tudo, caderneta de poupança o Collor fez aquela bagunça, ganhei também, eu coloquei tudo na justiça e ganhei. Coloquei um processo de isonomia que demorou 30 anos para sair. Esse é o último que eu tenho pendente. Complementa. Trinta anos esperando para receber os atrasados. Nesse momento, Antônio relata que gostaria de ter estudado mais.

Antônio em suas características pessoais demonstra muita obstinação, às vezes esse sentimento parece misturar a um medo de passar por situações difíceis, o que se desdobra em uma necessidade de segurança e disso ele constrói esse segundo trabalho, onde revela satisfação e prazer. Em vários momentos ele relata um sentimento de inferioridade, sentia-se no trabalho sendo tratado com desigualdade. Demonstra maior crítica e consciência de seus direitos enquanto trabalhador.

Nequinha lembra da sua vivência aos riscos que o trabalho trazia:

Agora, aqui na CSN, eu já vi gente morrer e ficar aleijada mesmo. Aquele monte de ferro, camarada caía lá de cima, caía arrebentava no chão, virava praticamente o bagaço. A família recebia...

Eu fazia a montagem e a cravação. Tinha a solda elétrica, mas era só pra qualquer coisa, pra fazer montagem era parafuso mesmo, bicho de sete oitavos que pesava os 20 quilos e ar comprimido, o rebite era fabricado com... colocava seis parafusos, colocava três e tirava três, depois ia tirando e colocando rebite, era barra pesada, era pesado e muito barulhento, tinha que botar um troço no ouvido aqui, pra não prejudicar muito.

Nequinha desenvolveu certa dependência com o trabalho, para não se entregar aos vícios, no caso a bebida. O trabalho para ele funcionava de um modo a afastá-lo:

Ele falou pra mim que eu tava muito novo, concordei com ele. Eu fiquei na Barbará, fiquei trabalhando um tempo na Barbará. Trabalhei uns tempos, cismeiquei que não iria trabalhar mais não. Depois, aqui na Voldac, tinha uma oficina grande, que tem ali, de estrutura, tava precisando de montador, né. Fiquei lá, mas ficou bom. Não era todo dia, não ficava andando de bar em bar. Eu trabalhava durante o dia, saía, fechava o ponto e coisa e tal, ficava até 10:00, 11:00h no bar, bebendo. Era terrível, né, no outro dia ia trabalhar. Melhorou porque aí durante o dia não bebia.

As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Bosi (1994, p. 414) Sabe-se que a memória coletiva se desenvolve a partir desses laços, das convivências, de modo dinâmico e atualizado a memória passa pelo processo evolutivo.

Reportando ao indivíduo simples recém-chegado das suas lavouras, é ilustrativo um comentário de Veiga & Fonseca (1990) sobrecessa simplicidade: “O amor à terra e à plantação fazia parte do seu ser, e meu pai sempre manteve uma plantaçãozinha no quintal para onde ia todos os dias”. Trabalhadores em sua maioria analfabetos e sem qualquer qualificação profissional que os habilitassem para o serviço industrial. (BEDÊ, 2004).

A experiência de trabalho que esses trabalhadores vivenciaram é um tanto excêntrica no sentido de que hoje nosso contexto social, mesmo em precária capacitação para o trabalho uma pessoa chega ao trabalho com mínimo de experiência e entendimento do que seja essa relação, e naquele tempo o trabalho pesado se dava no dia-a-dia, do trabalho pesado, vão conhecendo novas ferramentas além da pá, da enxada e da picareta, e aprendem como manipula-las. O aprendizado se dava no “fazer, fazendo”. E são essas pessoas simples inseridas no mercado de trabalho sem preparo e que vai lidar com um sistema planejado, construído que fez parte de uma prioridade governamental de uma época.

As narrativas que esboçam essa categoria figuram o despreparo, o desamparo de pessoas recém-chegadas de além de um estado e cultura diferente foram recebidas e inseridas em um modo de vida e sistemas novos e destoantes de suas experiências prévias.

O sistema cultural da CSN reproduzia uma hierarquia, uma disciplina, um modo assistencialista e repressivo. É diante desse contexto extremamente dominante que vive os indivíduos e apresentam tal sentimento de desigualdade, de desvalorização, e até de desconfiança entre eles. Será que a força de dominação é tão forte até os dias atuais? Se essas lembranças de modo dinâmicas são atualizadas, quais são os apoios sociais desses modos de vida na cidade para que essas lembranças possam repercutir tão evidentes?

Esse planejamento trouxe também importado dos modos de vida dos americanos, além de uma organização geográfica das casas, e dos bairros, centenas de técnicos, e a influência

cultural. O hábito de fumar, por exemplo, dos filmes americanos. Bedê (2004) ainda ressalta o alto índice de consumo de bebidas alcoólicas.

Aqui se pretende considerar o momento psicossocial inspirado por Halbwachs e evidenciar, que a memória não é só coletiva e nem só individual, mas esta nessas relações, nos grupos, na família, na comunidade, e na classe social e ainda lembrar que é nesse momento que se dá a interpretação dos conteúdos.

Antes de apresentar a última categoria cabe mencionar uma interpretação que Bosi (1994) faz sobre o momento psicossocial. Com base em Halbwachs, a autora evidencia que a memória não é só coletiva e nem só individual, mas está nessas relações, nos grupos, na família, na comunidade, e na classe social e, é nesse momento que se dá a interpretação dos conteúdos.

Conheceu-se um pouco da vida de trabalho dos interlocutores, nesta categoria pretende-se explorar/conhecer as repercussões sociais deles, atividades sociais vivenciadas durante o tempo do trabalho.

Vida Pessoal é uma categoria a que se pretende trazer parte das histórias de vida em que os interlocutores vivenciam outras perspectivas para além do trabalho na CSN. Neste caso os três falam de Lazer e família.

Sobre o Lazer Bernardino não faz uma menção direta, mas na parte informal da entrevista quem relata é a esposa, que sempre participaram da igreja Santa Cecília. A igreja era o lugar que ele ia com a esposa e com seus filhos. Suas atividades eram com a família:

Nunca deixei minha esposa em casa com as crianças para ir a um baile, a um cinema, alguma coisa assim, ou ia todo mundo, ou não ia, às vezes nossos filhos e adjacências, em Barra Mansa na Praça da Preguiça.

Antônio nosso segundo interlocutor já cita as viagens como satisfação na vida:

Eu conheci Muriqui quando eu fazia excursão, eu levava o pessoal para a praia lá, mas eu tinha tempo sábado e domingo, aí depois que aposentei eu tinha tempo integral. Até Curitiba eu fui dirigindo, Porto Alegre, Brasília, fui conhecendo tudo quanto era praia também. Conceição da Barra é outro lugar muito bom, é aquela jogada, né, mas aí ela não quis ir para Muriqui.

Nequinha talvez seja o que demonstra maior clareza quanto às vivências sociais:

Eu já era cantor, né, aí continuei na vida de boemia, cantando seresta, essa coisa toda, né, rodava Volta Redonda todinha, Aero Clube, Bela Vista, vivia nesses lugares. Você conheceu o Jardim Europa?

Quando nós formamos o Clube Palmares foi ali no Aterrado (bairro de Volta Redonda), começamos ali, era bom, bacana, aí vendeu ali e depois foi lá no Jardim Europa. Engenheiro Nazário, grande engenheiro, aquela turma toda bebia, nossa mãe: Engenheiro Elias, escuro também, gente boa, a gente não era bom pra gente, mas para os outros a gente era gente boa, não era bom porque, essa colegada, tudo do trabalho e aquela coisa toda, fazer muita bobagem, era ruim para a gente fazia aquelas besteiradas todas.

...gostava do Hotel Bela Vista, chegava ali: Depois de aposentar ainda voltei a trabalhar um pouquinho. Eu fiquei só na boemia, bebendo, aquela coisa toda. Ah, não tava dando certo não, eu não tava a fim de morrer não. Voltei à Cemil (empresa), trabalhei uns tempos, bacana. Bom, também eu acabava não fazendo nada. Mas eu era muito "farrista". Apesar de estar doente agora, e depois que eu fiquei doente faz mais de 3 anos que eu sou um problema. Melhora um pouco, mas, o resto está tudo bem. Não sei quanto tempo trabalhei. Depois trabalhei na Barbará, na usina Barbará, com o alemão, peguei amizade com ele, e ele trabalhava na empreiteira. Pelejou comigo, saía e me encontrava bebendo, ele falava comigo.

Para Bernardino, o lazer só podia ser com sua família. Antônio fala de satisfação através das viagens no trabalho. Nequinha parece ilustrar uma vida mais ampla socialmente. Nota-se que em suas histórias é praticamente inseparável as atividades sociais e o trabalho, o trabalho parece transversalizar a vida, as vontades e os anseios da família, como por exemplo, Bernardino que mostra suas preocupações sempre ligadas ao sustento da família, da necessidade de oferecer estudo para os filhos, assim esses são seus projetos pessoais. A satisfação dele é garantir o melhor para a família. Ele não relata experiências sociais além das relações de trabalho. Nota-se que, além disso, o lazer só parecia justo se estivesse com a família.

Antônio como uma característica de sua personalidade, ou ainda um medo de passar dificuldades, ele demonstra maior desejo de conquista, uma ambição. A estabilidade financeira aparece como uma necessidade, e através disso encontra a satisfação com o segundo trabalho, no caso com as viagens que fazia fora dos horários de trabalho na CSN.

Já Nequinha consegue despojar-se de suas realizações, fala de suas cantorias, de seus cursos, de suas apresentações. Entre os três, este é o único interlocutor que parece traçar outros interesses para além de trabalho ou renda. Mas ao mesmo tempo demonstra capacidade de gerir sua vida, sua autonomia acaba limitada diante de um comportamento de uso abusivo de álcool, relatado por ele.

Outro viés importante que os três interlocutores trazem são as famílias, todos eles dedicaram parte de seus sonhos e sentidos ao cuidado da família.

Sobre isso Bernardino relata:

A gente perguntava o que ela (filha) queria ser, e ela falou que queria ser médica, e eu falava: você não acha que está pedindo demais não? E ela falava: não, e graças a Deus, trabalhou, fez estudo tudo na escola privada, depois fez o outro curso [...] Graças a Deus, nunca deixei faltar nada à maioria deles e aos outros... 5 filhos. Pai, dá para o senhor me deixar ir? Dá para o senhor aguentar? Eu disse: olha, dizer que eu vou te dar mil maravilhas não, mas se é para você estudar mesmo e você quer estudar mesmo, vai, vai para lá. E eu falei pra ele: Olha, isso me pesa muito, mas eu também tenho vontade de que ele estude, e ele vem ficar aí mais seis meses e concorre de novo. Ele foi para lá, mandou brasa, no final de seis meses ele passou e telefonou pra mim: Alô, pai, seu filho já é diplomado em faculdade, passei. (emociona-se). Ele ficou uns 10 dias estudando aquela máquina e naqueles dias não deu, mas, um belo dia, os dois eram muito amigos, ele falou com o amigo: vamos fazer um teste nessa máquina, e foi fazer o teste, mexeu onde eles achavam que devia mexer por ali afora, chamou o pessoal que trabalhava ali, que estavam nos outros setores e a máquina deu um sinalzinho, louvado seja Deus (emociona-se). Eu tava na CSN, eu falei: Oh, Conceição, vou levar o seu menino para Volta Redonda. E eu trouxe ele para ficar aqui com a gente. Ele trabalhou, depois eu pensei na mãe dele sozinha com aquela meninada lá. Aí fui crescendo, fui crescendo, e ele trabalhava no armazém da Vale do Rio Doce e veio para cá. Eu falei: Vou conversar com o presidente da companhia, Mister fulano de tal, para arrumar um serviço para o meu sobrinho, o filho mais velho, e os amigos: Rapaz, você vai conversar com esse rapaz? Esse pessoal lá da roça tem medo, sabe como é. Eu falei: Ué, mas ele não é homem igual a mim não? Bom, ele pode até não me arrumar nada, mas eu vou falar com ele.

Antônio relatando sobre seu casamento:

E aí a minha esposa me conquistou, teve umas outras aí antes que tentaram me conquistar. Casei com 28 anos. Mas eu não pensava em me casar não. Enquanto eu não tivesse uma casa, um carro do ano. Solteiro eu não ia conquistar isso tudo. Mas depois que eu casei, ela tomou a frente das outras. Todas me querendo, né? Eu já vim lá de Minas com aquele dom.

Antônio, como muitos outros também busca a Família em Minas Gerais:

Éramos dez, cinco irmãos e cinco irmãs, a primeira que morreu foi a mais nova, depois o mais velho. Depois mais um, e mais uma. E aí ficaram os homens, os quatro. O meu irmão que mora em Barra Mansa que sabe dizer sobre a diferença que fez eu ter vindo para Volta Redonda. Enquanto eu estava lá, estava todo mundo sossegado na roça, quando eu saí, dizem que virou tudo, você vê... Eu fiquei aqui, passou um ano e eu voltei lá, de férias, já tinha saído da roça, estavam todos na cidade.

Quando perguntado se ele ia a Minas durante esse tempo de trabalho, ele falou que ele ia sempre pra passear, todo ano, trouxe os seus irmãos todos pra cá. Só um que não veio, começou a fazer coisas erradas lá, e duas irmãs, uma estava em Valadares e a outra em Caratinga, que é entre Dom Cavati e Valadares, não trouxe, já tinha casado. Trouxe meu pai, trouxe minha mãe.

Meu pai sem profissão, criado na roça, um outro irmão também, e só um que estava na escola. Aí trouxe um primeiro, que nunca quis nada, depois fui lá, vi que meu pai estava em situação difícil, tinham se separado, trouxe meu pai depois, eu não pensava no problema, eu chegava lá e resolvia. Eu chegava e solucionava. Cheguei

lá e minha mãe tinha vendido o sítio, aí trouxe ela e o outro irmão, esse que está em Brasília, que é capitão.

Nequinha fala um pouco de sua família em Minas:

Quando eu vim era só eu, meu outro irmão morreu, os que nasceram antes de mim morreram, foram morrendo, esse irmão meu bebia muito, ele dançava numa gafieira e não era brincadeira, tomava muito e fumava, daí passou muito tempo até ele morrer; o mais velho era ele. De homem ficou só eu. Uma irmã e eu. Outra irmã também faleceu.

Eu me casei em Volta Redonda, mas a moça era de Ribeirão Vermelho. Namorei a moça aqui em Barra Mansa e ela era de Ribeirão Vermelho – MG, bonita. Eu me casei. Era meio atrapalhado, gostava de namorar muito, né [...] Não vou mentir pra você, eu acabei fazendo umas besteiras, mas eu casei, são coisas que a gente fica até sem jeito... Eu tenho agora uma filha, um filho e uma filha que mora com a mãe, cuida dela. Casei a primeira vez, depois tive um outro negócio aí [...] muita coisa. Mas foi muito bom, as duas foram muito boas, me tratavam muito bem. Eu é que não prestava.

Qualquer uma delas foi legal, todas bonitas, a outra eu trouxe da Bahia. Na verdade era baiana, mas já estava aqui. Ela era bem nova, acabei casando com as duas. Eu não tinha juízo não. Ah, e muitas coisas... Parecia que era fácil demais.

Nequinha, completa sobre a vinda da família para Volta Redonda:

Veio todo mundo. Papai veio primeiro, né, e coisa e tal, estava começando a Siderúrgica. Nessa época eu só tava namorando. Quando eu comecei a trabalhar, eu ia sempre pra Lavras, passava quase as férias toda lá. Ia para Barra Mansa, o trem saía de lá, cedo. Era bom demais. Eu não tinha casado ainda e a família tava quase toda aqui, sabe como que é né, a família de pedreiro, alguns em casa e outros que antes da Companhia dar casa, vieram aqui e arrumaram o serviço. E moravam no barraco para os operários mesmo. Era bom demais.

Essas lembranças da família, do trabalho, dos colegas de trabalho, de grupos de forma abrangente, nos ilustram como nossas recordações são essencialmente memórias de um grupo e a memória individual acaba subsidiada pela experiência do indivíduo em certos grupos. Assim como nos tornamos mais humanos de acordo com as relações, torna-se objetivo no planejamento da estrutura do ideário para a construção da CSN, um controle de todas as esferas da vida dos trabalhadores.

Em alguns momentos os interlocutores falam sobre o tempo de trabalho, mesmo que o retorno financeiro sobreponha ao tempo de trabalho, as vidas destes homens demonstram serem tragadas por horas e horas de trabalho. O relato que se segue ilustra essa questão: “Quarenta e oito horas, direto, sem sairmos da Usina, Então, aquilo nos dava uma força interior, uma resistência, uma garra para suportamos os problemas [...] Trabalhava-se muito e quase não havia tempo para o lazer” (BEDÊ, 2004, p. xx).

Nas histórias aqui apresentadas, verifica-se que a cidade de Volta Redonda, embora seja provida de significativos marcos históricos, as memórias aqui dispostas se desdobram de forma mais próxima ao mundo do trabalhador, poucas histórias desvelam mais informações do macrocosmo. Em outras palavras, as histórias falam dos grupos mais próximos no caso do trabalho, da família. A família toma um espaço significativo na vida dessas pessoas.

Veiga & Fonseca (1990, p. 20), afirmam que a intervenção da CSN na vida dos operários dava-se em todos os níveis, desde a formação técnica, o médico, o dentista, o disciplinamento do futebol, a briga com os vizinhos. Este controle em todas as esferas da vida dos operários fazia parte do projeto político-ideológico onde o Estado assumia para si a tarefa de educar e formar o novo trabalhador brasileiro, modificando-o conforme os interesses do capital e dos militares.

Importante ponderar sobre os comportamentos que esses trabalhadores apresentam dentro desse repertório. Um trabalhador de origem simples passava muitas vezes sem consciência por esse controle através das atitudes paternalista da empresa. Ainda sobre as rotinas e cotidianos do trabalhador, Bedê (2004) ressalta o sistema de revezamento de turnos, além da rotina estressante, esse sistema que comprometia a alimentação do operário, era uma rotina que exigia uma adaptação constante do organismo desses indivíduos. A rotina parecia afetar tanto a saúde física, como a saúde mental e emocional desses trabalhadores.

Os estudos empreendidos por Halbwachs acarretam em uma nova concepção de memória composta por quadro sociais, para ele mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. (HALBWACHS, 2004, p.159).

É entre esse contrastar dos fatos históricos, das histórias de vida que revelam atitudes, modos de sentir e agir do mesmo tempo que a história se fez. É nessa complexidade que esses fenômenos se desdobram de forma eloquente e contribuem de modo a produzir espaços tanto de compreensão para transformar, ou ainda dar voz às pessoas dentro do grupo, da sociedade, ou de um tempo.

O próximo capítulo apresenta a memória coletiva dos velhos no tempo da velhice em Volta Redonda. Pretende-se ainda, traçar algumas reflexões nas quais norteiam as

inquietações que se levou a reconstruir a história de vida e conhecer o que já se viu até o momento.



Figura 12 - Esta imagem foi feita por uma artista da cidadã em 2007, faz alusão a estátua da praça Brasil, os trabalhadores.

3 ENVELHECER

Não perdi a oportunidade, se perder uma oportunidade, pode esquecer, mas, se aproveitou, é lembrança para toda a sua vida. (Antônio nosso segundo interlocutor).

Sobre o envelhecimento humano, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define idoso como aquele indivíduo que tem idade acima de 65 anos nos países desenvolvidos; e 60 anos para os países em desenvolvimento. Nesta pesquisa considera-se o envelhecimento como um processo. Compreende-se que a busca pelo envelhecimento saudável é uma concepção internalizada pela sociedade. Porém neste momento o viés para abarcar o processo de envelhecimento vem do conceito de Baltes (1987, 1997 *apud* FONSECA, 2010), que evidencia o envelhecimento e desenvolvimento como processos correlatos, em que mesmo na presença das limitações de origem biológica, os processos psicológicos já estabelecidos se mantêm e, se o ambiente cultural for propício, pode ocorrer o desenvolvimento.

O envelhecimento, a violência e a AIDS são os três maiores problemas ligados à saúde (MINAYO, 1995). Daí pode-se afirmar que o envelhecimento é, atualmente, uma questão de Saúde Pública. Dessa forma o envelhecimento toma uma importância dentro das políticas públicas e sociais. Sobre essa atenção à pessoa idosa, o Estado preconiza que a atenção à saúde da pessoa idosa, definida pela Portaria 2.528/2006, tem a finalidade primordial de:

Recuperar, manter e promover a autonomia e a independência dos indivíduos idosos, direcionando medidas coletivas e individuais de saúde para esse fim, em consonância com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. É alvo dessa política todo cidadão e cidadã brasileiros com sessenta anos ou mais de idade. (BRASIL, 2006).

Em 1997, a partir da Conferência de Jacarta as pessoas idosas passaram a fazer parte dos grupos prioritários de investimentos no desenvolvimento da saúde. No Brasil, houve a regulamentação da Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842 de 04 de Janeiro de 1994) materializada no Estatuto do Idoso (Lei nº 10. 741 de 01 de Outubro de 2003), que obriga o Estado a garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, assegurando os direitos sociais dos idosos. Em 2006, através do Pacto pela Vida¹⁸ dentre as seis prioridades está a Saúde do

¹⁸ Trata-se de um documento pactuado na reunião da Comissão Intergestores Tripartite do dia 26 de Janeiro de 2006 e aprovado na reunião do Conselho Nacional de Saúde de 09 de Fevereiro de 2006 que, dentre outras questões, discute a “Saúde do Idoso” (BRASIL, 2006).

Idoso, que apresenta uma das diretrizes voltada para a Promoção do envelhecimento ativo e saudável.

“O crescimento do contingente de idosos com maior poder político criou condições para que pesquisadores e praticantes de várias profissões, entre as quais a Psicologia, passasse a investir mais na pesquisa e na intervenção com esse segmento”. (NERI, 2004, p. 69). Supõe-se, portanto, que pesquisar idosos saudáveis é uma das temáticas ainda em desenvolvimento. A psicologia vale-se de informações vindas de múltiplas vertentes desta disciplina com vistas a contribuir para o desenvolvimento de pessoas idosas.

O envelhecimento etapa que compreende a partir da segunda metade da vida, é uma fase marcada por transformações biológicas até as sociais. O envelhecimento nesta pesquisa nos oportuniza a compreender e refletir através de uma “reconstrução” identitária dos modos de vida destes idosos. Colabora-se para entender como vivenciam o envelhecimento dentro dessa relação resultante dos indivíduos e os contextos ambientais.

Reporto-me ao início desta pesquisa, no momento que as histórias chegavam de forma persuasiva no cotidiano de trabalho, não compreendia, e só agora compartilho essa dimensão, eram os idosos compartilhando. Foram muitas histórias; eram eles comunicando de maneira viva suas experiências e exercendo assim as suas funções sociais.

Assim:

O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado, mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma para o adulto ativo, a vida pra é vida pratica, e memória é fuga, arte lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez. Bem, outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não esta descansando, por um instando das lides cotidianas, não esta se entregando fugitivamente às delicias do sonho, ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. (BOSI, 1994 p 60).

Sintetizando, Halbwachs atribui à atividade mnêmica a uma função social, exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. Mas diante do momento que o adulto ativo deixa de ser um adulto ativo no grupo, na sociedade, nesse momento de velhice se vê entregue a função própria de lembrar e de ser a memória da família, do grupo ou da instituição ou ainda da sociedade. (*apud* BOSI, 1994).

Entende-se que foi a memória diante da própria função social desses idosos que de forma persuasiva toma um espaço na construção da minha vida, e assim a construção dessa pesquisa.

3.1 As histórias que entrelaçam a vida na Velhice em Volta Redonda

Memória e envelhecimento são temas construídos com proximidade, especialmente quando se lembra dos medos dos idosos as doenças degenerativas como o Alzheimer. Aqui esse delinear é notadamente distinto. Sabe-se que a memória dentro do conceito fundamentalmente mais veiculado é vista como essa capacidade de lembrar, de conservar as informações do passado, e que essa função influencia a vida dos indivíduos seja nos processos de senilidade¹⁹ ou de senescência²⁰. Assim como a perspectiva de compreensão da memória se expande durante a atuação profissional, pretende-se aqui reportar a memória com significado social. E para isso o significado de lembrar e esquecer toma um formato, mas dinâmico e interativo com o contexto de vida das pessoas.

Bosi ressalta a interpretação social que Halbwachs atribui à capacidade de lembrar.

Entenda-se que não se trata apenas de um condicionamento externo de um fenômeno interno, isto é, não se trata de uma justaposição de “quadro sociais” e “imagens evocadas”. Mais do que isso, entende-se que já no interior da lembrança no cerne da imagem evocada trabalham noções gerais, veiculadas pela linguagem, logo de filiação institucional. (BOSI, 2004, p. 59).

A estrutura do nosso comportamento está nessa relação entre a consciência e o mundo. A memória é a função ativa de recriar o tempo, o tempo vivido, na qual recebe uma conotação do mundo, do social e da cultura e pelo indivíduo. (BOSI, 2003, p. 53).

Na categoria seguinte, pretende-se apresentar as memórias de um fato vivenciado por esses idosos, no caso a *Aposentadoria* e mesmo que seja um momento comum, há traços de coletividade por pertencerem a um grupo específico: trabalhadores rurais e os primeiros aposentados industriais, e mesmo que recebam influências, cada classe vivencia o tempo de modo único, e assim como cada pessoa. (BOSI, 2003).

A fase da aposentadoria é dividida em: *Aposentadoria* e os *Sentimentos em relação à Velhice*. A categoria *Aposentadoria* refere-se objetivamente ao momento de conclusão dos anos de serviço determinados em lei para o exercício de uma atividade, e assim ao afastamento por tempo indeterminado das atividades laborativas. Quanto à própria

¹⁹ A Senilidade é o processo de envelhecimento associado a diversas alterações decorrentes de doenças crônicas ou outros agravos.

²⁰ Senescência é definida como um processo de envelhecimento natural e saudável.

Aposentadoria, em um trecho da entrevista Bernardino conclui brevemente: “A aposentadoria é uma compensação daquilo que a gente fez antes de aposentar”.

Antes de aposentar, às vezes, a gente passou muito mal, vamos dizer que talvez não tenha ganhado o suficiente para poder fazer o que foi feito, mas com o espaço de tempo, esses tempos assim, você sabe que valeu a pena, você vai ficar mais perto da família.

O que antes não tinha condições de ficar perto da família. Eu, por exemplo, fiquei muito tempo lá dentro da usina, fazendo serão. Eram dias que eu poderia ter ficado perto das crianças. Mas não compensou? Senão iria trabalhar para eles até hoje. Valeu para mim na época. Eu não precisava me preocupar muito. Quantas vezes a minha esposa estava grávida, eu ia trabalhar e a deixava sozinha com as crianças.

Já, para Antônio:

E quando eu juntava esse dinheiro dava mais de dez salários, mas eu pensava: vou aguentar a mão lá (CSN), lá eu tenho minha aposentadoria. Mais tarde, eu até pensei em sair, mas, se eu sáisse, não ia receber indenização. Aí eu falei: eu vou enrolando aqui... Aí quando chegou a época d'eu sair, eu saí na especial porque eu comecei a pagar com 18 anos INSS e ainda sobraram dois anos que eu não precisei. Saí na especial, pronto!

Vou te falar, ficar em alojamento... Arrumei meus amigos, infelizmente nunca mais os vi depois que eu saí de Barra do Piraí. Agora, aqui em Volta Redonda, eu tenho amigo assim, né, não é de confiança não, alguns até que é de confiança, tem um que de vez em quando vem aqui, foi meu ajudante na Siderúrgica, arrumei vaga pra ele estudar, ele fez o curso técnico, mas assim, sem experiência, ficou enrolado, mas ele é um cara legal. De vez em quando ele vem aqui. Na época em que cheguei aqui era mais difícil. A coisa mudou depois de aposentado. Aquele aperto que eu tinha, aquele movimento que não era brincadeira, eu passei a trabalhar mais tranquilo. Não parei, continuei no meu serviço direitinho.

Nequinha relata sobre a sua Aposentadoria:

Depois que eu aposentei, eu fiquei um ano parado, falei que ia ficar parado, mas não deu porque eu tava muito novo e com muita saúde, né: Não sofri nada, não tinha nada, fui ficar doente agora, mas antes eu não tinha nada. Eu tava muito bom. Aí eu fiquei um ano, eu falei: ah gente, não dá pra ficar parado. E aí eu comecei com a bebida, fumar, eu nunca fumo, aí eu tomava umas bebidas. (rindo) Aí, viciiei com a bebida. Eu não podia ver um boteco, ficava muito na rua, eu vivi muito na rua, eu tocava violão, essas coisas, era um seresteiro. No sábado, hoje é sábado? No sábado eu só ia, saía andando. Sabe como? Deixava a família e tudo, e saía andando, gostava de andar muito arrumado, botar uma roupa bonita, tudo, pegava o violão, botava debaixo do braço, sumia, quantas vezes eu ficava 2 ou 3 dias na rua? Era um caso sério.

Eu gostava do Hotel Bela Vista, chegava ali: Depois de aposentar ainda voltei a trabalhar um pouquinho. Eu fiquei só na boemia, bebendo, aquela coisa toda. Ah, não tava dando certo não, eu não tava a fim de morrer não. Voltei à Cemil (empresa), trabalhei uns tempos, bacana. Bom, também eu acabava não fazendo nada. Mas eu era muito “farrista”. Apesar de estar doente agora, e depois que eu fiquei doente faz mais de 3 anos que eu sou um problema. Melhora um pouco, mas,

o resto está tudo bem. Não sei quanto tempo trabalhei. Depois trabalhei na Barbará, na usina Barbará, com o alemão, peguei amizade com ele, e ele trabalhava na empreiteira. Pelejou comigo, saía e me encontrava bebendo, ele falava comigo.

Cada um dos interlocutores vivencia o tempo da aposentadoria de forma diferente. Diante da **Aposentadoria**, dois deles, no caso *Bernardino e Antônio* experimentam sentimentos de compensação ao analisar a vida inteira de trabalho. A **aposentadoria** para Nequinha traz esse e outros sentimentos: observa-se uma angústia, diante da liberdade ou uma dificuldade em lidar com todo o tempo livre.

Nequinha desdobra da sua história algumas posturas que podem contribuir para uma reflexão, o gosto por música, à entrega ao que para ele era uma realização pessoal, mas que devido a uma dificuldade de controle, vivenciou o alcoolismo. Observa-se uma falta de autonomia para vivenciar seus interesses pessoais.

Sobre as questões que envolvem o envelhecimento na sociedade industrial, a estudiosa: Bosi (1994) afirma que a sociedade industrial é maléfica à velhice, pois nela todo o sentimento de continuidade é destruído, o pai sabe que o filho não continuará sua obra e que o neto nem mesmo dela terá notícia. Destruirão amanhã o que construíram hoje.

Um sentimento subjacente em que todos eles assemelharam-se foi o de esperar pelo tempo de viver sua liberdade, de estar com a família. Bernardino considera que o tempo longe da família compensou; ficar longe e ter dinheiro: “o bom é ele ter aposentado senão teria trabalhando até hoje”. Aposentar como um rito de passagem para um mundo sem planos, sem metas, sem ideais, ou ainda sem necessidades tão viscerais como no tempo do trabalho.

Aposentar pra estes idosos soa como um grande mérito, uma meta alcançada. Todos compartilham da exata noção do tempo de trabalho. Outro fator que contribui para esse sentimento de dever cumprido é o fato de ter ultrapassado todos os riscos do trabalho: “a glória de não ter vivido nenhum acidente”.

Neri (2004, p. 70) faz considerações sobre os antecedentes para uma boa velhice: ter atividade, envolvimento social e estilo de vida saudável além de acreditar na capacidade de controlar a própria vida, ser capaz de investir no aperfeiçoamento da saúde, da capacidade cognitiva, e das relações sociais são importantes antecedentes de uma boa velhice. (ROWE; KAHN, 1998; BALTES; MAYER, 1999).

Nesta pesquisa considera-se que esses antecedentes podem ser vistos tanto nas histórias de vida, quanto devem ser desenvolvidos durante a vida.

Quanto aos sentimentos em relação à Velhice, identificamos que:

Bernardino ao comentar sobre o seus estudos faz uma comparação com o presente e considera que desaprendeu tudo, vejamos:

Quando vim, só tinha estudado até a 3ª série primária, eu cheguei para trabalhar na Companhia, já entrei para a Escola Técnica e fiz curso, um curso aqui, eu agora desaprendi quase tudo.

E Antônio, relata o medo que tinha e que sente ao ver os outros vivendo a velhice sem segurança:

Eu já tinha casa no Retiro, alugada também. Não pensei em comprar mais porque não é só receber, precisa reforma e não fica barato não. Porque senão fico enrolado, trabalhando de novo. E eu não estou mais para esses negócios. Às vezes, eu ensino esses meninos aí, e falo sobre preparar para a aposentadoria. Vejo esses caras passando com carrinho de picolé, com 60 anos, trabalhando. Na roça eu já pensava: eu não vou nunca me casar se eu não tiver casa. Lá na roça. Lá eu não pensava em casamento, aqui também demorei a pensar. Quando eu tava com 23 anos que eu comecei a pensar.

Nequinha, fala de um sentimento de solidão, e descreve os efeitos de participar de atividades institucionais, neste caso no Centro Dia:

Eu estava esquisito, eu estava, não estava me sentindo bem, que eu não estou podendo andar direito, né, (aqui ele parece falar do Centro dia, uma instituição que vem durante a semana pegá-lo para passar o dia), lá tem sempre um dia, levam a gente, a gente brinca de segunda a sexta. Então é bom. Eu chego lá, já começo a conversar com um e com outro né, a maioria lá usa cadeira de rodas, lá tem um lugar que é pra ficar internado mesmo.

Todos esses idosos participam de atividades grupais dentro de uma instituição em Volta Redonda, dois em nível primário²¹ de saúde, e um no nível secundário²². Assim durante

21 Conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrangem a promoção e a proteção da saúde. É parte integral do sistema de saúde do país, do qual é função central, sendo o enfoque principal do desenvolvimento social e econômico global da comunidade.

22 Atenção secundária é o conjunto de ações que visam identificar e corrigir o mais precocemente possível qualquer desvio da normalidade, de forma a colocar o indivíduo de imediato na situação saudável, ou seja, têm como objetivo a diminuição da prevalência da doença. Visam ao diagnóstico, ao tratamento e à limitação do dano.

um ou dois dias da semana esses idosos mantêm um espaço de convívio, para trocas sociais. Observa-se que Antônio um dos interlocutores demonstra o medo de viver uma velhice sem segurança financeira. Bernardino ao falar da velhice como um tempo de esquecimento (desaprendizagem, SIC), faz menção da velhice como um tempo de perdas cognitivas. Nequinha relata as trocas sociais e seus efeitos na sua saúde.

É certo que o envelhecimento traz consigo as transformações fisiológicas, diante delas é importante perceber os sentimentos decorrentes dessas mudanças e Bernardino fala de algumas:

Quase que eu fui para lá, mas a minha esposa e os meninos disseram que era perigoso ir e ela falou: eu vou pedir aos meninos para te levarem lá.

Eu passei cada uma, que só Deus é que sabe. Eu estava com saudades dela, mas o povo aqui em casa, vou te falar, às vezes eu quero ir lá na minha terra, mas não me deixam ir... (Itabira – MG)

Eu ia para lá sábado, mas não deixaram, eles falam que lá mudou e ninguém sabe ou me conhece. Eu sempre ando com o telefone, endereço de onde eu moro, porque aí já sabe onde procurar, né?

Antônio, que em muitos momentos descreve sua vida cheia de metas e planos, deixa claro que seus investimentos são para hoje:

Hoje eu não penso muito em investimento não, faço de manhã pra ver o resultado da tarde. Hoje em dia eu faço de manhã para ver o resultado à tarde. Eu estou no fim, eu tenho que analisar, se eu for construir hoje, no dia de hoje eu não vou desfrutar.

Nequinha, esse já começa a entrevista falando da estratégia que usa para não se perder nas ideias:

É, eu não posso falar muito, senão eu esqueço, eu me perco. Mas não precisava nem pensar naquilo (salário): vou deixar juntando lá. A gente recebia diária, que era uma grana alta mesmo, que eu dava pra tratar da família, pagar o hotel 5 estrelas. Em Belo Horizonte eu fui contratado pela rádio Tucuruí, e eu estudava canto, tava quase formando em barítono cantante, foi uma beleza, cantei muito em Belo Horizonte. Fiz um curso na rádio, passei em primeiro lugar lá, em Belo Horizonte, e televisão. Primeiro cantei na rádio, no concurso, passei em primeiro lugar, e depois na televisão. Eu tinha um vidão. Agora que veio essa doença. Mas antes...

Nequinha fala com prazer de suas realizações, de suas experiências após a aposentadoria:

Mas não precisava nem pensar naquilo (salário): vou deixar juntando lá. A gente recebia diária, que era uma grana alta mesmo, que eu dava pra tratar da família, pagar o hotel 5 estrelas. Em Belo Horizonte eu fui contratado pela rádio Tucuruí, e eu estudava canto, tava quase formando em barítono cantante, foi uma beleza, cantei muito em Belo Horizonte. HO Fiz um curso na rádio, passei em primeiro lugar lá, em Belo Horizonte, e televisão. Primeiro cantei na rádio, no concurso, passei em primeiro lugar, e depois na televisão. Eu tinha um vidão. Agora que veio essa doença. Mas antes...

Ele falou pra mim que eu tava muito novo, concordei com ele. Eu fiquei na Barbará, fiquei trabalhando um tempo na Barbará. Trabalhei uns tempos, cisme que não iria trabalhar mais não. Depois, aqui na Voldac, tinha uma oficina grande, que tem ali, de estrutura, tava precisando de montador, né. Fiquei lá, mas ficou bom. Não era todo dia, não ficava andando de bar em bar. Eu trabalhava durante o dia, saía, fechava o ponto e coisa e tal, ficava até 10:00, 11:00h no bar, bebendo. Era terrível, né, no outro dia ia trabalhar. Melhorou porque aí durante o dia não bebia.

Apesar dos sujeitos vivenciarem no envelhecimento um processo de mudanças menos desejáveis e menos controláveis que outros que vivenciamos durante outras fases da vida, é importante que se mantenha a convicção, o otimismo, ou ainda que desenvolva potencialidades individuais, sendo a possibilidade de contrariar o estigma de fragilidade e vulnerabilidade que se atribui à velhice. As três histórias oferecem um repertório diferente de enfrentamento para as limitações.

Esses enfrentamentos favorecem uma oportunidade de compreensão do desenvolvimento psicológico no envelhecimento, considerando que há uma integração dos níveis biológicos e contextuais dos idosos desta pesquisa.

Diante das limitações na primeira história os recursos de superação estão na família. O segundo resolve viver a vida de uma forma diferente, sem investimentos para o futuro, mas a vida apresenta restrições sociais. E por fim o terceiro que ilustra estratégias para lidar com o esquecimento, e ainda sobre a satisfação que sente em estar no grupo de convivência.

Observa-se um sentimento muito pertinente nas histórias sobre a velhice, um sentimento de superação. Assim Bernardino relata:

Modéstia à parte, graças a Deus. Eu passei muitas coisas que eu não gostaria de ter passado, mas Deus estava presente e me deu cobertura.

Ele brinca: Tive mais tempo para brigar com ela. Graças a Deus. Valeu muito. Eu aposentei, naturalmente melhorou um pouco porque eu já tinha tempo de trabalho e deu pra dar mais um aumentozinho.

E Nequinha também fala com prazer de suas atuações no Centro Dia:

Mas eu cantei com o Chacrinha aqui, ele veio fazer o programa aqui, no feriado, não sei, eu cantei com ele também, e aí eu fui cantando, mas agora eu não estou cantando mais nada, agora praticamente eu canto lá no Centro Dia (Instituição de Longa Permanência), né, eu estou com a língua enrolada, não tá saindo a expressão direito, mas eu ajudo, eu não sou mais aquele que eu era, era barítono.

Por certo, reconstruir suas histórias proporcionou a eles uma oportunidade de rever suas vidas, de refletir, mas parece que a velhice oportuniza esse olhar de contemplação, essa capacidade de reflexão. Antônio faz conclusões de sua história e compartilha:

E quando eu vim pra cá, mudei de ideia de muitas coisas, né? Sempre aproveitando as oportunidades... Não perdi a oportunidade, se perder uma oportunidade, pode esquecer, mas, se aproveitou, é lembrança para toda a sua vida.

Já Nequinha parece refletir sobre sua vida,

Eu tenho um filho que tive com a primeira, que mora no Espírito Santo, é o mais velho, ele está bem. Não tem juízo, diz ele que vai criar juízo, deve ter puxado o pai, mas ele é bonzinho. Eu converso mas não tem juízo não, até hoje não casou, só vive de rolo, tá doido. E ele arruma as mulheres boas, bacanas, coisa e tal, fico pensando se eu era assim desse jeito.

Através dos relatos, percebe-se a presença das instituições na vida desses idosos, e ainda o tempo subjugado à sociedade industrial que racionaliza as horas de vida. Bosi (2003) sintetiza: é o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso. A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos.

Os sentimentos de superação, de compensação, ou ainda a capacidade de refletir sobre o passado comum nas histórias e para entendê-los, repousa-se ainda na experiência de Bosi (1994, p. 22): “O ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens”.

E para concluir importante reafirmar a responsabilidade em ser bom ouvinte. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muito coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade de encontrar ouvidos atentos, e assim ressonância.

3.2. Os amores que nunca encontrei

Destarte, como cada uma dessas histórias e a experiência profissional reafirma a singularidade de cada experiência, e a forma de vivenciar a velhice e a vida parece ser uma escolha pessoal, uma vez que cada idoso apresenta um enfrentamento, estabelecendo trocas dinâmicas com seus contextos, criando caminhos de desenvolvimento para si e para os que estão próximos frente às dificuldades da vida, há os que se deixam envelhecer limitando-se e os outros que vivenciam o envelhecimento desenvolvendo-se.

Ante esse momento de individualidade da vida dos idosos considera-se: Bosi, 2003, p 15) “ a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. Considerar as memórias coletivas, já se oferta uma perspectiva mais humana o contexto social, e mesmo que coletiva, única, pois quem está a se recordar é um sujeito, que teve sua maneira única de construir sua vida e também de reconstruir sua história. Falar das memórias já nos permite falar das paixões, pois a história ela nos permite humanizar os fatos sociais.

Ao reconstruir as histórias além de falar das paixões, é também perceber o delinear da vida dando forma para os desejos. A atenção que se dá aqui é para estes desejos.

Replicam-se algumas das inferências que se deram no desvelar dessa pesquisa, porém neste momento, o recorte tem o objetivo de nos possibilitar uma reflexão quanto aos desejos, aos momentos que os desejos sobressaem na memória coletiva:

a) A escassez que esses homens passaram no campo subsidia a postura passiva em relação ao trabalho e, posteriormente, esta postura na velhice.

b) A formação escolar influenciou de modos diferentes a forma como cada um construiu sua relação com o trabalho, com a família e com eles mesmos, durante as diferentes etapas do ciclo de vida;

c) As lembranças da vida em Minas Gerais são significativas e carregadas de afetos, pode ser devido a um presente que não há espaço para ancorar essas vivências.

d) Na vida dos três homens, o trabalho, que norteou a busca pela mudança, mesmo por motivos diferentes, esses trabalhadores consideraram que o trabalho fosse o sentido nas suas vidas, mesmo diante de poucas possibilidades de mudança, e de trabalho, e do próprio medo.

e) Notável é a força/energia que esses trabalhadores tinham para a realização do trabalho.

f) A ausência da escola como formadora para vida e para o trabalho parece ter interferência na maneira como os interlocutores experimentaram o trabalho, com despreparo e desamparo.

Os sentidos de vida capacitam a pessoa a manter sua saúde mental e sua integridade, ainda que em condições adversas. Observa-se que esses homens apresentaram suas maiores mobilizações em buscar o trabalho, e dessas trajetórias é que vamos refletir sobre os desejos.

Diante do trabalho que utilizou das forças físicas, o sujeito se retrata nas histórias com poucas aspirações, e limitados nos novos projetos de vida.

Quanto à escassez, é importante considerar sobre o nível de satisfação que o indivíduo vive, ou o nível na qual ele se constitui, nota-se que esta influenciou-o durante toda a vida e construção deles, tendo sempre um medo de passar por essa dificuldade novamente, tudo que se fazia era para manter pelo a saciedade.

Neste momento é importante considerar o homem e sua capacidade de desejar, por ele mesmo, e por suas garantias básicas para isso. No caso essa integridade para compreender o homem um ser desejante.

E Bosi comenta: A sociedade industrial multiplica horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas, dos bancos da burocracia, preenchimento de formulários. (2004, p 24.).

Sabe-se que essas relações se estendem, nestas histórias elas começam pela escola, passam pelo trabalho, voltam a escola, saem da empresa, e estão no grupo da “ Terceira Idade”, os sujeitos e os grupos vão mudando. Assim como as próprias instituições vão surgindo e transformando...

Estas observações que se perpetram estão diretamente ligadas às relações, ou no caso as instituições, família e escola, como elas passaram pelo desenvolvimento desse ser desejante. Porém cabe também refletir sobre as relações que se constituíram no trabalho. Como estas instituições transformam/lidam com os desejos? Compreender o ser desejante e o mundo, o contexto, seus grupos e sociedade.

Sendo a memória uma construção social, do grupo. E sobre esse papel, Bosi (2003, p. 119.) pondera. Confiamos nas instituições que nos socializam: eis a razão das nossas primeiras crenças e atitudes.

Das observações das pesquisas é possível algumas reflexões nessas relações:

- Quanto o grau de integridade física e moral que o empregado ao sair das horas de trabalho tem para continuar um indivíduo capaz de articular vontades nas horas que não contemplam a atuação de trabalho?
- Quanto uma instituição esta aberta a ouvir, e reproduzir as memórias individuais e assim mais autenticamente influenciar na memória coletiva?
- Naquela época era sobrevivência, e hoje? E ainda se continua sendo o trabalho o maior mobilizador na vida dos sujeitos? Quais os sentidos atuais que o trabalho tem para os indivíduos?
- Quanto às relações foram/ são lugares que impulsionam homens como ser desejante?

É justamente nesse momento, sendo o ser capaz de ter desejos é que há possibilidades de romper com os espaços, ou limites ou ainda as construções antigas, rompendo, e considerando os desejos.

Reconhecer no outro as vontades é dar a oportunidade de desenvolver-se. A relação que se tem com um velho é diferente da relação com o adulto, e essa diferença pode ser entendida como uma postura de tolerância, sem o calor da sinceridade. Nos cuidados com a criança, o adulto “investe” para um futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má-fé. E conclui: a moral prega o respeito ao velho, mas quer convencê-los a ceder o lugar aos jovens, quer que ele nos poupe de seus conselhos para “seu próprio bem”. (BOSI, 1994, p. 78).

3.2. Os espaços que ainda procuro

O regime que se desdobra no tempo do trabalho na CSN é tão autoritário que se leva a pensar que esses idosos que compartilham suas histórias, só sobreviveram devido a uma submissão, de certa forma. O sistema almejava controlar todas as esferas de vida dos trabalhadores, um contexto de alto índice de morte por acidentes, além das punições, demissões sumárias. (VEIGA; FONSECA, 1990).

É inadequado pensar nessa relação entre a sociedade industrial só na velhice, as memórias, que esta pesquisa reconstruiu, evidenciam que a degradação começa já com a pessoa que trabalha. Assim propõe-se rever as memórias coletivas nas quais se podem observar as seguinte relações sociais elencadas abaixo:

- Mesmo um dos interlocutores apresentando maior estratégia para lidar com os desafios biológicos, todos três trabalhadores estão inseridos em instituições buscando apoio social e integração.

- Na realização da coleta de dados, as famílias em muitos momentos queriam justificar a falha de memória dos idosos, em outros momentos desacreditados da importância que se buscava nesses encontros.

- As memórias de um dos interlocutores tomam um lugar de conexão, pois na época do trabalho suas relações se estendiam para atuações além do trabalho, e isso é o que acontece também na velhice, é somente um dos interlocutores que demonstra sentir apoio para grupos além da família, porém é importante lembrar que esse foi o que teve mais apoio, tanto da família, tanto da escola.

- As histórias destes três sujeitos sugerem haver uma relação entre as muitas horas de trabalho, e a falta de perspectiva após a aposentadoria.

- As memórias coletivas dos trabalhadores se desdobram sobre o universo mais próximo, a família, o trabalho, mesmo o contexto histórico evidencie lutas e movimentos a vida desses trabalhadores ainda estavam muito envolvidas nas lides diárias do trabalho, mas necessidades básicas dos trabalhadores e suas famílias.

- As memórias coletivas desses trabalhadores reportam que às relações sociais se davam em sua maioria através do trabalho.

- Não houve durante o tempo do trabalho muitas possibilidades de manutenção da qualidade de sua saúde mental e capacidade em investir em novos objetos e novos projetos de vida;

- Os sentimentos decorrentes das práticas controladoras e das más condições de trabalho são compensados pelos sentimentos de gratidão, ou pelos sentimentos de superação.

- As lembranças da vida em Minas Gerais são significativas e carregadas de afetos e muito semelhantes, uma convivência familiar ampla, plantações e modo de vida simples, essas são as vivências coletivas.

- As instituições família e empresa caminharam juntas, uma reforçando a outra, no que se refere aos ideais maiores da sociedade e direcionaram cada uma delas para o exercício do papel de provedor, através do trabalho “produtivo” e assalariado.

- A institucionalização serviu e servem de suporte, apoio e únicos espaços de construção na vida dessas pessoas que passaram por esse processo de sociedade industrial.

No entanto, nesta pesquisa, seguindo o raciocínio de Bosi (2003), vislumbramos nossos interlocutores de forma positiva, haja vista podermos considerá-los como alguns dos guardiões da memória coletiva da cidade. E através de suas memórias e trajetórias de vida, buscamos compreender a aventura particular sobre o envelhecimento nesta cidade, de forma a promover e socializar o entendimento de que as pessoas constroem ativamente suas vidas, dia a dia. Bosi (2003) se refere a esse conteúdo: memória familiar, memória política, e memória do trabalho com a substância social da memória.

Consideravelmente as repercussões na vida desses homens mostram-se fortemente norteadas pela relação trabalho, às repercussões em suas vidas são basicamente em torno da família e do trabalho. Pode-se inferir a responsabilidade desta experiência de trabalho nos modos de vida desses trabalhadores e ainda no desenvolvimento psicossocial.

De acordo com números atuais 80% da população idosa de Volta Redonda residem a mais de 16 anos na cidade, conforme censo de 2000 (IBGE, 2000), Volta Redonda, possui 22.000 idosos, onde 15.000 estão inscritos nos projetos municipais. Desses 60% participa desses e de outros projetos municipais. Tendo em vista que há ainda na cidade outras instituições de atenção ao idoso, notoriamente Volta Redonda apresenta.

Através de observações pessoais do cotidiano profissional, verifica-se que os idosos em Volta Redonda se encontram em espaços determinados por instituições como o Centro Dia, ou atividades oferecidas pelo município e no caso mais próximo, no Centro de Prevenção em Saúde do Idoso (AAP-VR). Observa-se que os idosos têm em seu repertório social apenas atividades subsidiadas por alguma instituição e em sua maioria voltadas à saúde.

De acordo com números atuais 80% da população idosa de Volta Redonda reside à mais de 16 anos na cidade, conforme censo de 2000 (IBGE, 2000), Volta Redonda, possui 22.000 idosos, onde 15.000 estão inscritos nos projetos municipais. Desses 60% participa desses e de outros projetos municipais. Tendo em vista que há ainda na cidade outras instituições de atenção ao idoso.

No processo constitutivo da cidade fica evidente a construção de instituições para a chegada dos trabalhadores, depois os equipamentos que surgiram para amparar esses trabalhadores e suas famílias, e atualmente continuam a se desdobrar mais e mais instituições para abarcar as fases e as necessidades da cidade.

Nesse contexto, quanto às instituições de Volta Redonda propõe-se a refletir sobre:

- Qual o papel dessas instituições nas memórias da cidade?

- Os espaços de partilha cultural dos trabalhadores ou ainda dos idosos.
- E ainda como os espaços de convivência lidam com a memória desses velhos.
- E a cidade?

Ao falar do meio urbano, Bosi (2003, p. 70) salienta: “Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram”

De certo que todas as instituições, têm o seu papel e garante ganhos para seus usuários, o trabalho, a escola, os grupos de atenção à saúde, porém o que se propõe é refletir para o desenvolvimento de espaços mais autênticos aos desejos de cada um.

A memória como um fenômeno social, se dá nessa relação da memória do indivíduo e o seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, dando relevo as instituições formadoras dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

*A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
Não quero morrer, pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer.
(Envelhecer – Amaldo Antunes)*

Não apenas trabalhadores, ou aposentados; estes homens compartilharam suas histórias, contaram de sua família, da escola, do trabalho, e até da aposentadoria. Estas histórias aponta para nós uma fecunda oportunidade de conhecer, não só as histórias deles, mas as histórias que constrói-se de si mesmos nesta cidade. Oportuniza-nos um momento de contemplação do curso de vida que se fez dos primeiros trabalhadores.

A história dos velhos alarga, e desdobra de tal maneira os horizontes da cultura que realizar este trabalho, me faz crescer como pesquisadora e cidadã e aumenta as expectativas que se faz diante desta pesquisa para a sociedade. (BOSI, 1993. p 69).

Reconstruir histórias de velhos nesta pesquisa nos possibilitou refletir sobre a construção de vida, e vivenciar a memória de maneira dinâmica, de uma construção entre o indivíduo e o social, e de não ser vista apenas como uma técnica, mas como um devir que procura reconstruir, reorganizar, reler os relatos orais de um modo que se permite captar e entender as visões de mundo, as aspirações e utopias elaboradas por aqueles que fazem seu depoimento. O devir que nos oportuniza compreender, ou apenas olhar para as repercussões ao longo da vida do sujeito.

Ao interessar por essas histórias são consideráveis os efeitos da reconstrução nas entrevistas, para todos os envolvidos, o interlocutor ao final de cada encontro, sente-se grato pelo momento e por poder partilhar tudo que viveu. A família em reconhecer em seus lares a importância e a função dos interlocutores, pessoas nas quais a sociedade nega o que eles têm a oferecer no caso, sua história. E ainda para o investigador e a pesquisa.

Durante a atuação profissional fica evidente a construção da vida, dos ciclos, e das fases de desenvolvimento, as intervenções exigem uma compreensão da história, do sujeito

que adoce. E nesse entrecruzamento, entre modificações biológicas, sociais e as formas de enfrentamento é que se manifesta a raiz do desenvolvimento psicossocial. Essas histórias possibilitam olhar, analisar esse momento.

Entendendo que a memória é uma mediadora, e reconhecendo nela as considerações de Bosi, se entende a memória como mediadora cultural, e em outro momento ela ratifica a memória como um verdadeiro teste psicossocial quando se encontra em um estudo de lembranças das pessoas idosas. (BOSI, 1993). Nesta experiência percebe-se que os depoimentos compartilhados estão socialmente afastados, identifica-se que nas famílias as relações com os idosos são pouco valorizadas e os espaços de circulação dos idosos são restritos, sendo as famílias ou as instituições ligadas ao cuidado de saúde. Faz parte dos objetivos socializar as informações e resultados desta pesquisa, exatamente por considerar a importância de comunicar as histórias e os ganhos sociais.

Ao esclarecer sua pesquisa, Bosi salienta que não pretendia escrever uma obra sobre memória nem uma obra sobre velhice. Que ficaria na intersecção dessas realidades, colheu histórias de velhos. Sem pretensão de comparar a tal feito, esta pesquisa se aproxima desse objetivo de atribuir espaço (acadêmico) para as histórias desses idosos, neste caso, aos idosos trabalhadores rurais que se mudaram para Volta Redonda, para trabalhar na CSN. Outra questão que se assemelha é que os narradores aqui também apresentam suas vidas arraigadas das experiências com o trabalho. Como afirma a autora: uma classe duas vezes oprimida: uma pela dependência social e outra pela velhice. (BOSI, 1993).

As histórias trazem os velhos e as repercussões de suas vidas. Entende-se que a memória nos depoimentos orais de idosos, mesmo lacunar nos fornece dados importantes para uma investigação, dados que poderão ser concluídos e redimensionados por outros informantes. Foi possível em muitos momentos ilustrar o lado humano do envelhecimento na história da cidade.

Segundo Bosi, sobre esse caráter coletivo Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo: e a esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Sobre esses momentos o que desvelaram entre as três histórias pode-se destacar que:

- *A escassez que esses homens passaram no campo subsidia a postura passiva em relação ao trabalho e posteriormente esta postura na velhice.*

- *As instituições serviram e servem de suporte, apoio e únicos espaços de construção na vida dessas pessoas que passaram por esse processo de sociedade industrial.*

- *A formação escolar influenciou de modos diferentes a forma como cada um construiu sua relação com o trabalho, com a família e com eles mesmos, durante as diferentes etapas do ciclo de vida;*

- *A memória de dois dos três interlocutores tem das escolas no campo citam que estas não ofereciam estrutura e ensino de qualidade.*

- *As lembranças da vida em Minas Gerais são significativas e carregadas de afetos, pode ser devido á um presente que não há espaço para ancorar essas vivências.*

- *As lembranças da vida em Minas Gerais são significativas e carregadas de afetos e muito semelhantes, uma convivência familiar ampla, plantações e modo de vida simples, essas são as vivências coletivas.*

- *É notório que a vida desses homens mudou diretamente do trabalho rural para o trabalho assalariado. Da vida rural para uma sociedade industrial.*

- *O surgimento de uma classe operária facilitou a garantia de melhor ensino e de cidadania na década de 1940, e no campo os direitos sociais eram restritos.*

- *Na vida dos três homens, o trabalho, que norteou a busca pela mudança, mesmo por motivos diferentes, esses trabalhadores consideraram que o trabalho fosse o sentido nas suas vidas, mesmo diante de poucas possibilidades de mudança, e de trabalho, e do próprio medo.*

- *Os relatos evidenciam a dificuldade dos trabalhadores em estudar e trabalhar na época da construção da CSN.*

- *Sobre a inserção do trabalho na CSN, era grande o interesse e os atrativos para a ida dos trabalhadores para a construção a sua, e as exigências para o trabalho eram baixas.*

- *Notável é a força/energia que esses trabalhadores tinham para a realização do trabalho. (sempre falam do trabalho pesado e muitas horas)*

- *Uma das memórias coletivas denota a importância social que tinha em ser trabalhador da CSN.*

- *As histórias ilustram um sentimento de gratidão, de sobrevivência, de ter sobrevivido, e ter tido uma vida digna de trabalho na CSN*

- *Os sentimentos decorrentes das práticas controladoras e das más condições de trabalho, são compensados pelos sentimentos de gratidão, ou pelos sentimentos de superação.*

- A ausência da escola como formadora para vida e para o trabalho parece ter interferência na maneira como os interlocutores experimentaram o trabalho, com despreparo e desamparo.

- Não houve durante o tempo do trabalho muitas possibilidades de manutenção da qualidade de sua saúde mental e capacidade em investir em novos objetos e novos projetos de vida;

- O medo dos acidentes é subjacente durante o trabalho, levando a uma evidente alegria ao aposentar sem acidentes, os riscos que esses trabalhadores vivenciam em suas atividades laborais.

- Quanto à empresa, os sentimentos são na maioria duais, ao mesmo tempo o pertencimento, mas acompanhado de ressentimento, por terem vivenciado momentos difíceis sejam nas relações de trabalho: como discriminação, desvalorização, competição entre colegas de trabalho, ou mesmo o trabalho pesado.

- As memórias coletivas dos trabalhadores se desdobram sobre o universo mais próximo, a família, o trabalho, mesmo o contexto histórico evidencie lutas e movimentos a vida desses trabalhadores ainda estavam muito envolvidas nas lides diárias do trabalho, mas necessidades básicas dos trabalhadores e suas famílias.

- As histórias ilustram um medo dos trabalhadores vivenciarem a velhice sem segurança financeira, talvez como a velhice de seus pais, a maioria dos trabalhadores trouxeram seus familiares para cuidar nesta cidade.

- As atividades exercidas durante o tempo do trabalho são restritas, e estão ligadas com as atividades exercidas após a aposentadoria.

- As memórias de um dos interlocutores tomam um lugar de conexão, pois na época do trabalho suas relações se estendem para atuações além do trabalho, e isso é o que acontece também na velhice, é somente um dos interlocutores que demonstra sentir apoio para grupos além da família, porém é importante lembrar que esse foi o que teve mais apoio, tanto da família, tanto da escola.

- Mesmo um dos interlocutores apresentando maior estratégia para lidar com os desafios biológicos, todos três trabalhadores estão inseridos em instituições buscando apoio social e integração.

- Na realização da coleta de dados, as famílias em muitos momentos queriam justificar a falha de memória dos idosos, em outros momentos desacreditados da importância que se buscava nesses encontros.

Todas essas inferências que se faz a partir das memórias coletivas contribuem diretamente para a construção da identidade. A partir da oportunidade que se tem de conhecer as histórias, e assim as memórias passam a fazer parte da construção das imagens que se faz de Volta Redonda. Pode-se afirmar que esta pesquisa não esgota as possibilidades de interpretação sejam dos fatos concretos ou simbólicos. Assim conhecer estas perspectivas é reconhecer a nossa necessidade, e possibilidade de não só reconstruir, mas de refletir, questionar, e assim refazer as imagens construídas da identidade que se dá nesse devir de encontros e experiências de um grupo, influenciando e sendo influenciado pelo seu contexto.

Neste trabalho realizado a partir das memórias dos idosos de Volta Redonda, é possível notar o que outros estudiosos, como Simone Weil, já mencionaram: a integridade entre passado, presente e futuro é uma das mais importantes necessidades humanas, já que, segundo essa autora, seria vão e perigoso voltar às costas ao passado para só pensar no futuro. (BOSI, 1993).

É considerando a globalidade do desenvolvimento humano que se considera que a trajetória de vida de homem velho permite apreender a constituição e o curso de vida. No envelhecimento, na aposentadoria fica visível o esvaziamento dos papéis. Nesta fase convém destacar que frequentemente o idoso, ao se aposentar, vê rompido um elo de interesse muito importante em sua trajetória de vida: o elo com o trabalho. Isso porque a sociedade atual atribui muita importância ao trabalho.

Importante salientar que os lugares e memória são também construídos de acordo com o interesse e mobilização da população, o que pode inferir que volta Redonda anda esquecido. As memórias s enraizam no concreto.

Avalia-se que esta pesquisa também se justifica pelas observações pontuais de Neri (2004), para quem: “a Psicologia brasileira não apresenta produção volumosa, de longo prazo, contínua e sistemática sobre a velhice, onde a informação científica e profissional ainda deixa a desejar, em parte porque ainda não ensinamos a disciplina sistematicamente na universidade”. Estimular que a memória seja abordada de maneira social nos cursos de formação, e que esta metodologia das memórias sociais seja recurso mais acessível também para os Psicólogos.

Almeja-se contribuir também para reconhecer essa função do idoso de lembrar, de refazer seu passado e nos atualizar de nossa identidade. E que o envelhecimento seja uma fase de vida que nos estimule de curiosidade, de saber como é envelhecer. Como será envelhecer na nossa cidade daqui a alguns anos? Você vai contar como era o envelhecimento nesse tempo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKINDAR, Costa. **Volta Redonda ontem e hoje: Visão histórica e estética.** CD-ROM, 2004.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **(Re)criação do campesinato, identidade e distinção: a luta pela terra e o habitus de classe.** São Paulo: UNESP, 2006.

ASSIS, M. **Promoção da saúde e envelhecimento: avaliação de uma experiência no ambulatório do Núcleo de Atenção ao Idoso da UnATI/UERJ.** 2004. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2004.

ASSIS, M. *et al.* Avaliação do projeto de Promoção da Saúde do Núcleo de Atenção ao Idoso: um estudo exploratório. In: **Comunicação Saúde Educação.** V.13, nº 29, p.367-82, abr./jun. 2009.

BARTLETT, F. C. **Remembering: A study in experimental and social psychology.** Cambridge. Cambridge University Press, 1932.

BEDÊ, W. **Volta Redonda na Era Vargas: (1941 - 1964).** História Social. SMC/PMVR, 148 p. 2004.

BOSI, E. A pesquisa em memória social. In: **Psicologia USP.** São Paulo. p. 277-284, 1993.

_____. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C; PASSERON, J. C. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso**. Lei nº. 10741. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, DF, 1996.

BRASIL. **Pacto pela Vida**. Ministério da Saúde. Brasília: 76 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Brasília. 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 7ª ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, Rosane Marques. **O processo de envelhecimento na visão dos idosos participantes dos grupos de convivência de Volta Redonda: subsídios para confecção de cartilha informativa**. RJ. 2010. 110p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente). Programa de Mestrado Profissional. UniFOA, Volta Redonda/RJ. 2010.

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer) In: TAMOYO, A. *et. al*; **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, p. 21-40, 1997.

CUNHA, Maria das Graças Campolina. Campesinato brasileiro: origens e ressignificações de um modo de vida tradicional In: **II Colóquio Cidade e Região**, 2012.

CZERESNIA, D. O Conceito de Saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: **Cadernos de Saúde Pública**. Promoção de Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003, p 39-53.

DEBERT, G. G. O idoso na mídia. In: **ComCiência**. 2002, Disponível: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/env12.htm>. Acesso em: 14 de Março de 2015.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 2ª Ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FONSECA, M. A. Promoção do desenvolvimento Psicológico no envelhecimento. **Contextos Clínicos**, Porto Portugal, vol. 3, nº 2, p. 124-131, 2010.

FRAGA. T. Volta Redonda é referência em assistência ao idoso. In: **Jornal Diário do Vale**. Volta Redonda, 03 de Outubro. 2014. Disponível em: <<http://www.diariodovale.com.br/noticias/0,95668,Volta-Redonda-e-referencia-em-assistencia-ao-idoso.html>> Acesso em: 11 de Abril de 2015.

GOMES, A. C. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005.

GONÇALVES, D. C.; ALBUQUERQUE, P. B.; INÁCIO, M. Reminiscência enquanto ferramenta de trabalho com idosos: vantagens e limitações In: **Análise Psicológica**, 1 (XXVI): 101-110, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Centauro, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**: Informações Estatísticas da cidade de Volta Redonda. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2013**: Síntese de Indicadores. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 23ª ed.; Petrópolis/RJ: Vozes, p. 9-29, 2004.

MUSEU DO TRABALHISMO. **Fotos históricas de Volta Redonda**. Disponível em: <http://museudotrabalhismo.com.br/#>. Acesso em novembro de 2015.

NÉRI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NÉRI, A.L.; DEBERT, G..G.(Orgs.). **Velhice e sociedade**. São Paulo: Papirus, , p.113-40, 1999.

_____. Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice In: **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo, p 69-80, 2004.

NORA, P. Entre a memória e história: a problemática dos lugares In: **Projeto História**, v 10, 1993.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2 nº 3, p. 3-15, 1989.

PORTARIA Nº 2.528 DE 19 de Outubro de 2006. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-2528.htm>. Acesso em março de 2015.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder In: **Mnemosine**, v. 6, nº. 2, 2010.

SÁ, Celso Pereira de. A memória histórica numa perspectiva psicossocial In: **Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas**. Ano 09, nº 14, 2012.

_____. Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: Uma Perspectiva Psicossocial In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 20, nº 2, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, N. M. W. Memória como narrativas do sensível: entre subjetividade e sensibilidade. In: GRAEBIN, C. M. G.; SANTOS, N. M. W. (Orgs) **Memória Social: questões teóricas e metodológicas**. Canoas: UnilaSalle, 2013.

SARMENTO, Leila Rocha. A função social da escola na educação do campo In: **Revista Lugares de Educação**. Bananeiras/PB, v. 1, nº 2, p. 136-149, jul.-dez. 2011.

VEIGA, Sandra Mayrink; FONSECA, Isaque. **Volta Redonda: entre aço e as armas**. Vozes: Petrópolis: 1990.

TEIXEIRA, M. B. **Empoderamento de idosos em grupos de Promoção da Saúde**. Rio de Janeiro: FioCruz, ENSP, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, 2002.

TEIXEIRA, O. D. N.; NERI, L. A. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida In: **Psicologia USP**, São Paulo, p. 81-94, 2008.

TIEZZI, R. **A usina da Injustiça**: como um só homem está destruindo uma cidade inteira. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

TINOCO, R. Histórias de vida: Um método Qualitativo de Investigação. In: **Psicologia. com. pt.** Portugal, p. 01-09, 2004.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. Raízes históricas do campesinato brasileiro In: **XX Encontro Anual da ANPOCS**. GT 17. Processos Sociais Agrários, Caxambu/MG. 1996.

APÊNDICE A: Roteiro de Entrevista.

Nome, data de nascimento, Local de nascimento.

1º Momento: Solicitar o sujeito que conte sua história de vida.

Após o início da narrativa, os temas seguintes como sugestão:

Fase Progressiva a chegada em Volta Redonda

- 1) Trabalho no contexto familiar (tipo de atividade, interrupções, satisfação, mercado de trabalho na época);
- 2) Estudo
- 3) Relações sociais
- 4) Planos, projetos ou expectativas para o futuro;
- 5) Volta Redonda na época em que chegou na cidade

2º Momento: Aprofundar a inserção no trabalho e a história de vida quando trabalhava na CSN

- 1) Trabalho
 - a) Início do trabalho (tarefas, recrutamento, benefícios, mercado de trabalho na época)
 - b) Durante o trabalho (salário, gratificações, horários)
 - c) Situações e Momentos específicos no trabalho (Privatização e Greve de 88)
 - d) Aposentadoria
- 2) Vida familiar e relações sociais (convivência social, amigos, lazer);
- 3) Compreender como o sujeito compreende a relação desenvolvimento de Volta Redonda e CSN.

3º Momento: Investigar Aposentadoria e reinserção social

- 1) Vida atual do Entrevistado. (atividades e ações)
- 2) Vida familiar e relações sociais (convivência social, amigos, lazer);
- 3) Planos, projetos futuros, ou ainda outros interesses no momento ;
- 4) Volta Redonda na atualidade.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS QUE VIERAM PARA VOLTA REDONDA EM BUSCA DE TRABALHO.

Pesquisador: RAFAELA DA SILVA ALVES

Orientador(a): Orientação: Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira

O sra (sr.) _____ está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade de através de entrevistas semi-dirigidas reconstruir as histórias de vida desde a época de mudança para a cidade de Volta Redonda.

Ao participar deste estudo a sra (sr) _____ tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A entrevista não tem como objetivo evocar memórias e experiências traumáticas, mas no caso de algum incomodo ou desconforto emocional, será ofertado um apoio psicológico ao/a sra (sr) _____.

Todos os dados pessoais coletados neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.

Ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a memória, a experiência e trajetória de vida dos primeiros aposentados do trabalhismo brasileiro, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para a nossa compreensão da história de Volta Redonda pelos seus trabalhadores, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

A sra (sr.) _____ não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, abaixo assinado, autorizo a realização da pesquisa com: _____, e declaro que fui devidamente informado e **esclarecido** pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da mesma. Foi-me garantido que posso retirar meu **consentimento** a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Pesquisador:

Rafaela da Silva Alves
Telefone: (024)3342- 7686
rafaela.1982@ig.com.br

Local e data _____, _____ de _____ de 2015.

Nome: _____

e-mail: _____ **Telefone** _____

Assinatura: _____

V. PARECER DOS MEMBROS DA COMEP-UFRRJ

Bernardino..

Bernardino, acha que exageram quando dizem que ele tem 90 anos, e chegou a Volta Redonda em 1947, e aposentou-se 1988.

Ela sabe mais de mim do que eu. (Ele insiste para que a esposa fique na sala e participe da entrevista, para que ela fale comigo de sua história)

Chegando em Volta Redonda...

Quando eu vim para cá, eu trabalhei aqui, um pouco. A vida é um problema, né? Quando eu vim para cá, cheguei aqui, arrumei um serviço aqui. Na primeira empresa que eu trabalhei, eu fui nela, um colega que foi bem dizer meu pai em Volta Redonda, adotou eu, adotou que só vendo, fazia de tudo para ajudar a gente, né? Rapaz, a primeira empresa que ele falou, faleceu também. Ele falou: Bernardino você está procurando emprego? Você pega qualquer coisa?

-Rapaz, o que eu estou precisando é pegar qualquer coisa mesmo. Como é que eu vou fazer numa cidade dessas, não tenho lugar fixo pra ficar. Sofri muito, né? Mas depois, fui levando, ele arrumou a primeira empresa em que eu fui. Que eu passei, estava escrito assim...

-Ele: a lá Bernardino, olha a placa.

Eu preciso ir, não é querer não. E o rapaz que estava de guarda falou comigo: O que você deseja?

-Eu falei: eu sou... Eu posso trabalhar de servente de pedreiro. Já trabalhei muito e eu precisava muito, mas muito mesmo. Eu vi essa placa aí. Ele falou: não, nós vamos arranjar pra você sim.

Me levou no escritório. Cheguei lá, eu tinha saído do exército e falou comigo assim:

- Você tem documento? Eu tenho aqui, um documento, o que eu tenho é esse aqui. Eu tinha saído do exército de Ouro Preto.

Mas ele falou: - Poxa vida, rapaz, e a carteira de saúde?

- Essa eu não tenho. Mas o senhor que estava me ajudando, disse: - Eu te levo. Tirou retrato, mas aí... foi meu pai, graças a Deus.

Em Minas...

Quando eu saí de casa pra trabalhar fora, o papai falou comigo assim... Eu tava com 17 anos... Dizem eles que estou com 90 anos. Meu pai era muito conselheiro, não conheci minha mãe, quando ela faleceu eu estava só com 10 anos. Ele falou comigo: Filho! Você vai sair pra trabalhar fora, vou te dar um conselho: se você for trabalhar no setor, geralmente você não vai

ganhar igual àqueles que estão lá há mais tempo, não é por aí, faz o serviço direitinho, se mandar fazer um serviço que você não aguenta ou não sabe, ou não pode fazer, você chama ele, fala que não vai poder por isso, por aquilo e tal, que não aguenta o serviço, que ele te ajuda.

Na CSN

E não deu outra, cheguei para ele, ia lá, ele mandava fazer, eu ia, fazia, se o serviço era pesado, eu falava: o senhor pode arrumar alguém pra me ajudar? Eu dava sorte. Ele arrumava. Sofri muito. Não era brincadeira não. Eu dava sorte, mas sofri muito, depois a coisa foi melhorando, melhorando.

(Aqui ele faz um breve comentário sobre a esposa que conheceu em Minas)

Conheci essa menina, nos éramos vizinhos, parentes até longe, meu pai era parente da mãe dela. Num lugar pequeno, né, respeitavam muito e foi assim, graças a Deus.

Volta Redonda

Me dei muito bem, cheguei em Volta Redonda. Volta Redonda foi a mesma coisa do que sair de um lugar assim, vamos dizer, do inferno, com licença da palavra, e ir pro céu, porque não conheci ninguém mesmo, ninguém, eu trabalhava nessa empresa, dormia no albergue. O albergue tinha um alojamento Grande.

Que coisa, né, meu Deus do céu, se você ver as malas da gente, a gente tirava a roupa para poder vestir para trabalhar e tudo, tinha que entregar a mala pro vigia e de manhã pegar de novo. Se hoje estava dormindo uma pessoa aqui perto de você, amanhã era outra, depois outra, perto de você, amanhã no outro dia, já era outro e depois outro. E eles jogavam água mesmo, depois eles roubavam mesmo.

Nossa Senhora, não dá pra ficar não, não dá pra ficar aqui não... Quando cheguei aqui, o que eles me colocaram pra fazer... Não me deram colher de chá não: socar linha de estrada de ferro. Tinha como a gente almoçar e jantar, tirava vale na empresa para fazer essas coisas, e alojamento, tinha uns que eram um quarto grande assim, geralmente eram quatro pessoas, dois dormiam embaixo e dois dormiam em cima, foi indo, foi indo...

Passei por essas coisas todas, mas essas coisas não me desanimaram não, de jeito nenhum, consegui uma melhora de serviço, um lugar para morar melhor... Compreendeu? Foi indo assim, fui levando a vida, mas que a gente sofre quando a gente sai assim, não tem uma pessoa para ajudar a gente, e esse senhor que era como se fosse até meu pai, e depois para minha esposa também, fomos levando essa vida. Os filhos foram chegando. Poxa vida, de vez

em quando ele me perguntava: Você não quer ir embora para Itabira? Não, eu falava, de jeito nenhum, você é bobo. Ganhava lá muito menos do que eu ganhava aqui. Eu aqui acho que relativamente estou bem. Eu namorava uma menina de Ouro Preto na época do exército, conheci uma menina e depois vim pra cá e escrevi para ela, aos cuidados de uma amiga dela.

A amiga dela falou que ia escrever para ela, e ela comentou em escrever pra Bernardino, que ele estava para o Rio, que ele vai lá aonde você está. Ai meu Deus do céu, que beleza que foi!!! (sorriso farto, e gargalhadas) E aí... que maravilha!

Família

Nunca briguei com ninguém, nunca foi preciso roubar nada de ninguém, agora eu to com uma porção de filho, um mora aqui, outro mora ali, graças a Deus. Família é o seguinte, sabe, sempre no caso de filho, eu tinha 5, depois morreu um, depois mais um, 4 homens e duas mulheres. A menina quando estava pequena, ela tava com 3 anos, a gente ganhou um barraco da CSN, era assim, trabalhando ali, e minha esposa trabalhando que só vendo, costurava, arrumava todos os meninos direitinho, botamos na escola particular...Ela estava com 3 anos e, na proporção em que ela foi crescendo, a gente perguntava o que ela queria ser, e ela falou que queria ser médica, e eu falava: você não acha que está pedindo demais não? E ela falava: não, e graças a Deus, trabalhou, fez estudo tudo na escola privada, depois fez o outro curso, e também fez... Um belo dia ela já estava com a idade dela entrar para na faculdade, fui lá e o diretor, o chefe lá falou: estou te esperando aqui. E então eu falei: dá um jeito, vê o que senhor pode fazer pra mim. Todo ano dava a ela uma boneca, ela gostava de boneca. Depois cresceu, estudou, hoje não tem tempo quase para nada, de tanto trabalhar, arrumou um namorado que eu não engulo ele de jeito nenhum, você tem um filho e uma filha, você trabalha com dificuldade para educar eles e vem um sujeito, um cara que não condiz, graças a Deus que agora ela tá separada dele, eu falo para ela: não dou colher de chá a esse cara não, hein. Ela tem um filho. O menino dela fez 9 anos, é inteligente que só vendo.

Quando vim, só tinha estudado até a 3ª série primária, eu cheguei para trabalhar na Companhia, já entrei para a Escola Técnica e fiz curso, um curso aqui, eu agora desaprendi quase tudo. Graças a Deus. É a vida, está valendo, não posso me queixar da vida não. Compreendeu? Tem sempre um filho que não é aquilo que a gente imaginava que podia ser. Ele está aí, mora com a gente aí. Escuta aqui, ele arrumou uma tropa, não, tropa não, uns colegas, final de semana, mas não dava para tolerar isso, mas também não posso jogar o filho fora, não pode, e agora ele tá doente e perdeu a vista. A minha filha arrumou para ele fazer

um curso em São Paulo, foi lá, engatilhou tudo, mas está esperando abrir uma vaga para ir lá, mas é chato, até triste você ver um filho, um parente seu, principalmente filho, que não faz aquilo que você desejava e o que você achava que ele podia fazer. Graças a Deus, nunca deixei faltar nada à maioria deles e aos outros... 5 filhos.

Oh, o mais velho trabalhou e ajudou a educar os mais novos, o segundo trabalhou de biscate, ele falou assim comigo: Pai eu estou trabalhando aí, mas não está dando para nada, tinha muita vontade de ir para uma cidade de Minas Gerais (Santa Rita do Sapucaí), para fazer um curso técnico de Eletrônica, o papa goiaba era ele. E foi, estudou, fez o curso todo, e eu mandando brasa aqui, para pagar a escola lá. A escola não pagava não, era de graça. Mas pegava a pensão e uma série de coisas que eu tinha que trabalhar mesmo aqui, para aguentar lá. Conclusão: ele queria estudar mesmo, não estava de brincadeira não. Ele veio de férias para cá e falou comigo assim: oh, pai, eu quero estudar mesmo, eu quero ser como meus professores lá de Santa Rita do Sapucaí. Foi ele e mais uma série de garotos daqui, colegas dele.

Pai, dá para o senhor me deixar ir? Dá para o senhor aguentar? Eu disse: olha, dizer que eu vou te dar mil maravilhas não, mas se é para você estudar mesmo e você quer estudar mesmo, vai, vai para lá. Os colegas foram, e ele também, e foram muito bem na escola. No fim do curso dele, o reitor da faculdade era um padre e ele ficou devendo um ponto, e ele foi conversar com o Padre. O Padre disse: Ah meu filho eu sei que você quer estudar, seus professores já te elogiaram, mas eu não posso te dar um ponto, pra você ter uma ideia de como é complicado, tem um colega seu, fulano de tal, que também precisa de meio ponto, mas eu não posso dar. Mas de todos que não passaram, só você esta me procurando. O Reitor da faculdade falou comigo assim: Oh, o que eu posso fazer para você o seguinte: daqui a três meses nós vamos à prova de novo, fala com seu pai, vê com seu pai se ele deixa que você fique aqui mais seis meses e você se prepara direitinho. E eu falei pra ele: Olha, isso me pesa muito, mas eu também tenho vontade de que ele estude, e ele vem ficar aí mais seis meses e concorre de novo. Fique sabendo que a minha situação é essa, tenho outra filha na faculdade, tenho filho menor. Ele foi para lá, mandou brasa, no final de seis meses ele passou e telefonou pra mim: Alô, pai, seu filho já é diplomado em faculdade, passei. (emociona-se)

Eu vou deixá-lo ir, falei até para os professores para vigiar, ver se ele quer mesmo estudar, porque se ele não quiser, me faz muita falta em Volta Redonda. Porque ele me ajuda muito trabalhando na empresa, ele já estava trabalhando na Companhia. Eles estavam com

uma máquina aí dentro, colocaram o apelido de Marta Rocha, a Marta Rocha, ex Miss Brasil, conclusão, eu falei: e agora? Mas Deus vai dar um jeito para mim, para ele. Bom, a Companhia, depois de seis meses, foi lá buscar os formados de Volta Redonda e vieram para trabalhar aqui e essa máquina tava dando um prejuízo, ao invés de contratar homens para fazer inspeção, contrataram uma série de mulheres, e aí foi, e ele deu uma sorte, e o chefe falou : você, e você, amigo do meu filho... também já faleceu, era de volta redonda, estudou aqui com a gente e tudo, vocês estão com muita boa vontade, façam o seguinte: vocês vão ficar aqui, mostrou a eles a maquina e tudo, o setor onde iriam trabalhar, essa máquina que está dando um prejuízo para a empresa fora de série, porque essa máquina planeja o aço, compreendeu? Bota ela para poder fazer alguma coisa, chapa, aquelas capas passavam na mão das mulheres para inspecionar, vê o que você pode fazer, vocês saíram de uma escola muito boa, se vocês não puderem fazer nada, não tem importância, mas se você precisa de uma peça e tudo, fala comigo. Até nos Estados Unidos ou na França se tiver, a gente vai buscar. Ele falou: está bem. Ele ficou uns 10 dias estudando aquela máquina e naqueles dias não deu, mas, um belo dia, os dois eram muito amigos, ele falou com o amigo: vamos fazer um teste nessa máquina, e foi fazer o teste, mexeu onde eles achavam que devia mexer por ali afora, chamou o pessoal que trabalhava ali, que estavam nos outros setores e a máquina deu um sinalzinho, louvado seja Deus (emociona-se). Eu falei: Que bom, né? Ele falou com o chefe: Vou fazer um pedido para o senhor, vamos precisar desse teste aí, esse pessoal que tá trabalhando aqui, tá de pé atrás com a gente, achando que nós estamos querendo pegar os lugares deles. Mas não é por aí não, nós queremos fazer a nossa parte e que a Companhia seja feliz com o que nós fazemos. Chama esse pessoal que trabalha nesse setor, que é para acompanhar, vamos fazer uma reunião para ver o que tá acontecendo. Chamaram todos, essa máquina, a partida dela sai daqui. Quem que é o operador dela? Como ele faz para operar a partida? Eu faço assim, assim, assim... E você Eu trabalho nessa manete aqui, jogo para lá, a peça vai para lá, para onde a gente quer, depois, se for preciso, é só trazer de volta, tudo bem, fica no setor onde você trabalha. E ele foi dando sorte, foi dando sorte, depois arrumando a máquina, arrumando a máquina... Quem é que bota máquina para trabalhar? É fulano de tal, você sobe aí na sua cabine, você não vai fazer, vai só me mostrar como você faz para a máquina funcionar. Ah, é aqui, eu ligo esse botão, eu jogo essa manete para cá, você para lá, e se a gente quer uma outra velocidade, a gente joga mais para frente um pouquinho... Deram sorte, menina (chorando). Graças a Deus. Em um instante meu filho foi classificado.

A minha filha estava em São Paulo, foi trabalhar no hospital das Clínicas. Cresceu também, graças a Deus, passou a chefe. Ela foi para os Estados Unidos. Eles foram aos Estados Unidos buscar peça para máquina. Graças a Deus. O meu filho nessa fase, e eu estávamos na ativa. Trabalhávamos em setores diferentes. Eu estava ativo, aposentei em 1980, meu setor era diferente do dele, eu trabalhava aqui e ele foi lá: Oh, pai, onde você trabalha? Resolvemos dar um passeio. Onde o senhor trabalha? Chegou lá a máquina que tinha usado, tava enguiçado também, ele chegou e falou: Mas, oh, pai... É aqui que o Senhor trabalha? Neste lugar quente? Desse jeito? É, meu filho, é aqui que eu ganho dinheiro para estudar você e os outros, e tudo graças a Deus. Mas Deus ajudou e os dois foram crescendo, bem dizer, juntos. Um filho morreu, depois o outro também faleceu, foi uma luta, foi uma luta mesmo, são coisas que a gente não esquece.

Na CSN

Quase toda empresa tem disso sabe, quando vê que você está crescendo, se puder atrapalhar você, eles atrapalham, mas graças a Deus ninguém me atrapalhou não, eles eram meus subordinados. Não o senhor, vai fazer isso, isso e isso, um dia o rapaz que saiu do setor lá que ele trabalha foi tomar água longe, eu falei: Vou mostrar para ele... Oh, rapaz, você faz um negócio desse, você abandona o seu setor de trabalho, tudo parado, depende de você, aí ele tropeçou no pedaço de ferro, há 2 metros da estrada de ferro. E você, não vai fazer nada não? Ué, você tropeça, quase cai lá em baixo e tudo, tira o pedaço de ferro, coloca no cantinho. Eu não, já tropecei mesmo, deixa os outros também. Trabalhou na CSN mais 10 anos e não aprendeu nada, não foi classificado nem nada, compreendeu? Na época dele aposentar, o chefe veio: Oh, Bernardino, esse fulano tá trabalhando com você tem mais de 10 anos e não aprendeu nada, eu queria dar um castigo para ele melhorar no serviço dele, o que você acha? E eu falei: não acho nada, já fiquei muito na mão com ele, você que é o chefe, você que resolve. E eu penso que se depender de mim, ele não tem classificação nenhuma, mas ele deu. Eu bati palmas. Mas Deus sabe o que faz, não é brincadeira não. Bom, o negócio é muito complexo, tem que fazer das tripas coração, tinha mais de 300 homens. O homem vai querer largar o setor dele, deixar máquina parada, a maioria deles eu não levava na chefia, faz o que puder fazer, você vai ter recompensa de tudo, mas aí, Nossa Senhora tomar conta de uma turma daquela, não era brincadeira não. Eles achavam que eu era puxa-saco, eu chamava a atenção no serviço, animava o cara. Cheguei ao ponto de comandar um setor com mais de 200 homens, DSDT ou DDT, pesado. Serviço pesado. Mas era legal,

graças a Deus, tolerei muito as pessoas que eu podia ter pedido punição, mas eu olhava pra frente, assim, não tá fazendo, mas quem sabe mais para frente vai fazer dar um troço na cabeça dele e quem sabe vai melhorar? Muitos deles melhoraram.

Após a aposentadoria

Mas depois que aposentei, encontrei com ele na cidade, tava ele e a esposa, me cumprimentou e eu o cumprimentei também, e a esposa falou comigo: O Senhor que é o Bernardino? O senhor era muito levado lá dentro, não tolerava nada. Imagina, Senhora, mas eu também não estava lá para tolerar não, a minha função era animar as pessoas. Ele já tinha aposentado, aí abriu o bico para ela, quantos anos de serviço e ele não aprendeu a fazer nada porque ele não tinha boa vontade, a gente pedia, tinha que mandar e ele não fazia, pronto tá aí, olha o que deu: aposentou sem ter uma boa classificação e a classificação dele ainda passou por mim, o pedido também. Dentro da Usina era assim: trabalhava num setor, nem era classificados, ou nem era um feitor nem nada, às vezes precisava dele pra poder sair daquele setor que estava pra ajudar um outro lá, e isso para ele era... ruim demais. E quando a gente tinha uma melhorzinha, olhavam para a gente e chamavam de puxa-saco, e achavam que a gente gostava da chefia e não deles. Mas você também não quer fazer nada, como vou gostar de você? Você não quer fazer nada.

(Aqui Bernardino cita uma passagem, que eu não conheço, sobre uma experiência de trabalho em outra empresa. Acredito que seja outro Setor, e retoma ao tempo na CSN.)

Quando eu vim para cá, eu fui para o Rio, trabalhei na Brhama, não tinha do que me queixar naquela época, larguei e fui para lá, estava ganhando aqui, em média, 24, 25 cruzeiros por dia. Eu cheguei na Brahma e mostrei minhas capacidades lá, e o chefe lá era um alemão. Ele chamou: Bernardino, vem cá, você vai fazer isso em tal lugar, assim.

Eu falei: Oh, Mister, eu vou dizer para o senhor a verdade, mas, primeiro eu trabalhei na soca de linha, eu não vim aqui para fazer socar linha, maltratar os outros não, em absoluto, mas o senhor quer que eu vá. Vai que o homem é bom, você vai mandar fazer, ele vai fazer. Que era o meu caso. Mas eu tinha bem a instrução do meu pai, ouça seu superior, ele saberá classificar você, ajudar você, enfim. Aí o talento do papai caía de cheio dentro da cabeça. Aí ele falou comigo assim: fulano de tal, você trabalhou com ele muito tempo naquela máquina elétrica, eu vou colocar ele em outro lugar, melhor para ele. E você vai ficar no lugar dele aí, rapaz. Me deu 47 e três meses depois eu estava ganhando 65. Falei: Graças a Deus, louvado

seja Deus. Estava ganhando 45, foi indo, estudando os meninos, foi subindo, e aí tudo que eu fazia era para a família.

Em Minas

O meu pai, ele trabalhava na roça, ele era roceiro, antes d'eu ir para lá, eu tava com 16 anos, ficei na CSN com 17 anos. Mas o papai ensinava a gente a trabalhar, a capinar na lavoura de café, lavoura de milho, lavoura de arroz, apanhar café, plantar feijão, fritar arroz, depois passei por cima dessa história todinha, graças a Deus. A minha irmã que me criou. Quando eu nasci, ela tava com 10 anos, agora tá com 100 anos, ela mora em Belo Horizonte com a filha dela. Quase que eu fui para lá, mas a minha esposa e os meninos disseram que era perigoso ir e ela falou: eu vou pedir aos meninos para te levarem lá.

Família em Minas

E como foi bom pra mim, como eu conhecia aquela criatura, quando minha mãe morreu eu estava com 2 anos, de 2 a 5 anos, e aí meu pai com mais filhos pequenos também. Então foi ela quem mais nos cuidou, eu tenho amor a ela que só Deus é que sabe. (emociona-se) Agora eu não tenho ajudado ela muito não, estão maiores e aposentados também, os filhos dela, quando ela ficou viúva, ela ficou com 5 filhos menores na roça, na roça ainda, eu tava na CSN, eu falei: Oh, Conceição, vou levar o seu menino para Volta Redonda. E eu trouxe ele para ficar aqui com a gente. Ele trabalhou, depois eu pensei na mãe dele sozinha com aquela meninada lá, a Vale do Rio Doce era tão boa que o marido dela tinha morrido e ela ficou com os meninos. No Natal e Sexta-feira da Paixão, ela ganhou um terreninho e um barraco velho, mas a Vale do Rio Doce mandava no Natal, então, enchia os caminhões e mandava os presentes para entregar em casa, e o marido dela era falecido, não tinha direito a nada. Sabe o que eles faziam? Ela prendia os meninos dentro de casa para não ver os outros meninos ganharem, porque o marido tinha morrido e ela não sabia se iria ganhar. De acordo que o pai tinha falecido, ela achava que não tinha direito.

E ela, embora com o coração muito bom, ela xingava muito. Ela falava: O que esses diabos estão fazendo aqui? Eu não tinha direito, morava num barraco, era solteiro. Ela falava com eles (representantes da empresa): O que esses diabos estão fazendo aqui? Eles passavam nas casas, perguntavam, e chamavam os meninos (emocionado). Ele relata que ela chorou quando eles ganharam os presentes. Aí fui crescendo, fui crescendo, e ele trabalhava no armazém da Vale do Rio Doce e veio para cá. Eu falei: Vou conversar com o presidente da companhia, Mister fulano de tal, para arrumar um serviço para o meu sobrinho, o filho mais

velho, e os amigos: Rapaz, você vai conversar com esse rapaz? Esse pessoal lá da roça tem medo, sabe como é. Eu falei: Ué, mas ele não é homem igual a mim não? Bom, ele pode até não me arrumar nada, mas eu vou falar com ele. Fui lá, falei com ele, ele falou: Vou arrumar um serviço para ele trabalhar no armazém e, graças a Deus, hoje os filhos dela estão todos aposentados. Os que estão vivos estão todos aposentados. Só uma menina, a menina namorava um cara que não gostava de trabalhar. Eu trouxe ela para cá. Ela ficou comigo aqui uns 8 meses mais ou menos. Eu já tinha saído, estava na CSN. A menina, na época, deu uma briga com a minha irmã, ele pegou no pescoço dela, o genro, mas tinha o menino que era mais novo um pouquinho, tinha um revólver, largou brasa para cima dele, quase matou o cara, uma confusão danada. Eu falei que ele fez muito bem, se fosse minha mãe e até dentro da igreja, eu faria o mesmo. Acabou desistindo do casamento, namorou outro, que morreu, mas morreu normal assim. Aquele merecia isso mesmo. Chefe falou: desmancha esse barraco e bota lá no seu terreno. Modéstia à parte, graças a Deus. Eu passei muitas coisas que eu não gostaria de ter passado, mas Deus estava presente e me deu cobertura. Ela casou, essa minha sobrinha, teve os filhos dela, comprou um terreno, construiu uma casa maior, está vivendo a vida dela. Essa minha irmã eu tenho ela como mãe, e foi mãe mesmo. Eu passei cada uma, que só Deus é que sabe. Eu estava com saudades dela, mas o povo aqui em casa, vou te falar, às vezes eu quero ir lá na minha terra, mas não me deixam ir... (Itabira – MG)

Mas também nem é bom eu ir mesmo, muitas daquelas meninas que foram minhas namoradas, quero vê-las, mas não deixaram eu ir não... considerando minha idade... Eu acho que estão exagerando, mas não estão não, 90 anos, mas é isso mesmo. Eu sofri muito, trabalhei muito, graças a Deus.

Hoje eu sou diabético, eu acho que eu posso ir a qualquer lugar, mas eles ficam com medo. Mas não vou, para não deixá-los preocupados. Meus filhos, meus netos, meus sobrinhos, filhos dela... Ela falou no aniversário de 100 anos, ela disse: Cada um manda R\$ 100,00 para mim, para fazer uma festa, um almoço, o Bernardo e os filhos deles. Sorrindo muito ele conta. Graças a Deus. Eu falei: não vou não, não dá para ir, não dá para ficar viajando e deixar os filhos e a minha esposa. Eu ia para lá sábado, mas não deixaram, eles falam que lá mudou e ninguém sabe ou me conhece. Eu sempre ando com o telefone, endereço de onde eu moro, porque aí já sabe onde procurar, né?

(Neste momento ele fala sobre as visitas à Minas durante o período em que trabalhou na CSN)

Durante o trabalho na CSN, eu não ia visitar minha família, de vez em quando mandava um presentinho, mas não ia sempre. Para retribuir o que ela fez por mim .

De Itabira até a minha casa, a gente fazia aquele trecho, eu trabalhava dia de sábado, tinha um baile a gente parava nos bailes. Minha esposa nunca dançou...

Lá na roça, ela era jovem, aqueles casamentos que tinha ela ia, ela brincava de roda com as crianças. Estou contando minha vida todinha...

A esposa participa da entrevista por um tempo, inclusive por solicitação dele, e o assunto desvia para as suas dificuldades atuais. Vira uma conversa. Mas ele fala da satisfação da entrevista, sente como se estivesse tomando meu tempo. Eu agradeço por ele poder compartilhar sua história, e aproveito para saber datas.

A esposa fala com admiração, mas só reforça toda a história, não achei válido incluir. O que acha?

Abraçando a esposa ele retoma...

Mas essa bichinha aqui, graças a Deus, vou te falar, eu tinha um primo que gostava muito dela, gostava por gostar mesmo, nada de namoro não. Ele falou comigo: Bernardo, se casar com ela, cuida dela direito, não bata nela nem com uma flor. Casamos ela tinha 21 e eu 26 anos.

Na época que eu morei na Rua 15, era chave, eu atravessava a rua, eu estava na Usina. Ela levava comida na porta para mim.

(Quanto à greve de 1988, ele relata...)

Na época a gente morava no Bela Vista, já estava aposentado (1980), e o nosso filho estava na usina, tivemos que mandar um colchãozinho para ele dormir, porque ele não podia sair. Estávamos na rua e foi uma dificuldade para chegar em casa. Tínhamos ido socorrer a nora.

Na época da greve, o presidente era Macedo Soares, engraçado, às vezes vamos acompanhar os outros sem saber, ele era presidente.

Depois foram chegando esses outros presidentes, Oto Reis Fernandes obrigarem ele a dar uma coisa que não podia dar.

Aqui a esposa interfere e os dois ressaltam a festa do trabalhador, os presentes de Natal. Eram presentes bons. A CSN era uma mãe. Eu trabalhava num setor que tinha que ter alguém para me substituir, e se o cara não chegasse eu tinha que dobrar, era serão. Isso me

ajudou muito quando meu filho estava lá em Santa Rita do Sapucaí (estudando). Ajudou muito, mas trabalhei muito.

Uma longa pausa...

A gente passa cada uma... Graças a Deus.

Nesse momento eu pergunto: O dia que o Senhor trabalhou mais tempo?

Ele para, pensa e relata que, mesmo preso, a Usina nunca deixou a gente sem refeição. Nós tínhamos refeitório. Macedo Soares era muito bom. Às vezes a gente estava lá trabalhando, a máquina aqui, a gente lá na frente, na hora da ...

Antônio

Em Minas

Nasci na roça, é uma boa experiência da roça, e sempre pensava em vencer na vida, trabalhando ali, quando não tinha condições de entender as coisas como deveria ser, ficava pro meu pai resolver, quando ele mandava, minha mãe mandava, quando eles resolviam os problemas, e eu vivia ali sobre aqueles problemas, eu dependendo deles em todos os sentidos. Cheguei num ponto em que eu não concordava mais com o trabalho deles, do jeito que o pai fazia, muitas coisas poderiam ser solucionadas de uma maneira fácil, ele punha uma dificuldade tremenda. Terreno nosso, nós não trabalhávamos para ninguém, mas havia coisas que a gente queria adquirir na roça e não adquiria, e a gente ali seguindo aquilo. Quando eu apanhei a idade de 14 anos, eu fiz uma proposta pro meu pai, aí eu já estava entendendo as coisas. Eu falei pra ele, ele tinha uma lavoura de café e tudo, plantava lá arroz, feijão, essas coisas todas, criações, e eu gostava muito de criações, era gado, era cavalo, burro, e eu entendi até de criação de burro, como se cria burro, você já teve essa experiência?

E você sabe como consegue possuir o burro? E com o jumento e a égua. O jumento com jumento é jumento, jumento com égua é burro e besta, feminino de burro, e a besta tem a mesma capacidade do burro, mesma força, mesma resistência, é, é fêmea, não cria. Nossa eu gostava disso, eu gostava de porco e vou te falar, se a pessoa souber encarar e valorizar os produtos da roça, os compradores, tudo o que você produz, eu considero uma riqueza, fruta, tudo que você quiser, inclusive que no nosso sítio tinha fruta que eu nunca vi em lugar nenhum, jaboticaba branca, dá, mas tu precisa ver, docinha, ela é verdinha, quando ela está madura, ela fica brilhosa e dava até na raiz. Criava galinha, criava porco, tudo isso a gente tinha lá. Gostando de tudo aquilo, eu, quando completei meus 16 anos, eu propus para meu

pai trabalhar por minha conta e dividir o que eu fazia com ele, aí foi indo, eu não estava satisfeito com aquilo, eu trabalhava o ano todo, no final do ano que eu ia vender aquilo, na época todo mundo tinha, os compradores queriam pagar muito barato e eu não queria, todo mundo vendendo barato aquilo, quase dando de graça aquele trabalho que eu tinha do ano todo, não dá pra ficar na roça não.

E aí eu pedi a meu pai a lavoura de café pra eu cuidar do café, dividir o café, aí a coisa ia mudar, ele falou: eu dou a lavoura do café para você trabalhar, mas tem que ser pra você e o Almir, seu irmão, só que o Almir nunca quis nada com o serviço. Eu falei com ele: eu pensei bem, eu vou trabalhar para os outros nada. Porque toda a vida eu tive vontade de vencer, trabalhar mesmo, meu irmão nunca gostou de trabalhar, até hoje, nunca gostou, aí falei: meu negócio é sair da roça, eu preciso sair, porque aqui não dá resultado não.

Eu estava com 17 anos quando mudei de ideia: se o senhor me der eu fico aqui, mas pegar com o Almir eu não quero não. "Ah, mas não posso". Falei: eu me viro então, aí comecei a vender minhas coisas, fui resolvendo, até vender tudo o que eu tinha, e fiquei preparado para sair da roça, o dia que eu sai, que ele viu que eu vinha, que ia sair mesmo, e foi muita coragem viu, a cidade maior que eu conhecia era Caratinga-MG, que era mais próxima da nossa cidade, eu vim de Inhapim, viajei, chegou no dia d'eu vir embora, ele me acompanhou e disse: resolvi te dar a lavoura de café. Eu falei: agora mudei de ideia, agora estou com outras ideias e não quero lavoura de café mais não. "Ah puxa vida!"

Chegando a Volta Redonda

Aí cheguei, meu negócio era ir para o Rio de Janeiro, mas aí cheguei em Barra do Pirai, tinha uma Companhia lá, a Companhia Americana. Um colega meu foi junto, nos conhecemos no trem, né? Ele falou: eu quero ir também, eu vou ver como vai ser. Tinha vaga para tudo, mas eu estava só com o registro de nascimento, e eles falando que precisa ter tudo, ter título de eleitor, carteira profissional, tudo isso você precisa ter pra fichar, sem isso você não ficha mesmo.

E sabe como foi que eu consegui o registro? Eu saí da roça e quando eu vim para a roça, eu conversei com uns políticos lá, eu tinha 17 anos, eu não era registrado, meu pai não tinha registrado filho nenhum, eles falaram: nós arrumamos seu registro, mas você tem que votar no nosso candidato, eu falei: pode arrumar que eu voto. Aí vim com o registro só, cheguei a Barra do Pirai precisava da Carteira profissional do certificado de reservista e vaga tinha, eu pensei: o que eu vou fazer? Procurei daqui e dali, me falaram: o Tenente Seixas, ele

ajeita para essas pessoas servir. Cheguei lá, ele perguntou pra mim: você quer servir? E perguntou para mim de onde eu vinha, eu falei: da Zona da mata. Fui dispensado. E você veio para quê? Eu falei: eu quero servir, quero meus documentos. Ele falou: vou arrumar tudo para você ir para Resende, você não vai pagar passagem, você não vai pagar nada, peguei os documentos e fui para Resende, é muita coragem a pessoa sair da roça. Cheguei lá em Resende, me apresentei para o diretor, o chefe lá, ele mostrou o lugar para a gente ficar, o alojamento, tudo, falou: você pode ficar... Nós vamos ajeitar tudo pra você.

Conheci Resende, primeiro conheci foi barra do Piraí, depois Resende. Arrumou tudo direitinho pra gente lá, compreendeu? Alojamento, comida, você fica com bastante cuidado porque, se você bobear, eles vão roubar seu dinheiro e roubar tudo que você tiver aí. Sabe como é que eu fazia? Eu ia dormir com dinheiro dentro do calçado, eu dormia calçado, ué, eu colocava sapato em cima daquele dinheiro, punha dentro da meia e calçava o sapato em cima, meu dinheirinho do ano, né? Das coisas que eu tinha vendido. Eu trabalhei um ano, fiquei lá o tempo todo, quando chegou um determinado tempo que já estava bom, ele chegou perto de mim e perguntou: você quer servir ou você tá trabalhando na indústria? Eu falei: quero uma indústria, e me deu o Certificado de Reservista, peguei o certificado. Perguntei ao Tenente como ia fazer para ir embora, "pra passagem eu não tenho", e aí ele falou: vou te dar tudo, e me deu passagem, me deu tudo, aí cheguei a Barra do Piraí.

O primeiro trabalho

Aí cheguei a Barra do Piraí. Não tinha carteira profissional, não tinha nada, e lá eu mandei fazer a carteira profissional, fiquei com o ajudante de mecânica, sem nunca ter visto uma chave, eu tava com 18 anos. Resultado: fui à empresa, fiquei como ajudante de mecânica, aí peguei e falei com o chefe lá que eu não conhecia nenhuma chave de fenda e ele perguntou: você quer ser mecânico? Eu falei: eu quero. Ele foi lá e me explicou tudo quanto era ferramenta, explicou o que era, pra que servia e me disse: vou te deixar aqui no quarto de ferramentas, na ferramentaria. Aí escrevi um papelzinho com o nome de cada ferramenta, de repente, decorei aquilo tudo. Não deixava passar de jeito nenhum, e aí passaram a acreditar em mim, quando pedia uma ferramenta. Se pedisse uma chave de fenda, vinha 10, se pedisse uma chave inglesa, vinha 5, tudo chave inglesa mesmo, não é essa porcaria que a gente vê por aí não. Aí, poxa, eu fui trabalhando, trabalhando. Falei: agora não quero ficar só em ferramenta não, quero trabalhar como ajudante, fiquei como ajudante de mecânica, e só tinha ficado na ferramenta. Ele falou: você vai trabalhar como ajudante, quando eu fiz um ano nessa

empresa me classificaram como os outros, já era mecânico armador, já sabia como esquentar rebite, já sabia quando estava no ponto de travado arrumar um ajudante pra mim, e a armação naquele tempo não era parafuso, era rebite. Aí, num determinado tempo, eu falei com o gerente: olha, eu quero trabalhar em armação. Ele perguntou: você tem coragem de subir? Então amanhã você vai aprender. O americano dá importância ao trabalhador, valoriza o trabalhador, o brasileiro não quer nem saber disso não.

Na CSN

Quando eu vim pra Siderúrgica, eu senti a diferença. Me classificaram como mecânico... Eu fui trabalhar lá, lá em cima dos barracos, na armação, na estrutura. Aprendi a trabalhar naquilo rapidinho também, travar, essa coisa toda, comecei a mandar brasa naquilo lá tudo, subindo na altura, americano dá muito valor na coragem que o cara tem, e ele falou: a partir de hoje você está ganhando igual aos outros. O chefe gostava demais de mim, quando ele ia almoçar: eu ia junto com ele e a turma ficava com uma inveja, aos domingos ele me levava lá pra casa dele. Poxa, tudo isso eu tenho que dar graças a Deus. Almoçava com ele aos domingos e durante a semana íamos no restaurante da Companhia, a gente ia junto: eu era colega dele, não tinha esse negócio de um pensar que era mais que o outro não, e aí a gente terminava de almoçar no restaurante, ficava no meio daquela turma, até nos Jardins, lá em Pirai, aquelas bombas fomos nós que montamos, Light, fontes, a gente sentava ali ficava batendo papo, ele me dava dinheiro pra comprar refrigerante, e a gente tomando ali, tinha gente com uma inveja danada.

Aí a firma ia mudar pra São Paulo, o Luiz, meu chefe, chegou perto de mim e perguntou: você quer ir pra São Paulo ou não? Eu falei: vou não, quero ver se arranjo na Siderúrgica. Saí de lá, aí me deram demissão lá, vim pra Companhia, fiquei como ajudante, depois não gostei daquilo, pedi transferência para a oficina de máquinas pesadas, motor, essa coisa toda, peguei entrei na oficina, aí ó, mandei brasa com a turma lá. A princípio eu vi que eles não valorizavam muito os mecânicos, eu to ali, chegou ao ponto que eu não queria mais, queria pedir minhas contas, mas só por que eu queria? Eu já tinha preparado, já estava pra comprar três caminhões pra colocar na empreiteira. Eu estava novo, nessa época não tinha casado, morava no alojamento.

Aqui, o interlocutor se confunde no tempo, e retorna ao tempo anterior à sua contratação na CSN...

Uma coisa que eu fiz na época e que hoje eu não faria, a Companhia deu um alojamento especial para os profissionais ali na rua: 33, atrás do cineminha. Mas daí você sabe o que aconteceu? Quando eu saí de lá da Companhia, eu fiz colega lá e falei que estava indo pra Volta Redonda, e vim mesmo. Quando eu penso que não, um colega meu também tirou conta lá e veio pra cá, e muito amigo: mas o negócio aqui não tá muito bom não, o dinheiro está acabando, já fiz os exames lá, tudo certo, mas não chamaram ainda. Eu tinha até morado no hotel em Barra Mansa, mas diminuiu o dinheiro E eu vim para uma pensão na rua: Sessenta, mais baratinha, e eu falei com ele: enquanto a gente tiver dinheiro, a gente vai almoçar e, jantando lá, esse amigo que sempre fez bobagem, não pensava pra fazer, aí o dinheiro acabando, acabando... Eu falei: eu vou sair do hotel, não posso pagar o hotel. E ele tava no hotel, também eu paguei pra ele e pra mim, falei: vamos sair que tá feio, vai acabar! Você já pensou que situação? Mas chegamos lá, lá em Barra eu não pensava pra fazer não, ele gastava dinheiro à toa. O que nós vamos fazer? Dormir na rua nós não vamos não, de jeito nenhum que nós vamos dormir na rua. Fomos lá pra perto do alojamento, o alojamento ali e o pessoal entrando e saindo do alojamento pra trabalhar e coisa e tal, aí eu falei: vamos dar uma olhada pra ver se tem vaga. Olhei lá, tinha duas vagas, sem ninguém, só tinha cama e a gente com aquela roupa de cama da onde a gente tava, vamos olhar os vigias tomando conta, vamos olhar, na hora em que o vigia sair do horário de troca, nós vamos pegar esse negócio aí. Quando o vigia bobeou lá e foi lá na cantina, virou as costas pra tomar um café na mesma hora. Entramos, ele nem viu, sentamos na cama, ficamos batendo papo, é muita coragem, não é? Ficamos lá batendo papo, nessa altura trocaram de vigia, acabou que o primeiro não chegou a ver a gente e o segundo já tá vendo, e a gente já esta morando aqui. Você acredita? Ficamos lá tranquilos, saímos durante o dia pra passear, eu voltava à tardinha. Ia ao cinema, mas, tranquilo, sem medo de tirar a gente de lá, até chegar um dia que eu fui chamado pra fichar. E aí, pronto... já ia ficar aqui mesmo e ele fez exame também, passou, aí a gente foi trabalhar no mesmo departamento, trabalhando juntos lá dentro.

Trabalhamos juntos e morávamos juntos. Naquela época fizemos o que tinha que ser feito, senão ia ficar na rua. Aí eu não tava mais satisfeito na montagem mais não, foi quando eu pedi transferência para as máquinas pesadas, oficina, eu tava onde eu queria e eu fazendo tudo aquilo que eu achava que tinha que fazer, e a chefia ... Quando eu aprendia uma coisa, eu fazia melhor do que o cara me ensinou, eu procurava fazer tudo direitinho, regulagem... Tem

coisas que eu criei na Companhia que ninguém fazia, e eu fazia, nem Engenheiro não sabia fazer aquilo.

E aí, poxa, fui trabalhando, lutando, e pensando... Quer dizer, eu gastei muito dinheiro à toa no início, em Barra e aqui também. Eu saí do alojamento da Companhia, vim cá pra fora direitinho, arrumei um quarto, comecei a fazer serão, ganhar dinheiro, aí depois eu comecei a pensar: não posso fazer isso. Comecei a ganhar mais dinheiro, trabalhando mais seguro. Aí passei a trabalhar lá dentro e comecei a entender muito troço lá. Eu trabalhava lá dentro e trabalhava aqui fora, comprei uma Kombi, deu certo, comprei mais uma e a freguesia começou a aumentar demais, comprei mais uma, eu trabalhando com uma e os outros dois amigos trabalhando com as outras duas. Companheiro de trabalho, conhecidos meus. O que eu ganhava aqui fora dava até três salários meus lá dentro, levava professores para Valença, alunos, todo dia eu saía de lá da Companhia e ia direto pra trabalhar, a princípio eu pegava motor pra poder fazer aqui fora, desmontava, montava. E aí eu pensei que não estava ganhando bem não, queria trabalhar com outras coisas.

Foi aí que eu saí para a corretagem, aí é que o dinheiro rolou, saí para a revenda de automóveis. Eu comprava automóvel fazia, um check-up neles e vendia 100%, bom, eu vendia para a casa de automóveis, ganhava 10%, comprava o carro, reformava, eu ganhava mais de 10% de lucro. Aí eu comecei a ganhar mais dinheiro e, eu trabalhando com as vendas de terrenos, casas, essas coisas, eu combinei nas casas de construção quanto eles me davam para levar clientes, eles compravam o lote e eu levava na casa de material de construção. Eu levava o cara pra ver o lote, não podia fazer uma casa, né? Aí eu perguntava: gostou? "Gostei". Ele comprava: Vou fazer o seguinte, você quer que eu te leve numa casa pra você comprar material? Para você sair do aluguel? E levava, ele comprava, e todo mês eu perguntava se estava pagando a prestação. Ah, tá, certo eu queria saber por que, se esses cara quisessem me enrolar, eu já sabia, né, e ganhava os 10%.

Após a aposentadoria

E quando eu juntava esse dinheiro dava mais de dez salários, mas eu pensava: vou aguentar a mão lá (CSN), lá eu tenho minha aposentadoria. Mais tarde, eu até pensei em sair, mas, se eu saísse, não ia receber indenização. Aí eu falei: eu vou enrolando aqui... Aí quando chegou a época d'eu sair, eu saí na especial porque eu comecei a pagar com 18 anos INSS e ainda sobraram dois anos que eu não precisei. Saí na especial, pronto!

O tempo foi passando... É o que eu digo, quando eu comecei foi quando eu comecei a valorizar o que eu ganhava, não gastando à toa e sabendo como esclarecer para as pessoas o que elas devem ter o conhecimento.

Como o marido de uma amiga, ele que pintou aquela grade, eu dou esse serviço pra ele, mas falo com ele que essas firmas não valem nada, só está roubando o trabalhador, procure trabalhar com coisas como essas, trabalhar por sua conta mesmo e não esquece não de pagar o INSS, e aí sim você vai longe. Quando eu saí da Siderúrgica, eu tinha meus direitos que a firma sempre enrola até o fundo de garantia, ganhei de tudo, caderneta de poupança o Collor fez aquela bagunça, ganhei também, eu coloquei tudo na justiça e ganhei. O cara não vale nada, mas o meu eu ganhei, na época ele colocava os descamisados pra fazer a propaganda dele, depois ele liberou-os, mas eu não e eu coloquei na justiça, só tenho um agora que é o resto pra receber e já me disseram que eu ganhei, mas estou esperando o juiz liberar, mas já ganhei essa última. Não tem mais processo nenhum, aposentei com 50 anos e 30 anos de trabalho, esses dois anos que não foram precisos, sobraram. Eu entrei lá em 1952, em abril de 52 que eu entrei na Siderúrgica e saí em outubro de 1982, pensei: eu não posso parar.

Terminei de fazer o que eu tinha que fazer aqui nessa casa. Comprei de um cara na época, duas casas, mas tive que esperar o dinheiro de aplicação e ele falou que em cinco dias estaria liberado, aí conversei com um cara e comprei. Fiz um contrato com ele que, se dentro desses 5 dias se eu resolver não comprar e se você também não quiser, eu te pago e você me paga tanto. Dito e feito, ele vendeu e veio falar comigo, só que eu já tinha falado, tinha pedido o dinheiro, procurei um advogado, já estava com documento na mão, quer dizer, o que ele ganhou a mais na venda, ele passou pra mim.

Na época eu já trabalhava em corretagem, já trabalhava em excursões. E aí que eu ampliei mais a coisa, fiz corretagem em Muriqui também e lá é que eu ia ganhar dinheiro porque o negócio vinha tudo na minha mão, eu ia saber primeiro que todo mundo os valores. Minha esposa não quis morar lá, eu teria de morar lá. O dinheiro que eu recebi de doenças profissionais, eu construí a casa toda, casa boa, tem uma varanda boa, de tarde assim, essa casa tá alugada. E de lá, você vê o mar, os navios, o ar purinho. Mas ela não quis ir.

Eu conheci Muriqui quando eu fazia excursão, eu levava o pessoal para a praia lá, mas eu tinha tempo sábado e domingo, aí depois que aposentei eu tinha tempo integral. Até

Curitiba eu fui dirigindo, Porto Alegre, Brasília, fui conhecendo tudo quanto era praia também.

Conceição da Barra é outro lugar muito bom, é aquela jogada, né, mas aí ela não quis ir para Muriqui. Estava com 10 anos de serviço quando eu casei, aí aqui fora chegou a esse ponto aqui que eu parei, né? Parei mesmo. Tem uns 3 mais ou menos que eu parei, por conta da Saúde, foi antes um pouquinho de entrar na Associação, eu estou com 84. Mas eu ia ganhar dinheiro se eu tivesse aceitado ir pra lá, eu já tava fechado lá na firma, na concessionária, e eles acreditaram em mim.

É muita gente que queria alugar a casa, antes pra eu ficar uns dias na casa, eu tinha que marcar um final de semana pra ficar na casa porque era muita gente que queria alugar, agora que está mais devagar que aluguei pra anual. Tem princípio e tem fim.

Minas e a família no tempo de trabalho

Quando perguntado se ele ia a Minas durante esse tempo de trabalho, ele falou que ele ia sempre pra passear, todo ano, trouxe os seus irmãos todos pra cá. Só um que não veio, começou a fazer coisas erradas lá, e duas irmãs, uma estava em Valadares e a outra em Caratinga, que é entre Dom Cavati e Valadares, não trouxe, já tinha casado. Trouxe meu pai, trouxe minha mãe.

A construção do sonho de vir para Volta Redonda

Quando tava em Minas eu já tinha ouvido falar da CSN e ficava sabendo pelo jornal. Vagamente. Eu tomei a decisão, mas eu não vinha prá cá não, meu destino era ir pro Rio. E aí cheguei em Barra do Piraí, tinha aquela companhia lá fichando. Sem experiência nenhuma também a gente sofre. Vou te falar, ficar em alojamento... Arrumei meus amigos, infelizmente nunca mais os vi depois que eu saí de Barra do Piraí. Agora, aqui em Volta Redonda, eu tenho amigo assim, né, não é de confiança não, alguns até que é de confiança, tem um que de vez em quando vem aqui, foi meu ajudante na Siderúrgica, arrumei vaga pra ele estudar, ele fez o curso técnico, mas assim, sem experiência, ficou enrolado, mas ele é um cara legal. De vez em quando ele vem aqui. Na época em que cheguei aqui era mais difícil. A coisa mudou depois de aposentado. Aquele aperto que eu tinha, aquele movimento que não era brincadeira, eu passei a trabalhar mais tranquilo. Não parei, continuei no meu serviço direitinho.

Bens

Quando saiu aquela propaganda política do Collor, dos descamisados, eu falei: eu não estou confiando nesse cara, de jeito nenhum. Me apareceu um apartamento lá em cima,

esqueci onde meu amigo mora. Na época era 100 milhões de Cruzeiro, e eu tinha o dinheiro. Eu falei: vou comprar, mas eu fui lá e por menos ele não fez, e eu não teria o dinheiro para fazer os documentos. Aí comprei um apartamento no outro bairro. Quando ele foi eleito, a primeira coisa que ele fez foi meter a mão no dinheiro. E eu comprei o apartamento por causa disso. Eu ia comprar esse outro, de 60 milhões de Cruzeiros, já comprei alugado. Eu já tinha casa no Retiro, alugada também. Não pensei em comprar mais porque não é só receber, precisa reforma e não fica barato não. Porque senão fico enrolado, trabalhando de novo. E eu não estou mais para esses negócios. Às vezes, eu ensino esses meninos aí, e falo sobre preparar para a aposentadoria. Vejo esses caras passando com carrinho de picolé, com 60 anos, trabalhando. Na roça eu já pensava: eu não vou nunca me casar se eu não tiver casa. Lá na roça. Lá eu não pensava em casamento, aqui também demorei a pensar. Quando eu tava com 23 anos que eu comecei a pensar. Hoje eu não penso muito em investimento não, faço de manhã pra ver o resultado da tarde. Hoje em dia eu faço de manhã para ver o resultado à tarde. Eu estou no fim, eu tenho que analisar, se eu for construir hoje, no dia de hoje eu não vou desfrutar. A vida em Minas era muito mais difícil e não tinha valor.

Estudar na roça...

Era à noite que a gente estudava, e não era qualquer um que estudava também não. A gente tinha que levar lamparina, e não era muita gente. Era muito longe, a gente ia à pé. A gente nunca foi em colégio quando a gente era criança. Era companheiro nosso lá da roça. Aí eu aprendi tudo que aquele professor já sabia. E aí eu ia pra outro, que sabia um pouco mais. Aí quando eu cheguei aqui em Volta Redonda, eu fui pra escola profissional. Só que eu comecei o serão, atrapalhou muito, muito trabalho, eu comecei a falhar lá, na Escola Técnica.

Quando eu entrei na escola, eu aprendi português, coisa que eu não tinha aprendido lá. Me valeu muito. Quando eu fiz o teste, eu falei que queria estudar na escola. E estudei mesmo. Tudo que eu queria lá dentro eu adquiri. Atrapalhava o estudo da gente, quando a gente devia estar estudando, a gente era escalado pra trabalhar. Era escalado pra serviço à noite, para dobrar. E a gente sempre depara com pessoas incapacitadas com medo da gente passar na frente deles. Uma ignorância tremenda.

Eu comecei de ajudante, mecânico, depois passei para supervisor e fui trabalhar junto com a chefia, e antes, esses que gostavam de discriminar a gente. Diziam que a gente não era o que eles pensavam. A gente fazia mais que eles. E eu nunca dei colher de chá, mesmo antes de passar pra supervisor, eu tava montando uma máquina, eu fazia pergunta, ele não sabia, eu

explicava e eu não aceitava, e falava o porquê, eu não aceitava aquela ideia. E aí me seguravam não me classificavam. Eu fui pra supervisão à força. Eu fui lá ao escritório e falei: ou as minhas contas ou o senhor me classifica? Era discriminação.

Eu trabalhei na Companhia Americana, ela valoriza, eles querem que o cara aprenda, lá (CSN) eles seguram o cara pra não aprender, aquele cara capacitado que estão lá tem medo dos que entram cedo. Senti essa diferença. Era o mesmo trabalho. Metalurgia. Depois que eu mudei para mecânico de máquinas. Eu achava melhor.

Lá eu comecei com mecânica de estrutura, é mais perigoso, e de máquinas, que era um serviço que dava mais dinheiro. Eu não tinha conhecimento de nada. Eu morava na roça, plantava café. Eu nem imaginava o que eu ia fazer, eu sabia que existia. O vagão da CSN passava lá. E passava lá, eu pensava que um dia eu ia trabalhar nessa empresa.

Quando deu um certo tempo, me escolheram para atender em São Paulo. Fui eu e o outro cara. Se fosse hoje, eu ia saber que isso era valorizar. Mas naquele tempo eu nem sabia o que era isso. Eles pagavam a viagem e a gente gastava o dinheiro todo. Tinha um estrangeiro que ia com a gente, gastava, jogava, e eu ia junto.

Gastava à toa. A gente gastava o dinheiro todo. Ia ao escritório pegava mais dinheiro, mas depois descontavam no pagamento da gente, ué. Aí eu ficava sem pagamento aqui. E eu não queria mais ir pra São Paulo. Ficava sem pagamento. Mas lá eu ia para o jogo, corrida de cavalo. E o chefe ia com a gente e fazia a mesma coisa que a gente tava fazendo. O chefe, o chefão mesmo. Na época a gente não valorizava isso não, eles escolhiam porque tinham confiança no serviço, mas a gente achava que só estava dando serviço. E nem era muita coisa, era só olhar as máquinas.

Eu jogava, inclusive eu ganhei no jogo o dinheiro pra comprar uma casa à vista. Começou a parecer carro de tudo quanto era lado, eu entrava no carro dava umas voltas, apareceram terrenos, eu não sei, só sei que eu acabei com o dinheiro, evaporou. Jogava loteria e roleta. Meu colega me chamou, me ensinou, teve um dia que ganhei 10 mil no jogo da roleta. Pensei: não vou fazer serão nunca mais, bati lá no outro dia, perdi os 10 mil e mais 5 mil.

O casamento

E aí a minha esposa me conquistou, teve umas outras aí antes que tentaram me conquistar. Casei com 28 anos. Mas eu não pensava em me casar não. Enquanto eu não tivesse uma casa, um carro do ano. Solteiro eu não ia conquistar isso tudo. Mas depois que eu

casei, tomou a frente das outras. Todas me querendo, né? Eu já vim lá de Minas com aquele dom. A primeira que queria casar comigo, já faleceu. Ela casou, separou do marido. E aqui no colégio apareceu uma outra, estudava comigo. Aí a minha esposa tomou a frente das outras, qualidades ela tinha mais que as outras. Aí casei. Ela casou nova, tinha 21 anos.

Família...

Éramos dez, cinco irmãos e cinco irmãs, a primeira que morreu foi a mais nova, depois o mais velho. Depois mais um, e mais uma. E aí ficaram os homens, os quatro. O meu irmão que mora em Barra Mansa que sabe dizer sobre a diferença que fez eu ter vindo para Volta Redonda. Enquanto eu estava lá, estava todo mundo sossegado na roça, quando eu saí, dizem que virou tudo, você vê... Eu fiquei aqui, passou um ano e eu voltei lá, de férias, já tinha saído da roça, estavam todos na cidade. Meu pai sem profissão, criado na roça, um outro irmão também, e só um que estava na escola. Aí trouxe um primeiro, que nunca quis nada, depois fui lá, vi que meu pai estava em situação difícil, tinham se separado, trouxe meu pai depois, eu não pensava no problema, eu chegava lá e resolvia. Eu chegava e solucionava. Cheguei lá e minha mãe tinha vendido o sítio, aí trouxe ela e o outro irmão, esse que está em Brasília, que é capitão. No início morou com a gente, não deu muito certo. A vida foi ajeitando, meu irmão de Barra Mansa levou o pai pra lá, ficou de mal comigo por um tempo porque eu levei o pai. Eu morava em quarto alugado. O pai ficou doente, eu o levava para Vassouras, levava colega para doar sangue para ele, tudo isso eu fiz, e nada disso me fez falta. Por isso você esta me vendo aqui à toa, estou à toa, sabendo o que eu fiz. Eu ajudei um outro irmão aqui para estudar no Macedo Soares, e como estudante ele aproveitou o tempo dele, hoje ele é capitão. Eu não penso em fazer mais nada, investir, essas coisas.

Nesse momento, Antônio me questiona:

-Quando você me vê, você pensa o quê?

Respondo:

- Vejo o Senhor pensando na vida.

É, eu penso mesmo. E volta a relatar. Eu não penso em fazer mais nada. Se eu comprar uma casa, eu vendo no mês que vem. E aí ele pergunta novamente:

- O que você acha que eu deveria pensar?

Respondo:

- Pensa no seu quintal. Ta vendo aquele pé de goiaba? É goiaba japonesa e quase que não tem semente. Outra coisa é o pé de acerola que eu plantei. Coloquei três mudinhas juntas, mas ela reclama. E ele começa a relatar sobre suas arvores frutíferas.

Pergunto sobre as garantias de trabalho...

Getúlio só começava o discurso falando "Trabalhadores do Brasil". Mas falava bem pouco. Pegava às 7 horas até às 5:15 horas. Pegava 7 horas de um dia e saía às 7 horas do outro dia.

A esposa lembra-se dos altos e baixos do casamento. Com dois meses de casado, morando numa meia água alugada, ele trouxe a mãe e o irmão mais novo para morarem com a gente. Não tinha luz, nem água direito, era poço. Condução passava de 3 em 3 horas, quando não enguiçava. Eu comecei a vender roupa com dois anos de casada. Vendi até pouco tempo. A esposa diz que o salário de aposentado só dá marcha ré. E ele complementa que a marcha ré é a mais forte no carro, "então não estou aborrecido não". E a esposa complementa "quanto mais idade, mais despesa a gente tem".

Antônio relata que quis ter estudado mais, mas era difícil, fazia serão quando estudava na Escola Técnica Pandiá Cologeras.

A esposa relata que saiu do emprego porque não aceitavam casadas, senão teria trabalhado. Antônio retorna a falar sobre isso, as mulheres na CSN trabalhavam no escritório. Valeu-me muito tudo o que eu aprendi lá na escola, na roça. Matemática eu consegui, até mudei de sala, fui para uma turma mais adiantada. Eu tava atrasado em Português.

Coloquei um processo de isonomia que demorou 30 anos para sair. Esse é o último que eu tenho pendente. Complementa. Trinta anos esperando para receber os atrasados. Nesse momento, Antônio relata que gostaria de ter estudado mais. E que não conseguiu.

- No final, eu fiz coisas lá pra me mandarem embora, mas eles não me mandaram. Eu tinha dinheiro para comprar três caminhões. Controle de peça era tudo comigo, chamei a atenção do engenheiro na hora, mas eu não sabia que tinha gente reparando, o engenheiro chegou lá, pediu uma lâmina de serra e pegou, o engenheiro serrando completamente errado, e a gente estava sem peças daquela eu não tinha no depósito. E aí eu chamei a atenção dele sobre aquilo, mas não brigamos não, e a turma olhando de longe, não sabíamos, ainda falei: engenheiro não sabe serrar, e fui ensiná-lo. Falei: vamos lá, me dá aqui, senão quebra essa lâmina aqui, quebra a lâmina e como a gente faz? Peguei na serra com ele, agora você vê, o cara é engenheiro e não sabe e como é que ele vem nessa situação discriminar os outros e eu

vi ele discriminar meus colegas. Falei: você leva serrando e volta com ela, leve do jeito que você tá forçando, você vai quebrar os dentes dela, ele ficou me olhando assim, a turma lá de longe vendo. E os amigos falaram: Você chamar atenção do engenheiro. E eu penso que ele não é mais do que eu não. Onde eu vejo sombra de discriminação, eu não me sinto bem, a sombra. O que ele faz eu não faço, mas agora o que eu faço, ele já faz.

Hierarquia de trabalho:

O medo tremendo, um dia eu estava ajudando a montar uma máquina e aí eu peguei um trator D7 pra montar, desmontar e montar, e o meu amigo era meu ajudante nessa época, até fui testemunha do casamento dele. As filhas dele me adotaram como pai.

E aí, resultado, tem um espaço grande em frente ao escritório, e tinha um espaço da chefia que a gente enxergava lá em cima ele, e eles enxergavam a gente de baixo e o serviço que a gente ia fazer na máquina, era serviço de 3 meses, e não colocavam a máquina de jeito nenhum ali, com os colegas, e eles não colocavam na frente, e eles lá olhando, pensei: é aqui que eu vou encostar a máquina pra eles verem o trabalho que a gente tem. Encostei a máquina lá, e aí o meu amigo: pra quê? - Eles precisam ver o que a gente faz. O amigo foi buscar calço de madeira para a máquina. E eu calçando a máquina devagarzinho, faço isso todos os dias, essa máquina levantava 50 toneladas.

Sem acidentes

Mas aí a gente calçando a máquina ali devagarzinho, pra não deslizar, pra calçar uma máquina, é um perigo, escorrega. E aí, chefe de departamento, né? Perguntou: o que esta acontecendo aí? E eu falei: você sabe o andamento? Ele falou: suspender, calçar, mas você tá muito devagar. Oh, cabra safado, né? Eu falei: tem que ser devagar, a gente tem reunião de segurança do trabalho quase todos os dias aqui, tem que ser devagar mesmo pra calçar uma máquina dessa. Quanto você acha que pesa uma máquina dessas? É quase 30 toneladas, se isso aí cair, quebrar uma perna, pode matar e quem vai ser o responsável sou eu.

OBS: Ao mesmo tempo em que tinha prevenção, tinha um sistema que cobrava rapidez e com isso provocava acidentes.

E eu vou continuar do mesmo jeito, mas não fala isso com os meus colegas ai da frente, que dessa forma você provoca um acidente. Se chamar atenção desse jeito, vai chamar, vai provocar um acidente, eu sei o que eu estou fazendo. Saiu até bufando de raiva. Eles não querem que a gente fale o que tá certo não, poxa, e aí ele saiu e eu falei pro meu amigo que ele é um homem igual a mim, igual a você, faça a sua parte, mas não fica com medo desses

homens não. Ele saiu que saiu danado. Eu falei: amigo, vamos fazer o seguinte: você ia sair pra buscar calço, fiquei meio desequilibrado (Estava nada) busque um café pra nós lá. Tomar um café, descansar.

Meu amigo foi lá buscar o café, pôde tomar café sossegado. Ninguém acredita, mas era isso que eu fazia. E aí depois dela calçada: E aí? Amanhã a gente vai fazer outra parte, vamos descansar, vamos trocar uma ideia, e eu sai de lá, aposentei sem nenhum acidente. E se eu fosse cair no papo dele?

Amor x ódio – relação dual de sentimentos

Mas depois eu fiquei com dó desse engenheiro, eu olhava nele uma pessoa triste, triste mesmo. Não sei o que será dele não, quando fez três meses ele morreu de AVC, eu falei pra você amigo, você não me faz raiva não, hein... (em tom de piada)

Aquele engenheiro, o povo tinha um medo danado daquele homem, fiz um serviço uma vez na maquina, tinha que frenar. Você acredita que ele deitou debaixo da máquina para ver se eu tinha frenado mesmo? Meu amigo ficava doido.

Mas eu gostava de criação, eu gostava de cabrito, criava cabrito, porco, cachorro, eu fui numa fazenda uma vez só pra comprar um cachorro, mas o cachorro, vou te contar uma coisa, tava pertinho da época d'eu vim pra cá, e o cachorro tinha uma inteligência que vou te contar, aprendeu tudo o que eu ensinei, e se alguém me botasse a mão, ele tomava a frente. Hoje eu tenho um gato, tenho uma gatinha, a gente sai, eles vão para a casa dos outros, já acostumou aqui, veio um gato à noite, matou três, e a menina levou na corda, enforcou o gatinho, ficou ele só, já esta grande, eu solto ele ali, anda por aí, como não estou fazendo nada mesmo, eu solto ele e fico olhando para ver aonde ele vai.

Mas eu gosto muito de animal, cabrito, porco, cavalo, eu dava um grito lá na tronqueira, eles vinham tudo correndo encontrar comigo, tudo bebia água de mina, tinha uma mina dentro do pasto, nascia ali e descia, quando eu vim pra cá, nossa, eu sentia muita falta do cachorro, era bom demais, eu mudei para cá, eles mudaram para a cidade, o cachorro foi também, nossa que saudade!

Quando eu vim pra cá, uma coisa que eu pensei mais foi sobre os animais, "não vai ser fácil", era eu quem tratava deles, o meu pai não ligava pra nada, mas eu pensava que eu não ia ficar lá por causa de animal, não vai resolver meu problema, não dá, ai vim para cá, sempre pensava em voltar, comprar um sítio e voltar, mas depois cheguei à conclusão que o meu lugar não era a roça. Entendi que meu lugar era aqui.

Meu irmão, muito trabalhador e muito inteligente, mataram, lá. Novo. Muito novo. Acabaram com a vida dele. É... as coisas que a gente passa na vida. Fiquei tão chateado naquela época. Mas eu fiquei pensando na época "devia ter trago ele", era trabalhador e muito inteligente, ele já não tinha para onde expandir, se ele visse alguém fazer alguma coisa, ele fazia melhor, mas não teve oportunidade nenhuma também, né, ele se envolver com coisas graves, é aquele negócio, né... aí deu nisso. Mas eu sempre procurando vencer.

E quando eu vim pra cá, mudei de ideia de muitas coisas, né? Sempre aproveitando as oportunidades... Não perdi a oportunidade, se perder uma oportunidade, pode esquecer, mas, se aproveitou, é lembrança para toda a sua vida.

E aí a coisa que eu gostei muito foram as excursões, viajando para todo lado, conhecendo lugares, tem corridas que foram muito gostosas, mas tem umas que aborrecem. Tinha aborrecimento, mas, em compensação, outras corridas cobriram esses aborrecimentos, o cara começava a encher a cara, ia tomar banho na hora de sair, ia entrar no carro molhado, e tinha sempre hora para voltar, e aí eu tinha que fazer aquele trabalho na Kombi, tinha a manutenção, eu tinha três, tudo nova. Tinha um amigo pra dirigir, tive que tirar, começou a beber, quando ele começou a beber, tirei a Kombi, morreu cedo, cedo, quando ele começou a beber, eu tirei a Kombi. Outra coisa que eu fiz, você conhece aquela aposentadoria privada? Quando meu banco me chamou eu não quis, é um troço totalmente errado. No fim da entrevista Sr Antônio me explica como funciona e me dá algumas dicas financeiras... Pergunta sobre as instituições bancárias que trabalho, falou que aprendeu tudo sobre rendimentos conversando com as pessoas, gerentes e continua me dando algumas outras dicas, acredito que seja a proximidade desse encontro.

Nequinha

Sr Nequinha nasceu em 28 de setembro de 1930 e aposentou em 1978.

Eu estou assim: a minha memória esta muito esquecida, estou esquecendo tudo o que eu fiz, eu esqueci um monte de coisa que eu não sei mais, é engraçado isso; eu sei, mas não sei. Se eu for falar alguma coisa, se eu começar a falar e parar, eu esqueço, não sei mais o que e eu ia falar.

Aqui eu retomo ao objetivo do nosso encontro, peço que me conte sua história...

Quando nós chegamos aqui, foi uma beleza! Desde quando surgiu a Siderúrgica, papai veio pra cá em 1942, ele veio de pau de arara e iam caminhões lá em minas buscar, e aqueles

caminhões todos arrumadinhos, direitinho, pra pegar pessoas pra trabalhar na Siderúrgica, né, então, era bom. A gente nasceu de novo, pode-se dizer que nasceu de novo, porque a situação era difícil, né, a gente não tinha serviço, emprego não tinha. Meu pai era pedreiro, mas era difícil serviço, tinha um chiqueiro de porco, negócio para animais lá, quando tinha, chamaram meu pai e meu tio também que era pedreiro e foram levando assim. A vida apertada. Oh vida apertada...Veio todo mundo. Papai veio primeiro, né, e coisa e tal, estava começando a Siderúrgica, quando dava enchente aqui, não sabia se era o Paraíba, o que era, era uma coisa só, terrível, quando dava enchente aqui tampava tudo, aqui o bairro Nossa Senhora das Graças, ali Jardim Paraíba, o acampamento Central, aquela coisa toda ali, não era brincadeira não, então ...

Ah, era bom, bom demais, o salário era bom, passaram a ganhar, papai chegou aqui e já foi logo fichando, já foi trabalhando de mestre de obra, aquela coisa toda, e ganhava um dinheirão mesmo, ele mandava compras pra nós lá em Minas. Quando ele veio pra cá, tinha um trenzinho, já mandava as compras pra nós lá na roça. (se emociona e ri)

É, eu não posso falar muito, senão eu esqueço, eu me perco. Mas ele mandava as compras pra lá, a gente ia lá na estação pra retirar a compra e tinha que levar uma carroça mesmo pra carregar os mantimentos, que era muita coisa, era saco mesmo, aquela coisa toda e aquilo que o pessoal via.

Estou esquecendo...A gente ia pra lá e aquelas pessoas que não tinham recurso nenhum, e o nosso terreno era grande mesmo, e tudo era nosso né, e aquelas pessoas que vinham da roça, que estavam passando até fome, vinham buscar. Eu sei que o vovô botou um bocado de gente lá na nossa terra e dava comida pra eles, o vovô era mestre de obra, tinha escola agrícola, ali ele praticamente era quem tomava conta da parte de pedreiro e ele ajudava um bocado de gente. E era desse jeito, era uma beleza, quando a Siderúrgica surgiu aqui, foi bom pra gente e para os outros que não tinham recursos.

Quando meu pai veio pra ficar aqui em Volta Redonda eu tava com 13 anos, o papai veio e coisa e tal, daí passou um ano e já começou a fazer casa, aquele pessoal mais humilde, começou a ficar bem de vida, era uma beleza... Esqueci, foram construindo ali no Jardim Paraíba, no Rústico, naqueles bairros todos eles construíram. Eles iam construindo e distribuindo, acabaram de construir no Jardim Paraíba e deram pro papai. Casa bonita. Deram aquela casa pra nós, nossa, bacana e coisa e tal, não sabia o que fazia, como eu queria né, comia o que queria, ficamos ricos, a situação era difícil. A gente tinha muita terra, mas

morava todo mundo naquele sítio, era muito grande, as famílias todas ali, e até quem não tinha nada praticamente, quem dormia embaixo da marquise, o vovô levava lá pra casa, era uma beleza. Um ano mais ou menos que levamos para ganhar a casa, antes era só barraco, o material para construir o barraco, não pagávamos nada, e levantando a coluna e botando cada coisa ali, no acampamento central. No Jardim Paraíba eu sei que virou o paraíso, tirou o atraso. Depois que veio a CSN, melhorou muito, a gente trabalhava muito, mas ninguém via que trabalhava muito porque ganhava dinheiro.

Ninguém viu que trabalhava muito porque ganhava dinheiro despede do filho, mora com o neto e uma filha atualmente. Nesse momento, ele começa a falar sobre a neta que foi criada com ele e que atualmente está casada. Ele fala com orgulho que ela mora numa casa muito bonita, que o marido dela trabalha também na Siderúrgica, tudo sob controle. E tem os filhos. Ela trabalha no hospital. Ela trabalha de enfermeira agora.

Quando eu vim era só eu, meu outro irmão morreu, os que nasceram antes de mim morreram, foram morrendo, esse irmão meu bebia muito, ele dançava numa gafieira e não era brincadeira, tomava muito e fumava, daí passou muito tempo até ele morrer; o mais velho era ele. De homem ficou só eu. Uma irmã e eu. Outra irmã também faleceu. Quando eu vim, eu tava com 13 anos e comecei a estudar no Barão de Mauá, perto do Jardim Paraíba, aí do lado fizeram um galpão, um lugar muito grande, não sei falar, e construíram a Escola Técnica. Fui estudando e aí subindo, ia passando primeiro, segundo e no terceiro, ia subindo de graus, e no terceiro ano e a gente já sai: Tinha máquina, tinha torno, eu estudei. O papai era mestre de obra na Siderúrgica toda, ele ajudou a construir a Escola Técnica. Quando acabou de construir a Escola Técnica, quando inaugurou, fui um dos primeiros alunos.

Eu tinha tudo pra ser um bom aluno, mas eu era meio malandro, vou falar a verdade, eu era meio malandro. Tinha tudo pra ser um grande professor, né (rindo); mas antes de ter o recreio, na verdade não tinha recreio não, era um campo e ia jogar bola, eu matava escola, eu era danado. O Professor Furtado, que era o chefão de lá, chegou a falar com o meu pai: o Nequinho está matando aula, falou que tá vindo pra escola, mas, não tá. Aí eu fui endireitando, né, endireitando, endireitando, endireitando. Aí veio o tempo de servir o exército, eu servi no Tiro de Guerra, né, com 18 anos, mas o Tiro de Guerra era igual o “bibi”, ou melhor, uma farda muito bonita que nós tínhamos, quepe bonito. Eu gostava, era muito bonito, e aí não faltava namorada, era bonita mesmo a farda. E quando completou o meu tempo, a gente saiu, e aí comecei a trabalhar. Eu estudava à noite, daí depois tava meio pesado

e ai pensei: não da não. Nunca tinha trabalhado, saí fora. Só trabalhei fora. Mas foi bom que a gente aprendeu alguma coisa e também viajei muito. Fui para a Siderúrgica, fui conhecendo desenho, eu queria trabalhar em Estrutura Metálica, vinha tudo de navio dos Estados Unidos, naquele tempo não tinha fábrica aqui não, vinha dos Estados Unidos, e ai depois montavam toda a estrutura aqui na CSN, vinha de lá gente montava na Siderúrgica.

Hoje a gente vê esse mundaréu, mas tudo começou assim, do nada, e aí acontece que a Siderúrgica montou a FEM (Fábrica de Estrutura Metálica) passou a fabricar a nossa própria construção, já ia fabricando aqui e montando o alto-forno, coqueria. Começamos a montar, começou a vender e a vender pra outros países. Nós estávamos vendendo para outros países já. (sorrindo) Então tava uma beleza, começando a trabalhar e aquela coisa, eu viajei para um bocado de lugar, só não saí fora do país, mas viajei bastante. O pessoal comprava, fazia a compra de material, se era prédio, o que queria. Qualquer coisa vinha e a gente montava. Eu viajava muito, Rio Grande do Sul, aquela ponte do Brasil-Paraguai, fomos nós que montamos. Um frio faz frio pra danar, né?

Eu fazia a montagem e a cravação. Tinha a solda elétrica, mas era só pra qualquer coisa, pra fazer montagem era parafuso mesmo, bicho de sete oitavos que pesava os 20 quilos e ar comprimido, o rebite era fabricado com... colocava seis parafusos, colocava três e tirava três, depois ia tirando e colocando rebite, era barra pesada, era pesado e muito barulhento, tinha que botar um troço no ouvido aqui, pra não prejudicar muito.

A gente trabalhava muito, mas era bom, aquele negócio quente, vinha derretendo mesmo na estrutura. Por exemplo, no Escritório Central agora tá parado, e começamos de baixo e conforme íamos montando, eu ia subindo, e a gente tinha que trabalhar nas alturas mesmo. Mas eu trabalhei na montagem dos computadores. A minha memória... esqueci o que ia falar...

A gente foi montar os computadores depois de muitos anos, muito tempo, estávamos montando os computadores, eram como uma sala dessa os computadores. Antes tinha uma equipe só pra montar o nosso contracheque, nosso pagamento, não tinha computador ainda, era na base da máquina mesmo, não era brincadeira não. Depois que nós montamos os computadores, em um dia tava tudo pronto. (sorrindo) Em um dia. Colocava tudo lá e pronto. Levava um dia pra sair o pagamento e antes não, levava dias. Nessa época eu só tava namorando. Quando eu comecei a trabalhar, eu ia sempre pra Lavras, passava quase as férias toda lá. Ia para Barra Mansa, o trem saía de lá, cedo. Era bom demais. Eu não tinha casado

ainda e a família tava quase toda aqui, sabe como que é né, a família de pedreiro, alguns em casa e outros que antes da Companhia dar casa, vieram aqui e arrumaram o serviço. E moravam no barraco para os operários mesmo. Era bom demais.

Tinha uma praça bacana, coisa e tal, eu acho que sexta iam as moças. Sexta, sábado e domingo. Mas ficava assim , oh, gente pra danar, ficavam por ali, andavam todas de braço dado, vinham de Vargem, Cantasol, Lavrinhas, de todo lugar, Lavras- MG estava crescendo ainda.

E a gente dava sinal para uma, vinham três, quatro moças. Namorava pra chuchu, mas era muito bom. Depois virou um paraíso, antes do Getúlio Vargas começar a inventar de fazer a Siderúrgica. Quando inventou, começou a rodar o Brasil todo, vinha baiano, pernambucano, de todas as raças. E era muito bom. Era um vidão. Eu, quando comecei a viajar, eu conheci um bocado de lugar, Santos, Campos, viajava para vários lugares, morei em Belo Horizonte quase um ano, muito tempo, eu ficava no hotel era tudo por conta da CSN, pagamento do salário, tudo. Mas não precisava nem pensar naquilo (salário): vou deixar juntando lá. A gente recebia diária, que era uma grana alta mesmo, que eu dava pra tratar da família, pagar o hotel 5 estrelas. Em Belo Horizonte eu fui contratado pela rádio Tucuruí, e eu estudava canto, tava quase formando em barítono cantante, foi uma beleza, cantei muito em Belo Horizonte. Fiz um curso na rádio, passei em primeiro lugar lá, em Belo Horizonte, e televisão. Primeiro cantei na rádio, no concurso, passei em primeiro lugar, e depois na televisão. Eu tinha um vidão. Agora que veio essa doença. Mas antes...

Eu me casei em Volta Redonda, mas a moça era de Ribeirão Vermelho. Namorei a moça aqui em Barra Mansa e ela era de Ribeirão Vermelho – MG, bonita. Eu me casei. Era meio atrapalhado, gostava de namorar muito, né...Não vou mentir pra você, eu acabei fazendo umas besteiras, mas eu casei, são coisas que a gente fica até sem jeito... Eu tenho agora uma filha, um filho e uma filha que mora com a mãe, cuida dela. Casei a primeira vez, depois tive um outro negócio aí...muita coisa. Mas foi muito bom, as duas foram muito boas, me tratavam muito bem. Eu é que não prestava.

Qualquer uma delas foi legal, todas bonitas, a outra eu trouxe da Bahia. Na verdade era baiana, mas já estava aqui. Ela era bem nova, acabei casando com as duas. Eu não tinha juízo não. Ah, e muitas coisas... Parecia que era fácil demais.

Eu tenho um filho que tive com a primeira, que mora no Espírito Santo, é o mais velho, ele está bem. Não tem juízo, diz ele que vai criar juízo, deve ter puxado o pai, mas ele é

bonzinho. Eu converso, mas não tem juízo não, até hoje não casou, só vive de rolo, tá doido. E ele arruma as mulheres boas, bacanas, coisa e tal, fico pensando se eu era assim desse jeito...

Ele falou agora, por telefone que agora vai casar, disse que arrumou uma namorada, que não quer mais saber de rolo, quer casar mesmo. Tem que dar um jeito, meu filho, porque senão, daqui a pouco você tá com quase 50 anos e fica nesse rolo. E como é que vai ficar sozinho nesse mundo? Falou que agora vai casar mesmo com a ajuda da família.

(Ele pergunta o ano de sua aposentadoria, e a filha diz: 1978.)

Depois que eu aposentei, eu fiquei um ano parado, falei que ia ficar parado, mas não deu porque eu tava muito novo e com muita saúde, né: Não sofri nada, não tinha nada, fui ficar doente agora, mas antes eu não tinha nada. Eu tava muito bom. Aí eu fiquei um ano, eu falei: ah gente, não dá pra ficar parado. E aí eu comecei com a bebida, fumar, eu nunca fumo, aí eu tomava umas bebidas. (rindo) Aí, viciei com a bebida. Eu não podia ver um boteco, ficava muito na rua, eu vivi muito na rua, eu tocava violão, essas coisas, era um seresteiro. No sábado, hoje é sábado? No sábado eu só ia, saía andando. Sabe como? Deixava a família e tudo, e saía andando, gostava de andar muito arrumado, botar uma roupa bonita, tudo, pegava o violão, botava debaixo do braço, sumia, quantas vezes eu ficava 2 ou 3 dias na rua? Era um caso sério.

Eu gostava do Hotel Bela Vista, chegava ali: Depois de aposentar ainda voltei a trabalhar um pouquinho. Eu fiquei só na boemia, bebendo, aquela coisa toda. Ah, não tava dando certo não, eu não tava a fim de morrer não. Voltei à Cemil (empresa), trabalhei uns tempos, bacana. Bom, também eu acabava não fazendo nada. Mas eu era muito “farrista”. Apesar de estar doente agora, e depois que eu fiquei doente faz mais de 3 anos que eu sou um problema. Melhora um pouco, mas, o resto está tudo bem. Não sei quanto tempo trabalhei. Depois trabalhei na Barbará, na usina Barbará, com o alemão, peguei amizade com ele, e ele trabalhava na empreiteira. Pelejou comigo, saía e me encontrava bebendo, ele falava comigo.

Ele falou pra mim que eu tava muito novo, concordei com ele. Eu fiquei na Barbará, fiquei trabalhando um tempo na Barbará. Trabalhei uns tempos, cismeiquei que não iria trabalhar mais não. Depois, aqui na Voldac, tinha uma oficina grande, que tem ali, de estrutura, tava precisando de montador, né. Fiquei lá, mas ficou bom. Não era todo dia, não ficava andando de bar em bar. Eu trabalhava durante o dia, saía, fechava o ponto e coisa e tal, ficava até

10:00h, 11:00h no bar, bebendo. Era terrível, né, no outro dia ia trabalhar. Melhorou porque aí durante o dia não bebia.

Tinha um alemão que a gente trabalhava junto na Companhia eu trabalhava e ele também, e de vez em quando eu viajava e, às vezes, tinha a equipe também e eu viajava com ele, né, aquela coisa, ele sempre um grandão, era muito alto, e lá em Campos (cidade do Rio de Janeiro) o pessoal é tudo baixinho. Naquela época a gente ia à praça pra passear, coisa e tal, chegava lá, a gente ficava com medo do alemão, aquilo não era um homem, era um gigante mesmo, lá longe você via o alemão, mas era danado, era gente boa. Em Lavras, eu tava com 13 anos quando eu vim pra Volta Redonda, antes disso eu estava com menos idade, mas não foi na infância que eu bebi. Eu comecei a beber um vinho e depois a coisa foi ficando feia, o vinho já não dava mais, no começo dava porque eu não estava acostumado. Depois eu comecei beber Campari, essas bebidas mais fortes, né, eu sei que não foi bom não, dava muita ressaca, esse era um problema, eu já tava com problema e continuava bebendo.

Meu irmão foi muito pior do que eu, a gente não tinha sei lá, como é...o que acontecia com a gente. Eu não bebia e ele bebia mesmo, coitado, a mulher era boazinha, e a mulher dele ela gente boa, ele é que não valia nada. Ela morreu agora tem uns, ah, deve ter uns 3 anos. A minha primeira mulher tá viva ainda, ela está muito ruim, coitada, nem andar, está andando mais. Ela mora lá com a filha. Ela teve mais uns três filhos. Eu tive mais três filhos. Desde quando cheguei aqui, eu morei no jardim Paraíba. Papai veio, ficou um ano aqui, ele mesmo construía, ele era construtor, na verdade ele era chefe, mestre de obra, e aí deram a casa pra ele, lá no Jardim Paraíba.

Morei no Jardim Paraíba quando era solteiro ainda. Me casei, fui morar em diversos lugares: morei no Eucaliptal, no 249 (Bairro), e fui morando pela cidade toda. Morei na Vila, na Rua 44, na rua do hospital, não, Rua 41, morei ali alguns anos, a casa não era minha, era de um senhor lá de Lavras (Minas Gerais), mas a família dele não quis vir pra cá. Perguntei se ele não queria morar no meu apartamento, mas eu morava já em barraco da Companhia, onde era a laminação antigamente, do lado do Conforto, perto do rústico, eu morava ali. Casei outra vez... Nós estamos conversando mesmo (comenta, parece referir a nossa entrevista), falei assim com ela (esposa): vamos divorciar? Ela ficava em casa, sabe, aí, meu Deus do céu, eu era da farra mesmo, tinha uma turma de advogado que eu era colado assim, a turma nossa era bem de gente rica, e eu no meio deles, aí o meu amigo advogado depois passou a ser juiz, parece que ele esta em Andrelândia (Minas Gerais).

Era tudo bom, né, ela pegou, falou assim: você que sabe, se você quiser divorciar, nós divorciamos ué: Peguei, fui lá no advogado, falei com ele: doutor, estou querendo divorciar. Ele falou: tá ficando doido? Aí eu falei com ele: eu sou casado, mas eu não sei se sou solteiro ou se sou casado, então vamos resolver de uma vez. Pensei em me divorciar, mas pensei em continuar com a mesma mulher, na mesma casa, ela morava no apartamento, né, e aí coisa e tal. Ela falou: você que sabe. Eu não tinha juízo. Eu achei que ela fosse achar ruim. Que nada. E aí foi rápido, arrumei os documentos, passei para ele, rapidamente, arrumou logo.

Meu Deus do céu, cada coisa que acontece no mundo. Eu fiquei ali. Falei: e agora? E namorava outra, eu estava com as duas. Eu perguntei se ela queria divorciar, mas ela queria continuar como mulher, ela falou pra mim: tanto faz. Levei a outra lá para o apartamento, casei com a segunda esposa. A baiana. Ela tava com 17 anos quando eu casei com ela. Uma já faleceu, não tem muito tempo não, ou tem bastante tempo, mas não tem tanto assim, e daí pra cá...

Eu já era cantor, né, aí continuei na vida de boemia, cantando seresta, essa coisa toda, né, rodava Volta Redonda todinha, Aero Clube, Bela Vista, vivia nesses lugares. Você conheceu o Jardim Europa?

Quando nós formamos o Clube Palmares foi ali no Aterrado (bairro de Volta Redonda), começamos ali, era bom, bacana, aí vendeu ali e depois foi lá no Jardim Europa. Engenheiro Nazário, grande engenheiro, aquela turma toda bebia, nossa mãe: Engenheiro Elias, escuro também, gente boa, a gente não era bom pra gente, mas para os outros a gente era gente boa, não era bom porque, essa colegada, tudo do trabalho e aquela coisa toda, fazer muita bobagem, era ruim para a gente fazia aquelas besteiradas todas.

A gente acaba se dando mal com a gente mesmo, Palmares (Clube) então era muito bom, era legal mesmo, era uma negada mesmo, negada toda gente boa. Podia ir branco também, nós não tínhamos preconceito não, nós não temos preconceitos, se chegava branco ficava só na entrada de sócio.

O Paulo Mendes...o Paulo Mendes acabou, esquisito, eu nem sei porque que acabou aquele clube, era no Aterrado, e continuou, um que está firme até hoje, como é? Que é ali... o Náutico (Clube), tá bonito. O Clube dos funcionários era só da alta, a gente entrava, comia lá e tudo, cantava, eu era cantor, né, tinha um mestre, um grande músico, pra valer mesmo. Eu cantava música clássica, eu estudei música lírica, então eu cantava. Eu estudei no Conservatório Brasileiro de Música, era ali na Rua 43, era bom, professora boa, ela faleceu

nova ainda, mas era uma grande professora. Ela que comandava, não sei como é que foi, depois foi para o Bairro Sessenta.

Passei um tempo sem estudar, eu ia cantar em um lugar, fui estudar. Aí eu ia cantar um trecho de ópera, aí fui estudar mais um pouco. Eu cantava música de ópera, eu era barítono, era só abrir a boca assim, já era aquela coisa, né...Tinha um amigo que cantava comigo, morreu, eu e ele fomos para o Rio fazer prova. Passamos lá no conservatório, fizemos lá no Rio, tiramos em primeiro lugar. Tinha um vozeirão, morreu, e eu continuei cantando, aí cantei no Chacrinha, cantava no sábado aqui no Rio, e no domingo na Urca, na Globo.

Eu cantava no Rio e cantava em São Paulo, e cantei aqui em Volta Redonda. Com o Chacrinha também. E nessa época eu já estava aposentado. Há muito tempo. Mas eu cantei com o Chacrinha aqui, ele veio fazer o programa aqui, no feriado, não sei, eu cantei com ele também, e aí eu fui cantando, mas agora eu não estou cantando mais nada, agora praticamente eu canto lá no Centro Dia (Instituição de Longa Permanência) , né , eu estou com a língua enrolada, não tá saindo a expressão direito, mas eu ajudo, eu não sou mais aquele que eu era, era barítono. Nem precisava de microfone, na TV tive que usar, mas pra eu cantar e outra seresta, serenata eu cantava assim mesmo eu tocava violão e cantava.

(Pergunto se na família tinha outras pessoas que gostavam de música)

Eu tinha pessoas que gostavam de música na família. Meu tio, minha tia lá em Lavras tinha duas bandas, uma da prefeitura e uma outra particular. Meu tio arrumou uma encrenca lá, eu só sei que ele dormiu, meu tio era bravo da vida, gostava de uma briguinha, e ele tocava lá, arrumou uma briga na cidade e coisa e tal, no coreto da cidade arrumou briga com as duas bandas naquela noite. Ele sumiu e o boca tava lá em até hoje é aquele bocal. Ele sumiu durante o dia, passou muito tempo ele, e morreu não foi mais em Lavras, Há muitos anos, naquele tempo era criança, eu sei que ele morreu e não voltou mais em Lavras. Mas e aí foi morrendo o tio, depois morreu a outra tia. A minha tia, ela ficou antes dela morrer mandou avisar pra que ela estava doente coisa e tal.

Ficou mais de 30 anos, tanto é que deu aquele rolo lá, eles tiraram o bocal que ele me deu. Ele falou Nequinha, para quando você crescer, você tocar igual seu tio. Não deu pra tocar, eu tocava violão, mas agora, música mesmo eu entrei no conservatório, né, e aprendi bastante.

Mas era bom, era um vidão, um vidão mesmo...

Belo Horizonte... Belo Horizonte então, não foi fácil, eu gostava muito de lá, montamos lá uma cidade a porque montaram a fábrica de estrutura aqui e então a Siderúrgica mandou equipe pra lá pra montar a cidade. A gente já tinha estrutura... Aí fomos pra lá, levamos vários materiais daqui pra lá, cada um botava sua indústria, outro botava uma, botava outra, botava outra, ficava uma beleza, foi uma beleza.

Toda a vida eu trabalhei durante o dia até às 17h, trabalhava desde as 8h, tinha serão, quando o serviço estava muito apertado ou qualquer coisa, tinha sempre serão. Mas era melhor, recebia só a diária, aquele notão bonito, só a diária dava pra pagar, dobrava o pagamento praticamente, era muito dinheiro e fora o serão, as pessoas que souberam fazer as coisas, pode-se dizer que ficaram ricas, pegavam aquele dinheiro todo, iam juntando, juntando aposentaram bem de vida.

Quando comento da greve de 1988...

O exército entrou dentro da CSN, o negócio foi feio. (Sr Nequinha não se lembra de detalhes e mesmo com algumas perguntas, ele não relata maiores detalhes.) Eu não estou lembrando, não sei se eu ainda estava trabalhando. Eu trabalhei em três firmas, em todas elas na mesma função, no que eu estudei, que é estrutura metálica. Na Barbará não, eu fiquei tomando conta das ferramentas só, tinha tudo anotado direitinho, quando alguém precisava da ferramenta, ia lá, fazia nota, tudo direitinho, dava a ferramenta para a pessoa e ganhava bem. Foi bom demais.

Agora que eu fui ficar doente, de uns 3 anos pra cá que eu fui ficar doente. Não tinha nada, tinha tudo, não é brincadeira não, eu vi muita gente morrer no meu departamento mesmo, ué, muitas áreas perigosas, porque estrutura metálica fizemos uma montagem lá em Arcos, já ouviu falar? Em Arcos, eu trabalhei lá, montamos uma parte lá de calcário, nós montamos o maior britador. Você sabe o que é britador?

Sorrindo fartamente, ele reforça: então, nós montamos lá um britador do mundo, foi um guindaste daqui, porque não tinha um guindaste por aí, então a Companhia tinha esse pequeno, mas não tinha um pra pegar peso igual aquele, e ai foi daqui de Volta Redonda, e de volta redonda para Arcos, foi tempo para chegar lá, era muito grande, um negócio do tamanho dessa casa aqui, (rindo) aquilo foi, foi andando, por enquanto dava pra andar, né, andava dia e noite até chegar lá, até chegar lá não parava não, o pessoal ia dormir do lado de dentro do próprio guindaste tinha lugar para dormir, então trabalhava, dormia, o outro ia dirigindo. Hoje em dia a estrada dá pra ir, mas antes era difícil, lugar de roça, né, era difícil demais, e aquilo

foi. Aí tinha que arrumar a estrada e ir arrumando a estrada, onde não dava pro caminhão passar, tinha que abrir, sei que não foi brincadeira não, cada peça do tamanho disso aqui pra pegar lá, era o tamanho dessa varanda, as peças eram fabricadas, aquela coisa toda.

Estava lá de cima, nós estávamos fazendo a montagem, do tamanho dessa varanda do tamanho dessa varanda. Aquelas peças pesavam mais de 15, 20 toneladas, pegava aquilo ali, era o maior do mundo mesmo, 150 metros de altura em cima da montanha que ficava era pra cortar, tinha que subir pra chegar lá na montanha, montando aquilo ali, lá em cima, numa altura de mais de 150 metros. Não sei quantos metros, sei que era alto, em cima de uma montanha de calcário, no pico. Quantos riscos... Era uma altura, só nesse negócio pra chegar lá, lá em cima na altura de mais de 150 metros, o guindaste lá em cima da montanha de calcário. Era tudo fumaça. Está doido, a gente tinha medo sim. Apesar de ter certa liberdade, o lugar que nós montamos a máquina de calcário era numa altura terrível. Graças a Deus não deu acidente nenhum. Nós trabalhamos, montamos mais alguns galpões, sei que o negócio foi bom, não teve nada. Agora, aqui na CSN, eu já vi gente morrer e ficar aleijada mesmo. Aquele monte de ferro, camarada caía lá de cima, caía arreventava no chão, virava praticamente o bagaço. A família recebia. (indenizações)

(Quando eu falo sobre as pessoas que sumiram lá dentro...)

Ele sorri e fala: é verdade, lá dentro, quando a gente estava montando a Aciaria (setor da empresa), lugar de risco, não sei explicar, o meu irmão trabalhava lá, eu trabalhava só de dia, e o pessoal fazia turno, nesse mesmo lugar, nossa, uma panela de ferro arreventou, mas morreu gente pra danar lá. Operador de ponte não morreu, mas ficou deformado, queimou muita gente.

Praticamente assentou a Siderúrgica.

E agora começou uma briga danada, arrumaram uma encrenca aí e estava querendo tirar ela, essa coisa toda, mas como melhorou muita coisa.

(Nesse momento, ele fala sobre o processo de impeachment da Presidente Dilma)

O Lula que veio do nada, depois ele veio pra São Paulo e começou a crescer, presidente é tanta coisa que a gente nem sabe de verdade o que é que acontece, vamos ver no que vai dar aí..

(No final da entrevista, eu vejo que ele está cansado e comento que a gente conversou bastante coisa e ele fala: mas é bom porque a gente às vezes até a sara, é muito bom.)

Eu sinto, é assim, um negócio esquisito, e conversando assim a gente esquece, a gente começa a enveredar nas respostas. Foi uma maravilha, pra mim, falar. Antes de você chegar. Eu estava esquisito, eu estava, não estava me sentindo bem, que eu não estou podendo andar direito, né, (aqui ele parece falar do Centro dia, uma instituição que vem durante a semana pegá-lo para passar o dia), lá tem sempre um dia, levam a gente, a gente brinca de segunda a sexta. Então é bom. Eu chego lá, já começo a conversar com um e com outro né, a maioria lá usa cadeira de rodas, lá tem um lugar que é pra ficar internado mesmo. Quem não tem socorro tem que ficar lá e fica bem, porque a gente chega lá e é uma beleza, uma limpeza.

Eu sou diabético, fiquei um mês, quase um mês internado lá com diabetes. Que Diabetes não tem cura, né, mas ainda sou o que sou, né...